

OS CHAPMANS
Caleb



CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS CHAPMANS
Caleb



CHRISTINE STERLING

Caleb

CHRISTINE STERLING

OS CHAPMANS

1ª Edição



Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: Caleb
The Chapmans #3
Copyright©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Raquel Ribeiro
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Capa: Virginia McKevitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christiane

Título: Caleb(recurso eletrônico) - ©2023 Leabhar Books Editora
Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de Caleb © 2020 - Christine Sterling..

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-065-3

1. Western. 2.Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS



Jesus, a rocha sobre a qual estou. Obrigada, Senhor, por amar uma pecadora como eu.

Minhas três lindas filhas, Rebecca, Nora e Elizabeth, que são as razões de tudo que escrevo.

Eu não poderia fazer isso sem minha equipe de editores e revisores – Carolyn e Amy, obrigado por me fazerem parecer bem!

Obrigada a Virginia McKevitt por meus muitos ajustes nas capas dos livros. Você tem a paciência de Jó!

Minha melhor amiga e irmã, Lauren Sorgaard, por me permitir chorar e gritar quando as palavras não estão fluindo e comemorar comigo, quando estão!



DEDICATÓRIA



Ao meu amor e cara metade, Daniel. Obrigado por me amar e me apoiar.

Obrigada ao Chapman Street Team por tornar toda esta série possível!

Essas pessoas incríveis leram cada capítulo deste livro enquanto ele estava sendo desenvolvido e forneceram um feedback incrível! Elas também nomearam cerca de 90% dos personagens! Eu aprecio cada uma de vocês!

- Alice Kimes
- Amy Petrowich
- Dolores Howard
- Jocelyn Logan
- Laura Park
- Lauren Sorgaard,
- Marcia Montoya
- Paulette Marshall
- Rhonda Myers
- Sandra White
- Sandy Sorola
- Sue Krznaric
- Theresa Baer
- Zona Fannin

DS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN & INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN & ELENORE BROOKS

OLIVER CHAPMAN & WILLOW STEPHENS

MICHAEL CHAPMAN (F)

CALEB CHAPMAN

EVERETT CHAPMAN

MARIANE CHAPMAN & ARCHIBALD GORDON

PENELOPE CHAPMAN & ANGUS HIGHTOWER

ALICE CHAPMAN

DS HARTHMANS

RANDALL HARTMAN & VERA BROWN

CHATTER HARTMAN

BAKTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN & DUKE RICHARDS

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN

PREFÁCIO



ABRIL DE 1865, SAN ANGELO, TEXAS

As batidas na porta despertaram Lydia Whitcomb de um sono profundo. Ela forçou os ouvidos, escutando o som novamente.

Seu marido, John, rolou e puxou Lydia para perto.

— É apenas o trovão — murmurou contra sua pele. — Volte a dormir, Lydia.

Ela não ouviu o som novamente, então puxou as cobertas por baixo do queixo para evitar a tempestade. Talvez seu marido estivesse certo. Houve tempestades terríveis nas últimas noites. Suspirou e viu o quarto se encher de luz brilhante, enquanto um relâmpago estalava perto da casa.

Lydia pulou da cama.

— Isso foi perto — disse. Tempestades sempre a assustavam. Mas esta parecia quase sinistra. Como se estivesse trazendo más notícias.

John abriu um olho e olhou para ela.

— Está bem acima de nós — disse. — Realmente, Lyd, volte para a cama. Eu tenho que levar esse gado do pasto sul amanhã. — Moveu as cobertas e deu um tapinha no colchão cheio de palha ao lado dele.

As batidas soaram contra a porta mais uma vez.

— John! — A voz de um homem chamou. Desta vez foi John que saiu correndo da cama.

— Isso soa como o xerife — agarrou suas calças e pulou para a porta enquanto empurrava uma perna e depois a outra pelas pernas da calça.

Lydia acendeu uma vela. Pegou um xale e seguiu o marido até a porta. Removendo a barra da porta, John a abriu para revelar um homem e uma mulher de pé na varanda.

Um relâmpago brilhou ao longe, permitindo a Lydia uma boa olhada nas duas pessoas de pé na chuva torrencial. Poderia dizer que ambos estavam encharcados.

— Qual é o significado disto? — perguntou John, conduzindo o xerife e a mulher estranha para dentro da casa. — Lydia, coloque um pouco de café — exigiu, antes de escoltar a mulher para o sofá que Lydia trouxe da Pensilvânia. Era de sua mãe e agora essa mulher, estava pingando água por todo o tecido.

Lydia sabia que ficaria manchado quando secasse.

Rapidamente acenou para o marido e correu para o fogão no canto da sala. Colocou alguns gravetos na caixa de madeira, um pedaço de linho encerado

entre as varas, e fez uma pequena oração. Esperava que o pequeno linho fosse suficiente para pegar fogo nas cinzas ainda fumegantes no fogão.

Enquanto esperava o fogo reacender, olhou por cima do ombro. A mulher estava respirando com dificuldade e Lydia podia ver o cabelo escuro grudado na cabeça da estranha. Sua pele estava pálida, e ela enrugou o rosto em uma careta.

Lydia virou-se rapidamente. Agarrando a cafeteira, colocou cascas de ovo e pó no fundo e encheu com água de um balde ao lado do fogão. Uma vez que a panela foi colocada acima do fogo, voltou para o marido.

John estava de costas para ela. Não conseguia ver o que estava acontecendo, mas podia ouvir o marido sussurrando para o xerife. O que quer que estivessem falando não devia ser bom.

— Eu não sou médico — disse John. *Médico?! As orelhas de Lydia se animaram.*

— Está tudo bem? — Lydia perguntou, contornando o marido para ficar na frente do sofá. — Oh, meu Deus! — murmurou. Levou os dedos aos lábios e olhou para a mulher.

A mulher agarrou a mão de Lydia e apertou com tudo que ela devia ter dentro dela. Lydia sentiu seus dedos se contorcerem sob a pressão.

— Arrrgh! — a mulher chorou.

Lydia observou a barriga da mulher se soltar e se contrair.

— Ela está grávida! — disse Lydia. — Por que não a levou ao médico?

— Ela disse especificamente para não fazer isso — O xerife tirou o chapéu e bateu-o no casaco de couro. Lydia observou enquanto a água se acumulava em seu chão limpo sob os pés dele.

— Por que não? — A mulher apertou a mão de Lydia mais uma vez. — Ela precisa de um médico. Não um fazendeiro ou a esposa de um fazendeiro.

— Ela perguntou por pelo nome, Sra. Whitcomb.

Os olhos de Lydia voaram para o marido.

— Não entendo. Eu não conheço essa mulher.

— A mãe me disse, que se eu estivesse com problemas, para encontrar a senhora.

— Sua mãe? — A mulher assentiu, fazendo uma careta quando outra dor a atingiu. — Parece que a dor está piorando. — Lydia colocou a mão na testa da mulher. — Ela está queimando de febre também — Olhou para o marido e o xerife. — Vou precisar de água fervente e panos. John, traga-me os lençóis velhos, posso cortá-los. Xerife, se puder carregá-la para o nosso quarto, ela ficará mais confortável lá.

— Nosso quarto? — perguntou John.

Lydia assentiu.

— Eu não vou permitir que ela tenha o bebê neste sofá — Ela enxotou John com a mão livre. — Venha Comigo — disse ela ao xerife.

Este deu a volta no sofá, pegou a grávida e seguiu Lydia até o quarto. Ela não teve tempo de trocar os lençóis, então simplesmente tirou o lençol de

cima e o cobertor.

Teria que servir por enquanto.

O xerife, gentilmente colocou a mulher no meio da cama. Levantou-se e mexeu-se desconfortavelmente, balançando de um pé para o outro.

— Acho que vou esperar com John agora — disse ele.

Lydia assentiu e fechou a porta depois que ele saiu. Voltou para a cama e sentou ao lado, passando a mão na testa da mulher. Seu cabelo estava pegajoso contra os dedos de Lydia.

— Qual o seu nome? — Lydia perguntou suavemente.

— Vangie — respondeu a mulher, arqueando as costas. — Isso dói muito.

— Vangie, eu sou Lydia. Não sei muito sobre partos, mas ajudei uma vaca e um cavalo. Acho que é mais ou menos a mesma coisa — Lydia desceu até a ponta da cama. — Preciso verificar se o bebê está aparecendo.

A mulher assentiu e Lydia espiou por baixo da saia dela. Soltou um pequeno suspiro.

— Está tudo bem? — perguntou, Vangie.

Lydia rapidamente soltou a saia e assentiu.

— Sim, está. Posso sentir sua barriga? — A mulher assentiu. Lydia correu rapidamente e pegou uma camisola limpa de seu malão. — Vai se sentir melhor em algumas roupas secas.

Lydia rapidamente ajudou a mulher a tirar as roupas molhadas e secá-la com uma toalha áspera. Então entregou a Vangie a camisola limpa e a ajudou a recostar-se. Quando a mulher se inclinou para trás, Lydia passou as mãos pela barriga desta. Pressionou em várias áreas diferentes e depois sorriu para sua paciente.

— Acho que o bebê ainda não virou. Está tentando sair, mas não consegue. Há quanto tempo está assim?

— Dois dias — a mulher bufou. — Eu vim a sua procura.

— Não sei por quê. Nós nos conhecemos?

A mulher se ergueu na cama e agarrou sua barriga.

— Nós somos parentes.

Lydia pensou por um momento. Ela não tinha parentes no Texas quando se mudou de Boston e se casou com John.

— Podemos falar sobre isso mais tarde. Agora, vou ver se podemos virar esse bebê dentro da barriga — disse Lydia, indo em direção à porta. — Eu volto já. Vou pegar um pouco de água e ajuda.

— Não me deixe, Lydia — implorou, Vangie estendendo o braço para Lydia.

— Só por um momento — Lydia saiu. Seu marido e o xerife se levantaram rapidamente.

— Isso foi rápido —, disse John.

— Não é rápido o suficiente. Acho que o bebê está ao contrário. Vou tentar virá-lo — olhou para o xerife. — Terá que chamar o médico.

— Eu não acho que isso seja sábio, Lydia.

— O que está acontecendo, Sam?
— Ela está fugindo, então quanto menos pessoas souberem que está aqui, melhor.

— Doc Morrissey não seria confiável? Ela precisa de ajuda.

— Eu não sei. Só sei que ela estava fugindo de algumas pessoas muito ruins.

— E trouxe esse perigo para a nossa porta? — Lydia viu John avançar.

O xerife levantou as mãos.

— Ela veio até mim, porque estava tentando encontrá-la.

— Ela mencionou que era parente.

O xerife assentiu.

— Disse que a mãe dela e a sua eram irmãs. Acho que isso as tornam, primas.

— Isso é impossível. Minha mãe era filha única.

— Ela sabia seu nome de solteira. Só me lembrei disso porque estava no seu casamento.

Um grito atrás da porta chamou sua atenção.

— Lydia! — uma voz fraca chamou.

— Eu preciso voltar lá. Sam, se puder continuar fervendo água; John, precisa me ajudar. Eu acho que isso é mais do que apenas puxar um bezerro.

— Eu não sei, Lyd...

Outro grito fez Lydia correr para a porta.

— Pegue a água! — orientou, enquanto desaparecia de volta para o quarto, deixando a porta aberta para que John pudesse entrar.

— Isso dói. Dói tanto.

John colocou uma tigela de água fumegante na mesa ao lado da cama e pegou uma camisa de linho de um cabide.

Lydia molhou um pano na água e deu um tapinha na cabeça de Vangie.

— Eu sei querida.

Vangie começou a chorar.

— Eu quero minha mãe.

— Shhh — Lydia tentou acalmar a mulher frenética. — Vamos avisar sua mãe assim que pudermos. Agora, vamos nos preocupar em fazer esse bebê nascer.

— Não! Ela não deve saber sobre o bebê — a cabeça de Vangie balançou contra o travesseiro. — Ninguém pode saber.

Lydia se inclinou e colocou as mãos na barriga de Vangie. Sentiu a cabeça contra a pele firme da mulher. Ergueu os olhos para John e balançou a cabeça. O bebê era grande demais para virar.

Compreendendo a gravidade da situação, John foi para o lado da cama.

— Eu tenho uma ideia. Quando uma cadela tem um filhote de culara, se agacha para parir. Talvez isso funcione.

Lydia assentiu.

— Ajude-me a mantê-la firme. Vangie, role se puder, vamos ajudá-la a se

levantar.

— Dói demais.

— Eu sei — mas ela não sabia. Estava casada há três anos e não havia nenhum sinal de um bebê. Sabia que John estava desapontado.

Quando a contração cessou, John ergueu Vangie sob os braços e a manteve ajoelhada. Lydia ajustou a parte inferior da camisola por modéstia, embora tivesse certeza de que era a última coisa na mente da futura mãe.

— Acho que estou sentindo minha barriga apertar de novo.

— Quando sentir isso, empurre. Empurre o mais forte que puder — o rosto de Vangie se contorceu quando prendeu a respiração e empurrou. Lydia podia ver o seu rosto ficando vermelho. — Mais uma, posso ver as nádegas e uma perna.

Vangie suspirou e um pequeno pacote escorregadio caiu na cama.

— Meu bebê! — disse ela, caindo para o lado.

Lydia rapidamente pegou o bebê e o entregou a John. Ele sabia o que fazer, melhor do que ela.

— A senhora tem um filho — disse a Vangie.

John deitou o menino e rapidamente limpou a boca do bebê. Ele então o virou e deu-lhe vários golpes nas costas. O menino permaneceu em silêncio.

— Respire — disse John com a voz rouca. — Respire. — Ele pegou o lençol e começou a esfregar as costas do menino firmemente. Lydia prendeu a respiração, apenas soltando-a quando ouviu os primeiros gemidos do recém-nascido.

Ela agarrou a mão de Vangie.

— Ele está bem, Vangie! Ele está bem!

John rapidamente embrulhou o bebê em um lençol de linho.

— Teremos que cortar o cordão, mas parece saudável. Tem todos os dez dedos das mãos e dos pés.

— Obrigada —, disse Vangie. Sua voz soou fraca.

— Como vai chamá-lo? — perguntou Lydia.

— Hart... — Vangie rapidamente agarrou a mão de Lydia e a puxou para perto. — Prometa-me.

— Te prometer? O quê?

— Prometa-me, que não vai deixar nada acontecer com ele.

— Claro que não, mas a senhora está aqui.

Vangie afundou no travesseiro.

— Prometa-me, que vai amá-lo como se fosse seu.

Lydia desviou o olhar para John que estava segurando o bebê.

— Nós prometemos, Vangie — John disse. — Como nosso.

Vangie deu um pequeno sorriso antes de se deitar no travesseiro e fechar os olhos.

John deu a volta e colocou o bebê nos braços de Lydia.

— Terá que preparar uma mamadeira para ele.

Lydia balançou o bebê em seus braços.

— Hart. Que nome incomum — olhou para o marido. — Aonde vai?

— Vou ver o que o xerife, sabe sobre essa mulher — deu um beijo na testa de Lydia e saiu do quarto.

Lydia olhou para o bebê enrolado em seus braços. Tinha pele pálida e grandes olhos azuis com um tufo de cabelo escuro. Soltoou uma risada quando viu três sardas em seu nariz.

Beijos de anjo.

Não importava de onde ele veio, os poderosos anjos de Deus estavam cuidando dele.

O som do trovão estalou no céu e Lydia viu um relâmpago através da janela panorâmica. Seu longo garfo batendo no chão ao longe.

Deu uma última olhada em Vangie. O peito da mulher subia por baixo da camisola. Cuidaria do menino e depois de sua mãe.

— Vamos encontrar algo para comer, baby Hart — disse, fechando a porta do quarto atrás de si.

CAPÍTULO 1



JULHO DE 1872, SAN ANGELO, TEXAS.

— Eu não entendo por que temos que sair?

Lydia Whitcomb, olhou para o menino pulando ao pé da cama. Com apenas sete anos de idade, era a imagem de sua mãe. Seus cabelos e olhos escuros contrastavam com sua pele clara. Assim como sua mãe, aquela pele clara ficaria da cor de um biscoito queimado no sol quente do Texas. Lydia podia ver um punhado de sardas pontilhando seu nariz bronzeado.

Beijos de anjo.

Se, se aproximasse, provavelmente seria capaz de contá-las. Ele tinha três quando nasceu, mas agora, havia várias em seu nariz e bochechas. Lydia sentia falta daqueles dias, em que o embalava para dormir e pressionava os lábios contra aqueles beijos de anjo. Agora que estava mais velho, não queria carinho. Estava mais interessado em sapos e girinos e brincar na lama ao longo do riacho. Também estava na idade em que questionava tudo.

Esse patife era seu filho como se ela mesma o tivesse carregado e dado à luz. Ele podia não ser de seu ventre, mas estava em seu coração. Tinha feito uma promessa de proteger o menino, e faria tudo para mantê-la, até dar seu último suspiro, o manteria seguro.

— Passe-me a camisa, Hart — disse Lydia. — Não temos escolha.

— Por que isso? — Hart perguntou, passando a ela a camisa de linho gasta. Lydia fez uma nota para pegar mais fios e remendos do mercado antes de partirem. Observou Hart esfregar o olho com as costas da mão e pôde ver a sujeira em suas palmas e dedos. Ela fez uma careta.

Dando uma olhada no chão, descobriu que seus pés estavam tão sujos, quanto suas mãos.

— Onde estão suas botas?

Hart piscou por alguns segundos e então seus olhos se arregalaram.

Eu as deixei no buraco de pesca! — gritou, correndo em direção à porta.

Lydia tinha reflexos rápidos. Estar perto de um garotinho fez com que descobrisse que era melhor ter habilidades. Estendeu a mão e agarrou Hart, puxando-o para perto dela.

— Vamos pegá-las a caminho do mercado. Eu preciso que fique aqui.

— Mas... por quê? — a voz de Hart estava abafada contra a barriga de Lydia. Ela o empurrou um pouco para trás para que pudesse levantar seu queixo.

— Os leilões de gado vão acontecer em poucos dias. Haverá estranhos que não conhecemos — afastou o cabelo dos olhos dele. Olhos escuros espriaram por trás de cílios ainda mais escuros.

— Haverá cowboys?

— Imagino que sim.

— Quero ser um cowboy quando crescer.

Lydia riu.

— Tem um longo caminho a percorrer, Hart. Eu sei, no entanto, que será o melhor cowboy por aí.

— Gostaria que não tivéssemos que vender nossas vacas.

Lydia sentou-se na beirada da cama.

— Eu sei, querido, mas depois que papai morreu, eu simplesmente não consegui acompanhá-los. Eles exigem muito trabalho para se alimentar e quilos de esterco, e nós simplesmente não poderíamos fazer isso sem ele. Mas sabe o quê? — deu um tapinha no nariz de Hart. — Tenho certeza de que quando chegarmos aonde estamos indo, haverá muitas vacas para ver.

— Aonde, estamos indo?

— Nebraska. Pense nisso como uma aventura.

— Por que, tia Vangie não pôde vir conosco?

Lydia mordeu o lábio inferior. Se perguntou o quanto dizer a Hart, mas sabia que se não lhe contasse alguma coisa, ele continuaria fazendo perguntas. Decidiu contar-lhe a verdade.

— Tia Vangie estava com problemas quando veio aqui. Estava fugindo de alguns homens maus e sabia que não deixaríamos nada acontecer com ela.

— Os homens maus a encontraram?

Lydia assentiu.

— Sim. Os homens maus estavam vindo aqui para encontrá-la.

— Acha que eu vou vê-la novamente?

— Eu certamente espero que sim. Agora, por que não vai lavar as mãos e os pés e depois volta e me ajuda? Estamos quase terminando. — Hart assentiu enquanto ela bagunçava seu cabelo.

Ela viu o menino sair correndo pela porta e, assim que ouviu a bomba derramar água no balde, virou-se e olhou para as roupas na cama.

Pegando a camisa que foi descartada quando impediu Hart de escapar, a dobrou e colocou no baú. Não havia muito o que levar. Eles não tinham muito. Apenas algumas roupas, alguns cobertores e memórias pessoais. Felizmente, Sam conseguiu garantir a venda da casa e do terreno. Ela conseguiu pagar o banco e ainda havia muito dinheiro para dar um pouco a Vangie e guardar o resto para seu futuro.

Empurrou a colcha que sua mãe lhe deu de lado e olhou embaixo dela. Ali na moldura ornamentada estava a foto do dia de seu casamento. O dia em que se casou com John e adotou o nome do marido.

John era realmente o melhor dos homens. Difícil acreditar que estaria casada por dez anos. Ainda mais difícil acreditar que ele se foi por três. O

perdeu para a pneumonia.

Se não fosse por Sam, Vangie e Hart, poderia não ter continuado vivendo. Sam Davis era o xerife e trouxe Vangie para sua casa naquela noite de tempestade há tantos anos. John se foi. Vangie agora tinha ido embora. Lydia estava realmente sozinha; e tinha um menino de sete anos para cuidar.

Lydia suspirou e apertou mais a colcha ao redor da armação. Sentia-se muito mais velha do que seus vinte e nove anos. Pegando uma saia que estava sobre a cama, a colocou no baú e fechou a tampa. Precisava levar a carroça até o mercado para que pudesse ser carregada com barris de farinha, feijão e outras coisas que precisariam para a longa jornada.

De manhã ela e Hart pegariam a trilha Goodnight Loving. Sam sugeriu que seguissem por ela ao invés da trilha do Oeste. Ele lhe disse que haveria mais carroças na trilha pelo Colorado e poderiam, simplesmente se juntar a uma das caravanas ao Norte. Também, houve menos ataques de índios ao longo desta.

Sam iria aparecer para ajudá-la a carregar a carroça, depois de se certificar de que Vangie estava no próximo comboio para Kansas City. Quando Sam soube que os homens procurando por Vangie estavam vindo para o leilão de cavalos e gado, não perdeu tempo em avisar as mulheres.

Sam era o único, além de John e Lydia, que conhecia a identidade de Vangie. Eles planejaram o que aconteceria, se esse dia chegasse. Se Vangie precisasse fugir, John e Lydia criariam Hart como seu filho. É por isso que Hart conhecia Vangie como tia, ao invés de mãe. Quando John morreu, Vangie traçou um plano de que ela iria para o Leste, e Lydia para o Norte.

Lydia nunca sonhou que esse dia chegaria.

Agarrando seu xale, saiu pela porta para encontrar Hart.

Estava curvado, cavando a terra com uma vara.

— O que está fazendo?

— Eu estava enterrando minha pedra.

— Sua pedra?

Hart assentiu, mas continuou cavando.

— É a que encontrei no riacho com o pai.

— Por que está enterrando isso?

— Assim os novos proprietários vão saber que este é um lugar especial. —

Lydia não sabia o que dizer, então viu Hart terminar de enterrar sua pedra, enfiando um pedaço de pau na pilha de terra. Quando se levantou, limpou as mãos na camisa. Lydia suspirou.

— Lave suas mãos. Precisamos ir à cidade.

— E pegar minhas botas.

— E pegar suas botas.

Lydia caminhou até o celeiro e amarrou sua égua na frente da carroça. Taffy, era o último dos cavalos da fazenda. Mesmo que estivesse usando bois para puxar sua carroça, Taffy iria viajar com eles. Ela tirou a égua e a carroça do celeiro e subiu no banco.

Hart subiu na carroça e se acomodou ao lado de Lydia.

— Posso dirigir?

Lydia entregou as rédeas a Hart.

— Tenha cuidado e vá devagar.

— Ihaa! — Hart chamou, dando um pequeno tapa das rédeas no traseiro de Taffy. A carroça deu um solavanco e então começou a se mover lentamente.

Lydia observou Hart dirigir a carroça para a curta viagem até o riacho. Seria um bom cavaleiro algum dia. Talvez uma vez que eles se acomodassem, ela pudesse arranjar outro cavalo.

Quando chegaram à margem do riacho, Hart largou as rédeas, desceu da carroça e correu para o leito. Voltou logo, com suas botas e uma vara de pescar e os colocou na parte de trás da carroça.

— Eu estava esperando que estivesse usando suas botas — ela suavemente o repreendeu.

— Meus dedos estão todos enlameados. Vou usá-las mais tarde.

Lydia sorriu e ofereceu a mão para ajudar Hart a voltar para o banco.

— Podemos ter um cachorro?

Lydia fez uma pausa e deu um movimento das rédeas contra o traseiro de Taffy.

— O que causou isso?

— Bem, o Sr. Sumpter do estábulo tem uma cadela. E ela teve filhotes. Billy disse que havia dez deles. Eu apenas pensei, que seria bom ter um cachorro.

— Querido, vamos fazer uma longa jornada. Não podemos cuidar de um cachorro, muito menos de um cachorrinho. Tenho certeza de que quando chegarmos aonde estamos indo, podemos arranjar um cachorro. — Hart deu um suspiro exagerado e jogou os braços para o lado. Lydia ergueu a sobrancelha para ele e depois se virou para olhar a estrada. Ouviu Hart suspirar novamente e tentou reprimir uma risada. — Que tal cantarmos?

Hart assentiu e começou a cantar Camptown Races, enquanto eles se dirigiam para a cidade.

Logo Lydia se juntou e suas vozes se elevaram em harmonia.

— Vou correr a noite toda — Hart cantou.

Lydia entrou na música.

— Vou correr o dia todo!

— Eu aposto meu dinheiro em uma baía.

— Vou apostar na baía!

Hart continuou cantando, enquanto Lydia conduzia Taffy para a linha da cidade. Podia ver o celeiro onde o leilão seria realizado e os currais temporários que haviam sido montados para guardar os cavalos e o gado. Ao se aproximar, pôde ver vários dos cavalos de seu rancho no curral. Estavam circulando à beira do curral, com energia nervosa. Eram seu último vínculo com John e agora seriam vendidos e levados para quem sabe onde. Lydia enxugou uma lágrima do olho com a mão enluvada.

— Por que está chorando, mãe? — Hart perguntou, agarrando sua mão.

— Deve ser a poeira, querido — Lydia deu-lhe um meio sorriso. — Olhe, os cowboys estão vindo para cá — disse apontando para um grupo de homens andando a cavalo.

Um grupo de homens com rostos queimados de sol estavam levando o gado longhorn para fora da cidade. Podia ver que havia cordas enroladas nos chifres curvos que se projetavam das cabeças dos animais. Moveu-se para deixar os chifres longos passarem. Não faria sentido ser pega por uma das pontas afiadas do chifre.

Uma grande nuvem de poeira voou atrás dos animais e Lydia tossiu em seu lenço. Isso é o que odiava no Texas. A poeira e as moscas.

Observou os cowboys enquanto passavam. A pele deles era escura e coriácea. Suas roupas estavam cobertas de sujeira e usavam perneiras de couro cobrindo suas pesadas calças de trabalho. Lydia não sabia como lidavam com todas aquelas roupas no calor.

Hart se levantou no banco. Balançou o chapéu no ar enquanto eles passavam.

— Olha, mãe! — disse, de pé no banco e apontando para os cowboys. Vários assentiram ou tiraram os chapéus enquanto passavam pela carroça. — A senhora viu aquilo? Ele tem uma arma de verdade e tudo!

Lydia segurou Hart pelas pernas enquanto observavam o pequeno desfile. Se perguntou se algum dos homens daquele grupo estava procurando por Vangie. No mesmo instante, reprimiu o pensamento. Hart era seu filho.

O filho dela.

Finalmente, o último dos chifres longos passou e Lydia retomou seu caminho, pelos sulcos carregados de esterco que levavam à cidade das vacas.

— Que tal nos levar pelo resto do caminho até lá — disse Lydia suavemente enquanto passava as rédeas para Hart.

Ela estava absorta em pensamentos quando eles pararam ao lado do mercado onde o Sr. Jennings, o lojista, tinha homens esperando para carregar carroças cheias de suprimentos. Um dos homens se aproximou e ofereceu a mão para ajudá-la a sair da carroça. Hart pulou e correu para a calçada de madeira.

— Tarde, Sra. Whitcomb.

Lydia permitiu que ele a ajudasse a descer da carroça.

— O mesmo para o senhor, Sr. Bartley — ela deu uma olhada ao redor da cidade. — Parece que está se preparando para ser um bom leilão.

— Sim. Vi vários de seus cavalos à venda.

— Sim. E o último do gado.

— Ouvi dizer que a senhora estava nos deixando — disse um homem que Lydia não reconheceu, avançando. Estava vestido de preto e Lydia notou uma cicatriz vermelha em seu rosto.

Ela endureceu. Quanto esses homens sabiam? Pensou rapidamente, chegando a uma explicação razoável.

— Uhm... sim. Estamos indo para visitar a família. Não há razão para ficar aqui. Três anos é tempo suficiente para lamentar, o senhor não acha?

— Boa sorte, senhora. Vai pegar o trem de Kansas City?

— Vamos pegar um trem, mãe? Achei que a senhora disse...

Lydia rapidamente colocou a mão sobre a boca de Hart.

— Agora, Sr. Bartley, não quer que eu estrague a surpresa, não é?

O Sr. Bartley corou.

— Não senhora, acho que não. Jennings tem seu pedido pronto. Nós vamos carregá-lo. Vamos Spike, vamos nos mexer.

O homem chamado Spike, deu a Lydia um sorriso que fez seu estômago revirar. Seus dentes estavam manchados de tabaco e seus lábios e pele rachados por muito tempo ao sol. Ele cuspiu no chão ao lado das botas, antes de tirar o chapéu.

— Senhora.

Lydia agarrou a mão de Hart.

— Vamos, querido. Vamos entrar na loja.

Ela arrastou um Hart descalço na frente de sacos de farinha, barris de maçãs, uma pilha de tinhas e entrou na grande loja. A loja estava lotada com todos os homens da cidade. Lydia perdeu a mão de Hart enquanto se movia pela multidão.

— Fique comigo, Hart — disse, passando pelos rolos de tecido para o balcão na parte de trás.

— Sra. Whitcomb — disse um homem alto, de óculos, atrás do balcão. — Seu pedido está pronto para ir. Basta puxar a carroça...

— Sr. Bartley, já está carregando, obrigada. Eu preciso de alguns carretéis de linha e remendos. Então, eu vou liquidar e fechar minha conta.

O Sr. Jennings puxou vários carretéis de linha de cor neutra de um armário no balcão de trás e acrescentou uma pilha de remendos enrolados em barbante ao lado deles.

— Dez centavos por isso. Sam já cuidou de todo o resto.

Lydia colocou uma moeda no balcão.

— Cuidou?

— Sim. O xerife pagou com o produto da venda de seus cavalos.

— Meus cavalos? — Lydia estava confusa.

O Sr. Jennings assentiu.

— Sim. Alguém comprou todos eles. Pagou muito alto também, pelo que entendi.

— Oh! Acho que devo ir ver o xerife Sam, então. Obrigada, Sr. Jennings — ela pegou o saco de fios e retalhos de pano e virou-se para sair. Sem olhar para onde estava indo, esbarrou em um homem colocando suprimentos no balcão. — Com licença — ela sussurrou.

— Sra. Whitcomb — Sr. Jennings chamou. Ela se virou para vê-lo puxando uma cesta debaixo do balcão. — Sra. Jennings disse para te dar isso. — Não é muito, mas deve ajudá-la em seu caminho.

Lydia pegou a cesta e olhou embaixo do guardanapo xadrez que cobria o conteúdo. Dentro da cesta havia várias maçãs, metade de um presunto cozido, um pedaço de queijo, um pedaço de pão fresco, três potes de diferentes tipos de geleias e vários sacos de cera cheios de balas para Hart. Recolocou o guardanapo sobre a cesta.

— Agradeça sua esposa, por mim.

— Eu vou, Sra. Whitcomb.

Lydia virou-se para entregar a cesta a Hart, para levá-la à carroça. Ele não estava mais ao seu lado.

— Hart? — Ela olhou ao redor da loja. Hart não podia ser visto. — Hart? — chamou novamente.

— A senhora, está procurando pelo seu menino? — uma voz masculina, perguntou.

Lydia se virou e olhou para o cowboy que acabara de colocar suas compras no balcão.

— Sim — ela franziu a testa. — Ele estava bem aqui.

— Acho que o vi fugir com outro garoto.

— Por acaso, o senhor notou para que lado eles estavam indo? — Lydia tentou manter o pânico longe de sua voz.

O homem sacudiu a cabeça.

— O amigo dele mencionou algo sobre um cachorrinho.

Lydia soltou um suspiro de alívio.

— Obrigada. Ele provavelmente foi para o estábulo.

— Eu posso ir com a senhora e ajudá-la a procurar — o homem se virou e assobiou para um homem mais velho na loja. — Tot! — ele chamou. — Cuida disso? Eu preciso ir ao estábulo.

— Claro, chefe — disse o homem, caminhando até o balcão. Era um homem mais velho, com olhos gentis. Ele lembrou Lydia de seu pai. — Senhora — disse ele, inclinando a cabeça.

O jovem pegou a cesta de Lydia e, gentilmente, tocando-a no cotovelo, a guiou até a porta.

— Vamos encontrar o seu menino.

— Eu não conheço o senhor — disse Lydia desconfiada, estreitando os olhos.

O homem continuou porta afora para a estrada empoeirada em frente à loja. Então parou e a olhou.

Aqui, à luz do dia, ela podia dar uma boa olhada nele. Era definitivamente um cowboy.

Sua pele estava levemente bronzada, mas não coriácea ou rachada do sol. Usava uma camisa de linho de cor escura com botões. Os dois primeiros botões estavam abertos, revelando uma mecha de cabelo escuro que espreitava por baixo do tecido.

Lydia, rapidamente desviou os olhos e olhou diretamente no rosto do homem. Havia se barbeado recentemente, pois não mostrava nem um dia de

crescimento no rosto.

Ele era bonito com uma mandíbula quadrada, lábios finos, nariz largo e olhos fundos. Seus olhos eram castanho-escuros cercados pelos cílios mais longos que Lydia já tinha visto. Era quase bonito demais para ser um homem.

Ela olhou para onde as mangas da camisa dele estavam dobradas até os antebraços. Várias veias saltaram sob a pele, enquanto flexionava suas mãos revestidas de couro.

Se perguntou como seria, ser segurada por mãos tão fortes como aquelas. Balançou a cabeça, silenciosamente se castigando por ceder a um minuto de tentação pensando em um cowboy bonito. Ela precisava encontrar seu filho.

— O nome é Caleb. Caleb Chapman.

CAPÍTULO 2



Caleb observou enquanto a mulher se ajoelhava e abraçava seu filho. Podia ouvi-la castigá-lo em sussurros ásperos, antes de puxá-lo para ela novamente. Ele soube então, que era uma boa mãe.

Caleb viu o garotinho que estava com ela no balcão. Os olhos dela, não deixaram a criança por mais de um minuto, quando o menino saiu correndo pela porta com o amigo. Ela o lembrava um pouco de sua mãe; superprotetora e preocupada com seus filhos.

Sra. Whitcomb.

Ouviu o lojista chamá-la assim.

A Sra. Whitcomb era bonita, com cabelos castanho-claros e grandes olhos verdes emoldurados por longos cílios. Tinha um narizinho atrevido e lábios carnudos, perfeitos para beijar. Seu cabelo estava amarrado em cima de sua cabeça em um coque, mas estava escorregando e enrolando de forma atraente em torno de seu rosto. Seu marido era um homem de sorte.

A observou olhar ao redor até que seus olhos caíram sobre ele.

— Obrigada, Sr. Chapman. Agradeço que tenha notado para onde Hart desapareceu.

— Minha mãe criou cinco filhos. Eu sei em primeira mão, como podemos entrar em todos os tipos de problemas — bagunçou o cabelo do menino antes de se ajoelhar na frente dele. — Se alguém tivesse me dito que havia cachorrinhos aqui, eu também teria desaparecido.

Caleb se inclinou e pegou um dos filhotes gordos.

— Eles, com certeza, são fofos.

O menino assentiu.

— Esse é o Carvão — disse acariciando a cabeça do filhote de cor escura.

— Que tipo de filhotes são esses? — Caleb perguntou ao cavaleiro. — Acho que nunca vi algo assim.

— É chamado de Blue Lacy. Parte coiote, parte galgo.

— O que vai fazer com eles?

— Eles têm idade suficiente para deixar sua mãe. Se eu pudesse, teria colocado todos em um saco e levado para o rio para que se afogassem, mas as senhoritas não me deixaram.

Caleb ouviu Lydia suspirar.

— Isso é terrível — ela chorou.

— Não preciso de cinco filhotes.

Caleb se levantou.

— Eu vou levá-los.

O cavalição ergueu a sobrelha.

— Vai?

— Sim, todos os cinco — ele colocou o filhote no chão com seus irmãos.

— Vou sair da cidade no final da semana. Eles poderão ficar aqui até então?

— Acho que não. Queria tirá-los mais cedo do que isso.

Caleb enfiou a mão no bolso e tirou uma moeda de cinco dólares e a entregou ao cavalição.

— Espero que isso o convença a mantê-los, ilesos, até que eu possa voltar ou enviar um dos meus homens para buscá-los.

O cavalição colocou a peça de ouro na palma da mão e a virou várias vezes. A colocou na boca e mordeu a moeda antes de embolsá-la.

— São seus. Vou me certificar de que estejam prontos para ir no final da semana.

— E a mãe?

— Acho que, se o senhor não a quer também, vou atirar nela. A cadela estúpida continua voltando e tendo filhotes.

— Sr. Sumpter, eu vou levar a mamãe — disse Lydia.

— Mas Sra. Whitcomb...

Ela levantou a mão.

— Eu não vou ver a pobre animal ser baleada. Traga-me um pouco de corda e eu a levarei agora. Os filhotes podem ficar sem a mãe?

— Nós realmente vamos ter um cachorro, mãe? — o menino passou os braços em volta das pernas de sua mãe.

— Não sei como vamos alimentá-la, mas vamos dar um jeito.

O Sr. Sumpter desapareceu em uma das baías dos cavalos e voltou com uma corda. A colocou em volta do pescoço da cadela e deu um pequeno puxão, antes de entregar a corda para Hart.

— Ela tem um nome? — perguntou Hart. A cadela cheirou sua mão e depois a lambeu. Hart deu uma risadinha. — Ela gosta de mim.

— Não, sem nome — o Sr. Sumpter esfregou o pescoço. — Não nomeei nenhum deles.

— Vou chamá-la de Scout.

— Esse não é o nome de um menino? — sua mãe perguntou.

— Eu não me importo. O nome dela é Scout.

— Bem, é melhor irmos. Obrigada, Sr. Sumpter. Espero que Hart não tenha incomodado o senhor de forma alguma.

— Nem um pouco, Sra. Whitcomb. Nem todo dia um homem se livra de todos os seus cachorros e ganha cinco dólares.

Caleb apertou a mão do homem.

— Vou mandar alguém buscar os filhotes antes de partirmos.

Seguiu a mulher e seu filho, que estava sendo puxado por Scout, para fora da estrebaria. A cadela hesitou em deixar seus filhotes, mas seguiu timidamente o menino. Caleb não entendia as pessoas que não se importavam

com os animais. Confiava neles. Eram uma parte importante da fazenda e das movimentações de gado.

Trabalharia com eles na longa viagem para casa e, quando chegassem, os filhotes deveriam ser bons cães de gado. Além disso, os homens gostariam de uma distração, de ter algo para ocupar suas mentes ao redor da fogueira à noite.

Sim, os cães seriam bons para todos.

Caleb alcançou a Sra. Whitcomb.

— Acho que a senhora, não estava planejando ter um cachorro.

Ela balançou a cabeça.

— Estamos saindo da cidade e não sei como vou alimentá-la. Meu marido não tinha cachorros em nosso rancho.

— Os cães comem praticamente qualquer coisa. Sucatas, caça selvagem e até grama. Tenho certeza de que, Scout vai se sair bem. Aonde a senhora, está indo? — ele viu a mulher endurecer. — Peço desculpas, senhora. Eu não queria bisbilhotar.

— Precisamos voltar para casa. Ainda há muito o que fazer. Hart! — ela chamou. — Vamos voltar para a carroça.

— Vamos, Scout — Hart persuadiu a cadela, puxando-a para o mercado.

— Obrigada por me ajudar a encontrar meu filho e por carregar a cesta.

Caleb não queria deixá-la ir ainda.

— Por que não acompanho a senhora de volta à sua carroça?

— Isso não será necessário. Só precisamos voltar para casa.

Caleb coçou o queixo.

— Eu entendo. Aposto que seu marido está esperando pela senhora.

— Papai está morto — Hart deixou escapar.

— Hart Whitcomb! — Lydia adverti-o e olhou para Caleb. — Peço desculpas pela explosão do meu filho.

— Sinto muito por sua perda, Sra. Whitcomb. Então eu definitivamente deveria escoltá-la de volta para sua carroça. Há muitos desagradáveis na cidade.

— É um desses desagradáveis, Sr. Chapman?

Caleb riu.

— Não, senhora. Minha mãe iria arrancar minha pele se achasse que eu estava me comportando mal.

A Sra. Whitcomb riu.

— Mesmo na sua idade?

— Mesmo na minha idade. Não se brinca com Marmee. Ela não é alguém com quem brincar.

— Aí está, Sra. Lydia! — um homem chamou, aproximando-se deles.

Caleb podia ver que o homem estava vestindo um colete de couro com uma estrela.

— Xerife. Eu não esperava vê-lo tão cedo — Lydia disse, quando o xerife estava perto.

— Jennings, acabou de me dizer que havia deixado o mercado. Podemos conversar? — O xerife deu a Caleb um olhar aguçado.

— Sra. Whitcomb, fico feliz que tenha encontrado seu filho. Foi um prazer passar alguns momentos com a senhora.

Caleb deixou os dois sozinhos e voltou para o mercado. Podia ver o menino sentado na traseira de uma carroça cheia de barris. Sua nova amiga sentou-se ao lado dele. *Eles formariam um bom par*, pensou.

Quando abriu a porta para entrar, Caleb se virou para ver a Sra. Whitcomb apoiando seu braço no xerife, enquanto este a escoltava de volta para a carroça. Ele entrou no mercado, todos os pensamentos sobre a bela dama e seu filho desaparecendo de sua mente.



— Acho que esse é o último — disse Tot, deixando cair o saco de feijão na parte de trás da carroça. Havia quatro carroças que eles usariam na trilha.

A carroça principal era do Exército, convertida com uma despensa bem na borda da tabela. A área entre a despensa e o banco, estava cheia de várias painéis grandes de ferro fundido, um gancho de cozinha, uma lona extra e o saco de dormir de Tot. Esta é a carroça que Tot usava, para manter os homens felizes e alimentados.

O pai de Caleb ensinou-lhe, que os cowboys trabalhavam mais se estivessem bem alimentados e descansados. Tot cuidava do primeiro requisito.

Ninguém reclamava de sua comida. Ninguém se atrevia, para que não levassem uma concha na cara ou acabassem no lado receptor do rifle que mantinha por perto. Tot nunca havia atirado em ninguém... ainda.

Então veio a carroça contendo todos os produtos secos. Sacos de feijão, farinha, açúcar, cebola e café pesavam nela. Havia barris menores de vinagre, sal e pimenta, acessíveis por trás do banco do condutor. Sacos de serapilheira cheios de carne de porco salgada, pendiam das proas dentro da carroça. Esta carroça também tinha um barril de água amarrado ao lado.

Como um leite, Caleb insistiu que trouxessem quatro alqueires de maçãs. Tot poderia misturá-las em massa de biscoito para a sobremesa ou fazer uma torta de maçã no forno holandês. De qualquer forma, Caleb estava feliz por um pouco de comida fresca na trilha.

Demorava muito, para alimentar quarenta homens famintos.

A terceira carroça estava simplesmente cheia de barris de água. Caleb insistiu que eles carregassem tantos barris quanto possível, porque não só os homens precisavam de água, mas os cavalos também.

Cada uma das carroças, tinha dois barris amarrados do lado de fora do aparador. Eram dezoito barris no total, que os levariam até a parte mais cansativa do deserto.

Usariam a água com moderação e abasteceriam os barris ao longo do caminho. Caleb tinha o caminho marcado, com fazendeiros que se dispunham a vender água para os rebanhos de gado que passavam, rios e até córregos que deveriam ter água fresca.

A última carroça era a que continha tudo o que precisariam. A munição, rolos de cama, lonas extras e cobertores, bem como suprimentos médicos enchiam a carroça.

Durante o dia, as três primeiras carroças corriam à frente e encontravam um lugar para a refeição do meio-dia ou para descansar durante a noite. A quarta carroça sempre ficava com o rebanho. Não seria bom ter um homem ferido e a *carroça-médica* a oito quilômetros de distância.

Uma caixa cheia de cachorrinhos estava embaixo da carroça, protegida do sol. Estavam simplesmente desmaiados. Caleb fez um dos garotos da cidade correr com eles até que cansassem. Tot balançou a cabeça quando viu Caleb voltando para a carroça com a caixa cheia de filhotes, mas, uma vez que segurou um, foi convencido a levar os cães únicos de volta para Nebraska.

Caleb estendeu a mão e pegou uma maçã do topo da cesta perto do final da carroça.

— Isso é muito feijão — disse, olhando para os sacos alinhados na parte de trás da carroça.

— Quase quinhentos quilos. Espero que tenhamos o suficiente — Tot saltou da traseira da carroça e levantou a prancha, deslizando-a em duas ranhuras que a manteriam no lugar. — Não me lembro de tantos homens ao mesmo tempo procurando trabalho.

Aristóteles Wilson, era um elemento permanente no rancho. Sua mãe o nomeou em homenagem a um filósofo, sobre o qual ela leu em um livro. Seu nome era adequado, pois Tot era uma fonte de sabedoria para muitos dos trabalhadores do rancho dos Chapman. Ganhou o apelido de Alice, irmã mais nova de Caleb. Ela tinha dificuldade em dizer, Aristóteles. Tot, achou que o novo nome, simplesmente combinava.

Atuou como capataz do Chapman Ranch até que Caleb tivesse idade suficiente para assumir o trabalho. Cozinha para os trabalhadores sempre que eles estavam nos campos e fornecia-lhes uma refeição quente na hora do jantar. Cozinhar era uma maneira de esquecer o envelhecimento, dizia.

— Chefe? — Caleb se virou para encontrar Goodie e Slim, caminhando em sua direção. Eles eram dois dos trabalhadores do rancho que acompanharam Caleb de Nebraska, para coordenar a viagem de volta para casa. Caleb confiava aos dois homens seu gado... e sua vida. Havia sete homens no total que viajaram de Flat River, Nebraska, para San Angelo, Texas. Dois cães os acompanharam na viagem e seriam inestimáveis para manter as vacas na linha, na volta.

Weston Chapman havia comprado três mil cabeças de gado e cerca de cinquenta cavalos. Era trabalho de Caleb, levar o gado e os cavalos de volta para casa com segurança.

Caleb escolheu a dedo cada homem que veio com ele na jornada de Nebraska. Imaginou que eles precisariam de pelo menos mais duas dúzias de homens, se não mais, para lidar com o rebanho em direção ao norte. Encarregou Goodie de encontrar a maioria dos homens.

Quando o pequeno grupo chegou a San Angelo, Goodie começou a trabalhar contratando quase vinte e cinco homens para ajudar na viagem de gado de volta a Nebraska. Caleb e Tot, trabalharam para obter todos os suprimentos necessários para alimentar tantos homens, junto com várias carroças, mais munição e tudo o que eles pudessem precisar, ou pensarem que precisariam, na volta para casa.

— E aí, rapazes? — Caleb perguntou, mordendo sua maçã.

— Vamos pegar alguma comida e depois nos estabelecer. Precisa de algo, antes de dormirmos à noite?

Goodie Jones estava com os Chapmans, há quase dez anos. Chegou ao rancho com seu irmão mais velho quando tinha apenas dezesesseis anos. Pegou o pastoreio de gado como se tivesse nascido para isso. Seu nome verdadeiro era Elmer, mas os meninos o chamavam de *Goodie de dois-sapatos* porque seu comportamento era impecável perto de Marmee.

Jason — Slim — Driskill tinha acabado de fazer vinte e três anos. Veio para o rancho Chapman quando tinha dez anos. Sua mãe havia se casado com Bill Driskill, que foi um dos primeiros cowboys que Weston Chapman contratou. Jason não pensou duas vezes em adotar o sobrenome de Bill depois que sua mãe se casou com o velho cowboy. Quando era jovem, Jason era baixo e atarracado, mas da noite para o dia parecia que tinha crescido quase 30 centímetros e todo o peso extra sumido. Era pelo menos uns bons quinze centímetros mais alto, do que a maioria dos cowboys do rancho. Alguém o chamou de Slim e o nome pegou.

Caleb olhou para o céu. O sol estava se pondo e logo estaria completamente escuro.

— Diga aos meninos para terem uma boa-noite de sono, sairemos pela manhã. Ah, e vão querer ter um bom jantar. Tem muito feijão e gordura na viagem para casa.

Goodie resmungou:

— Não é sempre? — ele deu um tapinha no ombro de Slim. — Ouvi dizer que eles vão servir bife no Café esta noite. Devemos ir antes que acabem.

— Podem querer se apressar, rapazes — disse Tot. — Tenho certeza de que há centenas de cowboys famintos por lá agora.

Depois que os dois cowboys saíram, Caleb se virou para Tot.

— Irá fazer o jantar hoje à noite?

— Não, eu não quero descarregar tudo de novo. Pensei em ir ao bar e pegar um jantar e talvez uma cerveja.

Caleb ergueu a sobancelha para o velho.

— Não bebe.

— Eu sei. Mas tenho certeza de que no meio do Novo México, desejarei ter bebido aquela cerveja, mesmo que apenas para me levar pelo resto da viagem — Tot pegou o chapéu de um prego na lateral da carroça. — Vem também?

— Sabe que Marmee me mataria, se eu entrasse em um Saloon.

— Marmee está em Nebraska.

Caleb riu.

— Ela saberia. Acredite em mim, ela saberia.

Tot riu.

— Sua mãe é uma boa mulher.

— Isso ela é — Caleb olhou para seu amigo. — Então, acho que vou entrar na fila com o resto dos cowboys famintos. Vai se juntar a mim?

Tot pensou naquilo por um minuto.

— Bem, eu odiaria receber a desaprovação de Ingrid Chapman. Acho que posso esperar.

Caleb deu o resto de sua maçã para Blaze, que estava implorando no curral ao lado da carroça. O cavalo engoliu a maçã e depois tentou comer a camisa de Caleb. Ele recuou e deu uma massagem na testa do cavalo.

— Comporte-se — disse ele.

Blaze balançou a cabeça, sua juba se movendo descontroladamente. Deu um relincho que soou como uma risada.

Caleb riu e seguiu Tot em direção ao Café.

Tot estava certo.

O jantar foi um evento caótico.

A fila estava na porta do Café. Muitos apareceram com seu prato, xícara e talheres. Percebendo que esta era a última chance que os homens teriam para uma refeição de verdade antes de comerem pó e feijão, Caleb não ficou surpreso que muitos deles estivessem na fila.

Não reconheceu todos os rostos, mas sabia que vários deles estariam na estrada com ele antes do nascer do sol, na manhã seguinte. Caleb ficou pacientemente na fila com Tot. Quando chegou sua vez, deixou cair duas moedas de dez centavos no balcão.

Uma mulher com cabelos ruivos crespos e lábios vermelhos brilhantes estava atrás do balcão. Ela piscou várias vezes enquanto olhava para o dinheiro no balcão.

— São apenas dez centavos.

Caleb sinalizou para Tot.

— É para nós dois.

A mulher atrás do balcão assentiu.

— Pensei que estava ficando louca por um minuto. Tudo tem sido o mesmo até agora — ela pegou as moedas e as colocou na gaveta. — Café?

— Por favor — disse Caleb, estendendo sua xícara. A mulher serviu algo que parecia mais alcatrão do que café. Tot estendeu a sua. Caleb o viu fazer uma careta quando a bebida grossa a encheu.

— Não sei se vale a pena beber — ele sussurrou para Caleb, enquanto desciam a fila para onde um homem estava derramando comida com uma concha.

Caleb estendeu seu prato e o homem colocou um pedaço de carne carbonizada, junto com algumas batatas e um biscoito envoltos em molho. Estremeceu. Não era razoável esperar que Tot cozinhasse na noite anterior à

partida, mas comparado com a sujeira na frente dele, Caleb estava ansioso por feijão e pão de milho.

Carregaram sua comida, do café para as carroças que esperavam perto de um curral temporário. Os homens sentaram-se no chão e comeram o mais rápido que podiam, antes que as moscas pousassem. Caleb sentou-se em um tronco ao lado do curral. Tot sentou-se ao seu lado.

— Estou ansioso por um bife de verdade quando voltarmos para casa — disse Caleb, dando uma mordida na carne cozida demais. Apontou para Tot com o garfo. — Provavelmente, poderia ensinar essas pessoas uma coisa ou duas sobre culinária.

— Não. Prefiro guardar meu talento para nossos homens famintos — Caleb observou Tot cortar um pedaço de carne e arrastá-lo pelo molho antes de colocá-lo na boca. — Molho pode esconder uma infinidade de pecados — deu outra mordida e mastigou pensativo. — Parece que seu pai, tem um bom rebanho de gado.

Caleb olhou para o enorme rebanho, salpicando a paisagem nos arredores da cidade. Suas silhuetas lançavam sombras escuras enquanto o sol continuava se pondo.

— Isso ele tem. Belo bando de cavalos, também. Owen e Ollie, devem estar felizes.

— Parece que vai ser promovido.

— O que quer dizer? — Caleb jogou o resto de seu café na terra.

— Ouvi dizer que seu pai estava pensando em se aposentar.

— Aposentadoria? — Caleb zombou. — Não acho que Weston Chapman vá desacelerar tão cedo.

— A pecuária é um trabalho árduo. Cobra seu preço em um homem. Talvez seja hora dele se aposentar e seus filhos assumirem o papel.

— Owen e Oliver estão se concentrando nos cavalos. Everett e eu estamos fazendo tudo o que podemos pelo lado do gado.

Tot assentiu.

— Sim. Está em boas mãos.

Antes que Caleb pudesse questionar Tot ainda mais, Goodie caminhou até onde eles estavam sentados.

— Chefe, acabei de ouvir algo que talvez queira saber.

— O que é?

— Brodie Richards, está fora da prisão e está vindo para cá.

CAPÍTULO 3



DEZ SEMANAS DEPOIS, NAS DUNAS DE AREIA DO COLORADO.

Caleb puxou a bandana sobre o nariz e a boca. A poeira era sufocante. Não só o gado levantava poeira, mas também estava sendo chicoteado pelo vento. Caleb sabia que sentiria o gosto de poeira pelo próximo mês. Preenchia tudo.

A nuvem de pó se estendia por quilômetros e enchia os pulmões de todos os cowboys. Ela endurecia suas peles e cabelos. Enchia suas bocas e ouvidos. Nada foi poupado. Nem mesmo a comida. Ela encontrou seu caminho para a carne, feijão e farinha. Tudo tinha gosto de poeira. Até o café tinha uma película empoeirada.

O interior de sua boca estava seco, e sentia a sujeira grudando em seu rosto. Difícil acreditar que já se passaram mais de dois meses, desde que deixou San Angelo. Estava grato pelos cavalos extras. Cavalgar no deserto era difícil, tanto para os cavalos, quanto para os homens. Pelo menos os cowboys podiam alternar entre os novos cavalos para dar um descanso aos cavalos do rancho.

Abriu o cantil e abaixou a bandana, para tomar um gole de água. Saiu uma gota. Sacudiu o cantil e sentiu as poucas gotas atingirem sua pele ressecada pelo sol.

A manada movia-se em linha quase reta pela trilha. À esquerda havia altas montanhas de areia e terra. Era isso que os cobria. À direita havia arbustos desgrehados e suculentas.

Os homens tomaram o café da manhã antes do sol nascer e então levaram o rebanho para fora. A condução de gado não era um assunto rápido.

Às vezes o gado tinha vontade própria, e um ficava louco e tentava escapar. Esse seria o que, normalmente, pousaria no prato do jantar naquela noite.

Tot tinha ido na frente com Jimmy, o batedor. Depois que o café da manhã terminava, lavava os pratos e embrulhava o forno de ferro fundido, que limpava com areia em um saco de estopa. Então corria à frente para encontrar um lugar para a refeição do meio-dia. Ele então repetiria o processo, para o Jantar.

Jimmy cavalaria à frente, procurando por hostis, foras da lei e, o mais importante, água. Uma vez que encontrasse pelo menos um, retornaria à carroça para transmitir a informação a Caleb.

Como regra, Tot estava cerca de cinco a sete milhas à frente do rebanho. As outras carroças o seguiam. A única carroça que ficava perto do rebanho era a

que continha munição, suprimentos médicos e um barril de água extra.

Tot dirigia a carroça principal cheia da maioria dos suprimentos de comida. Ele contratou um homem, a esposa e dois filhos para dirigir as outras três carroças. Procuravam uma passagem mais ao norte para sua família, então isso ajudou a todos.

Caleb deixou o rebanho nas mãos de um cowboy de San Angelo e foi na frente para ver se havia alguma notícia de Jimmy. Uma vez que chegassem a uma cidade, deveriam poder reabastecer seus suprimentos e Caleb queria enviar uma mensagem de volta para casa.

Eles conseguiram encher seus barris vazios em Trinidad, Colorado, mas isso foi há mais de uma semana. Estavam chegando ao fundo agora. Caleb pensou que Tot poderia ter um barril cheio sobrando, mas iria precisar dele para cozinhar. Homens sem café, não eram os mais agradáveis pela manhã.

As três carroças foram puxadas em semicírculo para que, se alguém os atacasse, tivessem pelo menos alguma proteção. O quarto estava mantendo o ritmo com o rebanho.

Tot escolheu um bom lugar. Havia algumas árvores desgrenhadas que forneciam um pouco de sombra e pedaços de grama que o rebanho poderia comer ou descansar.

Caleb acenou para Hank e Rosalie Livingstone e seus dois filhos quando passou. Eles estavam amarrando a lona da carroça para criar sombra para os cowboys, assim que chegassem.

Tot estava sentado no banco de sua carroça. Caleb puxou as rédeas de Blaze, puxando o cavalo ao lado da carroça. O mugido dos bois enchia suavemente o ar. Até o gado estava reclamando do calor e da poeira.

Caleb o viu se mexer no assento e levantar a mão em saudação. Tinha um cachorrinho no colo e estava acariciando a cabeça do cachorro adormecido. Os outros quatro, dormiam debaixo da carroça. Pelo menos eles tiveram o bom senso de encontrar um bom lugar.

— Está tudo bem, Tot? — perguntou Caleb, sua voz abafada por trás da bandana.

— Não posso reclamar — disse o amigo lentamente. — Mesmo que eu o faça, ninguém ouve — ele deu uma risadinha. — Esses caras, vão acordar em breve e eu preciso sair da carroça — cutucou o filhote em seu colo. O cachorro se espreguiçou e bocejou antes de rolar e cair no estribo sob o banco da carroça.

Tot entregou o cachorrinho para Caleb e desceu da carroça. Caleb coçou atrás das orelhas do filhote antes de colocá-lo no chão. O pequeno bocejou, correndo até seus companheiros de ninhada e abriu caminho até o meio da pilha.

Era difícil acreditar na rapidez com que os filhotes cresceram. Caleb estava certo em seu pensamento. Os filhotes levantaram o ânimo de todos na condução do gado. Ainda não havia nomeado nenhum deles. Normalmente Alice nomeava todos os animais do rancho.

Pensou na irmã. *Ela ficará encantada quando vir os filhotes*, pensou. Embora, não sejam mais tão pequenos quando todos voltarem para casa em Flat River.

Alice cresceu como uma criança muito des preocupada, mas quando tinha dezoito anos, foi sequestrada e levada para São Francisco. Ninguém sabia exatamente o que aconteceu com ela. Caleb tinha seus pensamentos, mas nunca iria desrespeitar sua irmã vocalizando-os.

O coçar em sua garganta o fez lembrar por que ele tinha vindo para ver Tot. Caleb ergueu sua bandana e tentou cuspir, mas mesmo aquele pouco de umidade evaporou antes de atingir o chão.

Caleb puxou seu relógio de bolso. Dez horas. Ficou surpreso que ainda estava funcionando com a quantidade de sujeira que cobria o mecanismo.

— Como estamos lidando com a água? — Caleb resmungou.

— Temos três barris restantes — respondeu Tot. Mais do que Caleb pensava. — O suficiente para encher os cantis de vez em quando, mas isso será tudo o que teremos até encontrarmos água. Onde é a próxima parada de água?

— Não tenho certeza — Caleb levantou seu cantil, e então lembrando que estava vazio e o deixou cair de volta ao seu lado. — Alguma visão de Jimmy? — Jimmy, o batedor, viajou na frente para ver onde poderiam parar ao longo do caminho e onde a água poderia estar disponível.

— Não. Ainda não. Deve estar de volta em breve, no entanto — Tot empurrou o chapéu para trás. Seu rosto estava avermelhado pelo sol, mas havia uma faixa branca de pele onde seu chapéu descansava. — O rebanho está quase chegando?

— Deve chegar em breve. Eu apenas andei na frente. Vou voltar e informá-los.

Caleb virou Blaze e voltou para o rebanho. O que era um passeio de dez minutos a cavalo, seria uma hora para o rebanho; o gado não se movia rapidamente.

Quando o gado saiu de San Angelo, as carroças foram primeiro. O grande mar de feras movia-se lentamente, não mais de quinze milhas por dia. As carroças sempre iam, pelo menos cinco milhas à frente e depois esperavam que o rebanho os alcançasse.

Antes que os animais se acostumassem com o ritmo pesado, eram bastante ariscos e perigosos. Os cowboys tiveram que se mover rapidamente para evitar serem chifrados por um dos chifres compridos que se enrolavam acima das cabeças das vacas. Mesmo Trigger, o principal cão de pastoreio, teve um ou dois “quase-acidentes” enquanto dirigia o rebanho. Ele beliscava os tornozelos da vaca e depois pulava agilmente para trás, antes que uma das vacas o chutasse.

Mas agora, o rebanho se acalmou e se movia harmonicamente pelo solo arenoso do Colorado. Eles deveriam estar fora das dunas e de volta ao solo verde em poucos dias.

Caleb fez algumas contas rápidas em sua cabeça. Deveria levar aproximadamente uma semana para chegar a Pueblo, Colorado e outras dez semanas depois para chegar ao Owl Canyon, doze se fossem ao redor de Denver e não pelas montanhas. De lá, desviariam da trilha e seguiriam diretamente para Nebraska.

Enviaria uma mensagem de Pueblo, para que sua família soubesse que havia conseguido. Quando chegassem a Owl Canyon, enviaria outro telegrama para avisar ao pai, que estavam quase em casa. De lá, levaria pelo menos oito dias para voltar ao rancho. Pelos seus cálculos, a equipe deveria voltar para casa em Flat River no final de setembro.

Silenciosamente, amaldiçoando-se por não encher seu cantil, ele o deixou cair novamente em desgosto. O metal fez um som sagrado quando bateu contra sua perna.

Acenou para Sawyer, que estava montando ponto. Sawyer tinha experiência em um rancho que faliu e estava procurando um emprego. Um pouco mais velho que os outros cowboys, Caleb podia ver que Sawyer sabia exatamente o que estava fazendo com o rebanho.

Iria ver se Sawyer, queria ficar no Chapman Ranch assim que chegassem a Nebraska. Ele poderia ter outro homem bom.

Caleb puxou as rédeas de Blaze, trazendo seu cavalo para andar ao lado de Sawyer. Mesmo que Sawyer estivesse no ponto, estava coberto de poeira da cabeça aos pés. Normalmente, a pessoa no ponto conseguia ficar longe das grandes nuvens de poeira que se formavam sob os cascos. Mas não agora, parecia.

— Chefe — disse Sawyer, puxando seu cantil até os lábios, tomando um gole de água. Seus olhos azuis eram brilhantes contra sua pele suja. —, vamos parar em breve?

— Sim, sinalize a todos. Ainda não vimos Jimmy, mas espero que tenha encontrado sombra e água mais acima — Sawyer entregou a Caleb seu cantil.

— Precisa de uma bebida? — ofereceu.

— Obrigado — disse pegando o cantil e levando-o aos lábios. A água estava salobra e quente, mas limpou a maior parte da poeira de sua boca. Ele devolveu o cantil amassado ao cowboy mais velho.

Sawyer tomou outro gole e colocou a tampa de volta no metal antes de levar os dedos aos lábios. Soltou um assobio longo seguido por dois curtos e dois mais longos. Isso sinalizaria aos homens que eles parariam em breve e se preparariam.

Não se pode parar um rebanho em um grande grupo. Tinha que ser feito em ondas. A primeira onda de gado passaria pela carroça antes de parar, para que os últimos do rebanho pudessem se aproximar. Dessa forma, todos teriam a oportunidade de fazer uma pausa, muito necessária.

Caleb cavalgou em direção aos homens na parte de trás. Podia ouvir os assobios soando na linha, sinalizando os homens na retaguarda do rebanho. Parte do gado, estava começando a perder peso, os ossos saindo da pele.

Precisavam de água.

Enviou uma oração para que logo chegassem à beira das dunas. Devia haver água uma vez que cruzassem o solo arenoso. Se não encontrassem água logo, Caleb arriscava perder vários do rebanho. Não queria perder uma única cabeça.

Caminharam por cerca de uma hora, quando Sawyer soltou uma série de assobios curtos e agudos. Ele devia ter visto as carroças.

Os assobios desceram da linha dos cavaleiros do balanço para os cowboys e, finalmente, para os cavaleiros do arrasto, que sinalizaram de volta que receberam a mensagem.

Caleb ficou de lado, para permitir que os homens e os animais passassem. Logo o gado na frente começou a se acalmar.

Um por um, os longhorns exaustos caíram de joelhos na areia quente. A nuvem de poeira estava finalmente começando a desaparecer.

Quando os pilotos finalmente apareceram, Caleb levantou a mão para um jovem chamado Tanner. Era um novo cowboy, sem qualquer classificação, então ele estava preso na parte de trás do rebanho. O rosto de Tanner estava completamente coberto com sua bandana. Caleb podia ver uma pequena fenda onde os olhos de Tanner espiavam por baixo de seu Stetson.

— Vá pegar algo para comer, Tanner. Rapazes —, disse apontando para os outros dois cavaleiros de arrastão - podem ir também.

Tanner usou sua bandana para enxugar o suor dos olhos.

— Obrigado, chefe. Dez horas na sela e acho que não estou mais sentindo minhas pernas — o jovem chutou seu cavalo em um galope leve em direção à carroça. Os outros dois cavaleiros de arrastão o seguiram.

Caleb continuou andando atrás do rebanho, até que o último dos bovinos se acomodou na areia. Cuidaria do rebanho para que seus homens pudessem comer.

Enquanto o rebanho descansava, metade dos homens ia comer. Depois de uma hora, eles se revezavam para que o segundo grupo de homens pudesse descansar e fazer uma refeição quente.

Um cowboy faminto e cansado, era perigoso. Ele poderia cometer um erro que custaria vários no rebanho, ou até mesmo a própria vida.

Caleb era sempre o último a comer, um hábito que herdou de seu pai. Weston disse a ele: — *Certifique-se de que seus meninos comam primeiro, filho. Então pode comer no final* — Sabia que Tot, provavelmente já havia escondido um prato de feijão e biscoitos no banco da carroça. Rezou para que ele se lembrasse de escondê-lo dos filhotes.

Enquanto observava os cowboys se acomodarem à sombra das carroças, ou sob as árvores mirradas salpicando a paisagem, refletiu sobre o quanto sua vida era uma bênção. Nem mesmo trinta, e já estava conduzindo seu próprio rebanho de gado do Texas para Nebraska. Poucas pessoas poderiam dizer isso.

Sabia que Deus lhes daria tudo o que precisassem na viagem de volta para casa. Não estava preocupado com a água, pois Deus nunca o havia

decepcionado antes. Pegando seu cantil, ele se repreendeu silenciosamente. Ainda estava vazio. Olhando através da areia, tentou ver se havia alguma fonte de água para ser encontrada.

Espiando uma pequena suculenta, com cerca de sessenta centímetros de altura na terra arenosa, desmontou de seu cavalo e caminhou até a planta e a agarrou pela base com sua luva de couro.

Segurou a planta pelo caule perto do chão, pois não queria romper as raízes, nem ficar preso pelos longos espinhos em forma de agulha que cobriam a planta.

Cortando um pedaço da planta, gentilmente tirou os espinhos. O líquido cobriu sua mão enluvada quando terminou de cortar a camada externa dura da planta, revelando uma substância úmida e carnuda por baixo. Colocou o pedaço da planta em sua boca e permitiu que a umidade cobrisse sua garganta seca e lábios ressecados.

Saboreando a planta doce, ele cortou e descascou outro pedaço oferecendo a Blaze. O cavalo deu uma patada no chão com desgosto.

— Eu sei amigo, mas isso é tudo que temos agora.

Blaze curvou o lábio e uma longa língua se estendeu para testar a planta na mão de Caleb. O cavalo deve ter sentido a umidade, enquanto pegava a polpa do cacto e mastigava. Caleb passou a mão pelo focinho de seu cavalo. Blaze era da cor da pele de gamo com pontos pretos nas pernas e um relâmpago branco correndo entre os olhos.

Era também, bastante rápido quando a ocasião exigia.

Estava prestes a cortar outro pedaço do cacto quando ouviu gritos dos homens ao redor da carroça. Pulou e rapidamente montou em Blaze, esperando ver o que estava acontecendo. Ficou na sela e puxou sua luneta.

— Cavaleiro chegando!

O chamado percorreu os cowboys e os que estavam sentados se levantaram para ver quem vinha. Ao longe, um cavaleiro se aproximava do grupo em um ritmo furioso.

Parecia o cavalo de Jimmy, Chacal, mas Caleb não tinha certeza, dada a nuvem de poeira ao redor do cavalo.

Não sabia dizer se era Jimmy montando o animal ou não. O homem não estava usando chapéu e estava segurando o braço em um ângulo engraçado. Caleb enfiou a mão em sua bainha e puxou seu rifle, descansando a coronha dele contra sua perna.

Ele cutucou Blaze para frente, tomando cuidado para não assustar o gado adormecido. Quando se aproximou do primeiro conjunto de cowboys, fez uma pausa.

— Subam em seus cavalos e observem o rebanho por trás. Certifiquem-se de estarem armados. Não sabemos quem vem.

Os jovens se apressaram, deixando seus pratos na beira da carroça. Correram para seus cavalos e rapidamente os montaram, correndo para proteger o rebanho na retaguarda. Caleb cavalgou até onde Tot e Sawyer

estavam. Tot estava com o rifle na mão e estava parado como se estivesse guardando os grãos e não observando um intruso se aproximar do acampamento.

— É Jimmy! — um dos cowboys gritou.

Caleb ergueu sua luneta mais uma vez e o viu aparecer. Podia ver que Jimmy estava inclinado para a frente, segurando o chifre da sela enquanto corria em direção a eles. Deslizou a luneta no suporte sobre seu ombro.

— Pegue a caixa de remédios! — gritou Caleb. — Sawyer, venha comigo — cutucou Blaze em direção a Jimmy. Alcançaram o batedor em poucos minutos. — Jimmy — chamou enquanto se abaixava para pegar o cavalo de Jimmy. O cowboy estava caído contra o pescoço deste.

O cavalo estava ensaboado e respirando com dificuldade. Jimmy, devia estar correndo com o animal por uma boa distância para que seu cavalo ficasse coberto de suor e sujeira.

Sua camisa estava rasgada no ombro e Caleb podia ver sangue seco onde o tecido estava grudado na pele de Jimmy. Caleb puxou as rédeas, guiando o cavalo para o acampamento.

— Ele foi baleado! — gritou para Sawyer.

Sawyer voltou para a carroça. Caleb podia ouvi-lo gritando por Doc enquanto cavalgava. Quando chegou, vários cowboys correram para colocar Jimmy no chão.

— Ele está respirando? — perguntou Tot.

Caleb deslizou para o chão e jogou o chapéu para o lado. Ajoelhou-se ao lado do amigo e colocou a cabeça em seu peito.

— Ele está respirando — Caleb empurrou para trás em seus calcanhares. — Vamos colocá-lo na carroça.

Agarrou Jimmy por baixo dos braços, tomando cuidado para não colocar a mão no ferimento. Dois homens agarraram as pernas e o levaram para a carroça cheia de suprimentos médicos. Um cowboy, chamado Heath, pulou na carroça e ajudou Caleb a colocá-lo na parte de trás.

Doc não era um médico de verdade, mas tinha sido médico durante a Guerra Civil. Era a coisa mais próxima que eles tinham de um profissional médico. Caleb abriu espaço na pequena área, na beira da carroça, para que Doc pudesse entrar.

Depois de examinar a ferida, Doc olhou para Caleb.

— Ele foi baleado.

— Eu vejo isso. Acha que eram índios?

Doc deu de ombros e cutucou o ombro de Jimmy.

— Não posso dizer quem disparou. Só que era um revólver, não um rifle. Dê-me essas toalhas e descubra quem no acampamento tem uísque. Preciso limpar a ferida.

Caleb retransmitiu o pedido para Tot, que apareceu momentos depois com uma garrafa de líquido âmbar.

— Somente fins medicinais — disse Tot, entregando a garrafa para Caleb,

que abriu a garrafa com os dentes e a entregou ao Doc.

— Segure-o — disse Doc enquanto despejava o álcool na ferida. Jimmy gritou e sentou-se. Doc o empurrou de volta para o chão da carroça. — Fique quieto.

Jimmy engasgou, quando Doc puxou a bala de seu ombro.

— Emboscada! — gritou.

— Emboscada? — Caleb olhou para o rosto de seu batedor. Jimmy estava pálido e podia dizer que ele perdeu muito sangue. — Índios? — perguntou.

Os índios eram uma ameaça, mas houve menos ataques na Goodnight Loving Trail do que na Chisholm Trail (trilhas). Além disso, os índios desta área não atacariam a menos que fossem ameaçados.

— Não — Jimmy resmungou. Seus olhos começaram a rolar na parte de trás de sua cabeça.

— Traga-me um pouco de água! — Caleb gritou. — Jimmy, me escute. — virou o queixo do ferido até que Jimmy o olhou. — Escute-me. Vai ficar bem. Nós vamos levá-lo de volta para casa. Apenas aguarde aí — segurou um cantil nos lábios de Jimmy e deixou a água escorrer em sua boca.

— Obrigado, chefe — sussurrou.

— Pode me contar o que aconteceu? Conseguiu chegar a Pueblo?

— Sim. Há água fora da cidade. Eu estava voltando quando tive uma visão que iria enrolar seu estômago.

— O que aconteceu?

— Havia uma caravana indo para o Norte. Até falei com o mestre da carroça quando passei por eles — Jimmy levou a mão boa ao rosto e soluçou. — Quando voltei, eles estavam todos mortos.

— Mortos?!

Jimmy assentiu por trás do braço.

— Havia sangue por toda parte. As carroças estavam queimando — Ele inalou profundamente. — Eu estava procurando por sobreviventes. Vi um menino escondido atrás de algumas pedras. Fui para pegá-lo, mas fui baleado por trás. O chagal simplesmente saiu correndo.

— Conseguiu ver quem fez isso?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não sei de onde veio o tiro.

Caleb deu um tapinha no ombro ileso de Jimmy.

— Descanse. Vou falar com os homens.

Enquanto Caleb se movia para a parte de trás da carroça, Jimmy estendeu a mão e agarrou seu braço.

— Chefe, tem que encontrar aquele garoto.

— A que distância eles estavam?

— Apenas algumas horas de viagem.

Caleb acenou para Doc e deixou a parte de trás da carroça. Quando saiu, colocou as mãos nos joelhos e respirou fundo várias vezes.

— O que ele disse, chefe? — perguntou Tot. Caleb se levantou e olhou para

os rostos expectantes dos homens que o cercavam.

— Preciso de um grupo de dez homens. Nós vamos cavalgar na frente. Jimmy disse que havia uma caravana que foi emboscada. Pode haver sobreviventes.

Vários dos homens gritaram que seguiriam Caleb. Caleb assentiu e os homens foram para seus cavalos.

— Eu enchi seu cantil, Caleb — disse Tot. — Também coloquei alguns biscoitos em um lenço. Pode comê-los no caminho até a trilha.

— Obrigado, Tot. — Caleb caminhou até a parte de trás da segunda carroça onde a munição e os sacos de dormir estavam armazenados. Abriu um caixote de madeira e enfiou vários cartuchos no bolso. Abrindo seu revólver de seis tiros, deu um giro antes de colocá-lo de volta no lugar. Guardou sua arma e pegou uma caixa de balas antes de ir para seu cavalo. — Dê mais uma hora de descanso e depois comecem a se mexer. Goodie, pode lidar com os homens. Nós nos encontraremos em algum lugar na estrada.

— Claro, Caleb.

Caleb subiu em Blaze. Quando estava prestes a levar o cavalo para os outros cavaleiros, Tot colocou a mão em sua perna.

— O que foi? — Caleb perguntou.

— Certifique-se de estar seguro, garoto. Não quero ter que explicar a Marmee, porque não voltou para casa. Não sabe o que está lá fora.

Caleb assentiu e levou Blaze para os outros cavaleiros.

— Vamos! — gritou, e os cavalos começaram a galopar pela areia quente.

Demorou cerca de uma hora a galope para chegar ao local que Jimmy havia mencionado. Caleb fez uma pausa quando viu os restos carbonizados da caravana. Jimmy estava certo. A visão era indescritível. Uma carroça estava inclinada de lado, a cobertura de lona e os arcos de madeira esmagados sob o peso.

Pelo menos quatro carroças foram queimadas e reduzidas a nada além de pilhas de madeira carbonizada. Caleb podia ver a fumaça saindo dos restos. A área estava repleta de corpos de homens, mulheres e cavalos. Até o gado foi morto.

Quem faria uma coisa dessas?!

— O que percebe, chefe? — Sawyer disse parrando ao lado de Caleb.

— Todos e tudo foram mortos — ele queria vomitar. O cheiro de madeira queimada e carne encheu seus pulmões.

— Ouviram isso? — perguntou um cowboy chamado Bob.

Caleb levantou sua mão de couro.

— Shhh! — ele podia ouvir o choro fraco de uma criança. — Espalhem-se — ordenou. — Vejam se ainda há alguém vivo.

Os homens desmontaram, caminhando e examinando os corpos. Caleb notou que nenhuma das carroças tinha cavalos ou bois na frente. Era como se os animais magicamente tivessem se desenganchado. Olhou ao redor novamente. Havia mais carroças do que animais para puxá-las.

Alguma coisa não estava certa.

Onde estavam os outros animais?

A caravana parou em frente a uma grande rocha com uma fissura. Não era um lugar onde alguém iria parar e descansar porque o afloramento bloqueava a visibilidade para o leste. Eles provavelmente nem viram os atacantes chegando.

E as carroças não estavam em círculo. O que lhe disse que não tiveram tempo para lutar com quem fizera aquilo. Os assassinos tinham o elemento surpresa nas mãos.

— Chefe! — gritou um dos cowboys. — Encontrei um homem aqui. Ferido, mas vivo.

— Veja se consegue descobrir, o que aconteceu — Caleb desceu de Blaze e então se aproximou da formação rochosa.

Ouviu um rosnado e então um cachorro pulou da rocha na sua frente. O cachorro rosnou quando se aproximou.

Ele deu um passo para trás e o cachorro o seguiu. Puxando seu revólver de seis tiros, ele o engatilhou. Não queria machucar a fera, mas também não seria mordido.

Quando mirou no cachorro, uma pequena voz gritou — Não! — e um menino de não mais de seis ou sete anos correu da fenda e se jogou em cima do cachorro.

CAPÍTULO 4



Caleb soltou o gatilho de seu revólver e o colocou de volta no coldre amarrado em sua perna. Olhou para o garoto balançando o cachorro. Estava coberto de sujeira da trilha e Caleb podia ver arranhões em suas mãos e bochechas.

O cachorro lambeu o menino em uma bochecha como se fosse limpá-lo. Ele agarrou o cachorro com mais força e soluçou no pelo do animal. Caleb se aproximou e o cachorro desviou sua atenção do garoto e rosnou.

— Parece que tem um bom protetor aí, filho — disse suavemente.

Ele estendeu a mão para o cachorro cheirar. O cachorro esticou o pescoço, mas não deu um passo à frente, nem parou de rosnar. Lembrou-se de que, ainda tinha parte do almoço de Tot em sua bolsa. Ele enfiou a mão na bolsa de transporte e quebrou um pedaço do biscoito azedo esfarelado.

— Está com fome, filhote? — perguntou, estendendo o biscoito cautelosamente para o cachorro. O cachorro cheirou e mordeu o biscoito. Conseguiu puxar os dedos de volta em tempo, para não perder um.

Caleb olhou para o garoto mais uma vez. Teria que avisar o resto dos cowboys que ele encontrou outro sobrevivente do ataque.

— Está bem, garoto? — perguntou. Não tinha estado perto de muitas crianças pequenas, então se sentiu um pouco estranho ao se aproximar do menino. — Onde está sua mãe? — O menino soluçou ainda mais. — Pode me contar o que aconteceu?

O garoto se virou e olhou para Caleb. Seu rosto redondo estava coberto de listras manchadas de sal que corriam pelas lágrimas. Havia algo familiar nele, mas Caleb não conseguia se lembrar. Talvez fosse um dos muitos garotos que andavam pelos currais em San Angelo.

Ouviu falar de um pequeno comboio de carroças que tinha ido para o Norte, enquanto ele estava na cidade. A fofoca nunca viajava mais rápido do que quando era de cowboy para cowboy. Deve ter sido aquela caravana.

— A mãe está morta. Estão todos mortos.

— Sinto muito, filho — Caleb estava sentado no chão, com as pernas cruzadas embaixo dele. Ergueu o cantil por cima do ombro e o abriu, entregando-o ao garotinho, que pegou o cantil e tomou um longo gole. — Como conseguiu escapar? E seu filhote, aqui? — Caleb apontou para o cachorro deitado no chão perto do garoto.

O menino devolveu o cantil para Caleb. Pôde sentir que estava quase vazio novamente. Tampou o cantil e colocou a alça de couro sobre o ombro mais

uma vez. A criança enxugou os olhos, revelando um par de orbes castanho-escuros emoldurados com cílios ainda mais escuros.

— Alguns homens pararam a caravana.

— Eles estavam em cavalos? — O menino assentiu. — Eram índios?

O garoto balançou a cabeça, negando.

— Eram homens brancos.

— Então, o que aconteceu?

— Eles estavam discutindo ferozmente com o Sr. Dixon. Então... então...

— O garoto parou por um momento, respirando fundo. — Então, o homem atirou nele. — O menino limpou o nariz nas costas da manga. — Simplesmente atirou nele sem motivo algum.

Caleb tentou manter suas emoções sob controle. Ele mordeu o interior de sua bochecha e flexionou a mão várias vezes.

— Continue?

— Mamãe me disse para correr. Para me esconder na fenda e não sair até que ela viesse me buscar.

— Sua mãe é muito inteligente.

— Scout veio comigo.

— Scout?

— Essa é minha cadela, Scout — disse, esfregando a parte de trás da cabeça do animal.

O reconhecimento de onde o conhecia, encheu o cérebro de Caleb.

— É o garoto da estrebaria. Foi lá que pegou a cadela, não foi?

O menino assentiu.

— Como sabe?

— Eu tenho o resto dos filhotes. Seu nome é...

— Hart. Hart Whitcomb.

— Isso mesmo. Bem, Hart. Eu sou Caleb. Estou levando meu gado de volta para Nebraska. Eu não sei para aonde estavam indo, mas pode vir conosco. Que tal irmos encontrar sua mãe?

— Ela está morta.

— Eu sei, filho. Mas devemos dar a ela um enterro adequado então.

— O Scout pode vir comigo?

— Claro, Scout pode vir.

— Aqueles homens atiraram no resto dos cães.

— O que mais eles fizeram?

— Levaram todos os cavalos. Alguns dos bois eles soltaram. Então os homens encontraram o caixote do Sr. Dixon com os potes dentro.

— Jarras?

— Mamãe me disse que isso fazia os homens fazerem coisas ruins. Que eu nunca deveria beber a água daquelas jarras.

Caleb assentiu. Deve ter sido licor de milho nos potes.

— O que aconteceu com todos esses bois? — perguntou, apontando para os bois espalhados pelas carroças.

— Então, os homens começaram a atirar neles. Em seguida, empilharam tudo o que puderam em algumas carroças e partiram.

Isso explicava, por que não havia cavalos ou animais suficientes por perto.

— Bob! — Caleb chamou.

Um cowboy separou-se de um grupo de homens a cavalo e se aproximou.

— Sim, chefe?

— Faltam pelo menos duas carroças. Quero que vá com Ranger, cavalguem na frente e descubram para onde estão indo. Não cheguem muito perto. Devem ser, foras da lei. Eu só quero saber a direção geral. Eles provavelmente estão indo para a água ou para uma cidade. Não há muitos lugares para se esconder aqui.

— Vai atrás deles, chefe ou os evitar?

— Talvez ambos. Agora vá.

— Sim, senhor. Ranger! — ele chamou e então partiram na direção dos trilhos da carroça.

Caleb deu um tapinha no ombro do menino.

— Vamos, filho, vamos encontrar sua mãe e enterrá-la.

Hart fungou e assentiu. Caleb se levantou e lhe ofereceu a mão. O menino deslizou sua pequena mão na dele e caminhou ao seu lado para a carnificina que estava espalhada pela areia. Ele caminhou até Mitchell.

— Mais algum sobrevivente?

— Três no total. Dois homens e uma mulher. Eu não sei se um dos homens vai sobreviver, foi baleado na lateral. Puxou a esposa morta para cima dele.

— E a mulher?

— Um pouco mais velha. Cabelos grisalhos.

Caleb suspirou.

— Tudo bem — isso não soava como a mãe de Hart. — Reúna o máximo que puder encontrar. Precisamos enterrar essas pessoas antes de voltarmos.

— Claro, chefe.

Caleb olhou para o menino. Havia uma carroça de lado com tábuas quebradas. Ofereceria um pouco de proteção contra o calor do verão. Guiou-o até a sombra da carroça.

— Eu quero que fique aqui. Nós cuidaremos de tudo. Qual era a sua carroça?

Hart apontou para uma carroça que estava completamente virada. Parecia que os atacantes tentaram incendiar o fundo dela, mas não deu certo.

— Senhor?

— Me chame de Caleb.

— Caleb. Posso pegar mais água? E algo para comer? Não como há quase um dia.

— Sim. — Ele entregou ao menino seu cantil e procurou em sua bolsa algum pemmican (composto de carne seca e gordura), embrulhado em pano. Tirou o pedaço da carne seca, frutas e alguns biscoitos e os entregou a Hart. — Não coma muito rápido e vá com calma na água. Eu não quero que fique

doente.

— Eu não vou — pegou o biscoito e o pemmican, mordiscando a ponta da guloseima dura e fez uma careta. — Isso tem um gosto terrível.

Caleb riu.

— Pode ser, mas dura para sempre, e vai te encher — deixou Hart na sombra e voltou para a tarefa sombria de ajudar a enterrar os homens, mulheres e crianças.

O sol estava alto no céu quando ouviu uma carroça se aproximando. Vários dos homens estavam cavando covas e os outros estavam movendo corpos em fila para serem enterrados. Perdeu a conta, aos dezesseis. Havia cerca de doze à espera de serem enterrados.

O som da carroça o tirou de seus pensamentos. Devia ser perto das duas horas. Estavam trabalhando há pouco mais de uma hora. Parecia muito mais tempo, no entanto.

— Querido Senhor, o que aconteceu? — Tot disse, trazendo a carroça para perto de Caleb.

— Eles foram emboscados. Provavelmente bandidos ou ladrões.

— Algum sobrevivente?

— Poucos. Usaremos a carroça de suprimentos — A carroça médica ainda estava andando com o rebanho; no entanto, Doc tinha montado com Tot apenas no caso de ele ser necessário. Caleb estava agradecido por Doc ter pensado na possibilidade.

Informou a Doc, o que estava acontecendo e sinalizou para seus dois meninos começarem a mover suprimentos entre as carroças. Precisavam abrir espaço para que os feridos pudessem ser atendidos e transportados. Caleb foi e pegou Hart, levando-o para a carroça de Tot.

— O que temos aqui? — Tot perguntou, olhando para o menino.

— Este é Hart. Ele foi um dos sobreviventes. E este é Scout, sua cadela. Tot vai deixá-lo andar com ele.

Hart chorou e passou os braços em volta das pernas de Caleb.

— Eu não quero deixar o senhor.

— Está tudo bem. Está seguro com Tot. Ele não deixará que nada lhe aconteça.

— Certo, eu não vou. Eu tenho a velha Nettie bem aqui para garantir que nada aconteça — Tot pegou um rifle empoeirado debaixo de seus pés.

Caleb levantou Hart no banco da carroça. O menino deu um tapinha no assento e chamou sua cadela. Scout pulou na carroça e enfiou a cabeça na caixa de madeira que carregava os filhotes. Ela deve ter percebido que os filhotes eram dela, pois Caleb podia vê-la cuidando deles. — É melhor deixar as mulas para trás; e preciso reabastecer meu cantil.

Tot desceu e foi retirar a concha para que Caleb pudesse encher seu cantil. E enquanto esperava Tot encher o cantil com água morna, observou Doc, que já estava tratando os sobreviventes.

— Tem alguma ideia do que aconteceu? — Tot manteve a voz baixa para

que Hart, não os ouviu.

— Acho que foram ladrões de cavalos. Eles levaram todos os cavalos; atiraram nos que não queriam. O menino disse que viu sua mãe ser assassinada.

Tot estremeceu.

— Nenhum garoto deveria ver isso.

— Enviei Bob e Ranger, para descobrir para onde eles foram.

— Está procurando problemas, garoto? — Tot perguntou, entregando a Caleb seu cantil.

— Não. Basta querer evitá-lo. Duvido que irão para Pueblo. Muitas pessoas. Eu só quero ter certeza antes de irmos para lá.

— Essa não é uma boa cidade, Caleb. O que Marmee pensaria?

— Marmee não está aqui. Nem o Pai — Caleb arrastou sua bota na terra.

— Nós só pegaremos água e suprimentos e sairemos. Podemos deixar os sobreviventes lá.

— Para que quer as mulas? Está pensando em tentar salvar uma das carroças? — perguntou Tot.

— Temos pessoas extras. Vamos precisar de uma carroça extra. Vou ficar para trás e ver o que podemos encontrar. Se houver algo que valha a pena salvar.

— Eu preciso de um cabide de lanterna extra, se encontrar um.

Caleb assentiu. Eles voltaram para a frente da carroça.

— Vejo-o em breve — Caleb disse a Hart. Acenou enquanto a carroça se movia. Quando a última carroça passou, fez sinal para que ela parasse para que ele pudesse pegar as duas mulas amarradas na parte de trás.

As mulas foram giradas durante todo o passeio de gado. Deu aos bois uma pausa de puxar; e as mulas eram eficientes, pois as carroças eram mais leves na jornada.

Caleb acenou enquanto Tot continuou em frente, movendo-se em torno dos bois mortos.

— O que precisa agora, chefe? — perguntou Doc.

— Seus pacientes estão bem?

Caleb amarrou as mulas em uma das carroças parcialmente queimadas.

— Tão bem quanto eles podem estar agora. Têm água e eu envolvi suas feridas. Vou verificá-los novamente, quando chegarmos mais longe na trilha.

— Vou precisar de mais três ou quatro homens para nos ajudar a enterrar essas pessoas. Pode ver com Goodie, quantos pode arrumar?

— Claro, chefe — Doc montou em seu cavalo e voltou-se para o rebanho.

O sol estava alto no céu quando os cowboys finalmente chegaram. Caleb não sabia quanto tempo eles estavam cavando, mas suas costas pareciam chamuscadas sob o colete de couro. Podia ver o gado caminhando lentamente pela paisagem.

— Que horas são? — Caleb perguntou, enquanto Goodie cavalgava. Ele puxou um relógio de bolso de seu colete.

— Não são bem quatro horas.

Quase cinco horas, desde que pararam para a refeição do meio-dia. Caleb estava exausto. Perguntou-se, onde Bob e Ranger estariam.

— Temos cerca de seis para enterrar. Eu sei que os homens gostariam de uma pausa — Caleb se levantou. Ouviu suas costas estalando quando deixou cair a pá na terra. — Esses homens e mulheres precisam de um enterro adequado.

— Não é o seu dever fazer isso, chefe.

Caleb olhou para Goodie.

— O que eu diria para Marmee, se não o fizéssemos? Essas pessoas têm famílias. Foram amados. Não vou deixá-los aqui para os coiotes e abutres.

Goodie, assentiu.

— Ok, homens! — chamou os cowboys que ainda estavam a cavalo. — Vamos enterrar o resto dessas pessoas — Goodie deslizou de seu cavalo e pegou a pá que Caleb deixou cair na areia. — Vá descansar, chefe. Eu cuido aqui.

Caleb assentiu e deu um tapa no ombro de Goodie. O fedor de morte e madeira carbonizada encheu suas narinas. Tomou um gole de água e agitou na boca antes de cuspi-la na areia. Isso aliviou um pouco da secura, mas o cheiro ainda permanecia.

Foi para o lado da rocha que se projetava da terra. Havia pelo menos um pouco de sombra ali. Quando ele estava em tempos de problemas, Marmee sempre o ensinava a levar seus problemas a Deus. Infelizmente, não tinha feito isso desde o dia em que seu irmão fora assassinado. Culpou Deus por isso, embora o assassino tenha sido pego e, posteriormente enforcado. Deveria estar lá para proteger Michael, e ainda estava bravo por perder seu irmão e melhor amigo.

Ele se moveu para fora da vista de seus homens. Certificando-se de que não havia escorpiões ou cascavéis do deserto, caiu de joelhos no solo quente. Olhando para o céu, começou a orar fervorosamente.

Orou por segurança para seus homens e agora esses estranhos, que estariam viajando com eles. Rezou para que os homens que fizeram, isso fossem punidos. Orou por Hart que havia perdido sua mãe e seu filhote, e orou por orientação para permanecer forte através das dificuldades que ele sabia que ainda estavam chegando na trilha.

Quando terminou, sussurrou amém. Estava prestes a se levantar quando uma vontade incrível de perguntar o encheu. Voltou para uma posição ajoelhada.

— Senhor — sussurrou. — Por favor, conte-me meus próximos passos.

Caleb esperou. Não ouviu nada, então se levantou e voltou para os homens. Ao contornar a rocha, pensou ter ouvido alguém chamar seu nome. Ele se virou, mas não havia ninguém lá.

Balançando a cabeça, ouviu a voz novamente.

Caleb. Verifique as carroças.

Ele estava no calor por muito tempo.

Não demorou muito para que a última das pessoas fosse enterrada. Ao todo foram dezoito.

— Acho que enterramos todos eles — disse Sawyer, enxugando o suor de sua testa.

— Vamos ver o que resta e se há algo que possamos usar na jornada.

Caleb trabalhou com os cowboys para recolher os suprimentos que os ladrões deixaram para trás. Três homens viraram a carroça que estava de lado. Vários dos arcos das carroças foram quebrados, mas eles poderiam usar o pano do capô para cobrir o conteúdo.

Enquanto exploravam, as palavras continuaram correndo por sua mente. *Verifique as carroças.*

Estavam verificando as carroças. O que mais Deus queria?!

Encontraram um baú cheio de roupas, que parecia ser do tamanho certo para um menino de sete anos. Caleb disse a eles para colocá-lo na carroça, caso pertencesse a Hart.

Ignoraram a maioria dos utensílios de cozinha e itens pessoais, mas encontraram um barril de café que ainda estava lacrado e uma caixa de madeira com munição. Caleb encontrou o que Tot, havia pedido. O tripé de ferro com uma corrente no meio que lhe permitiria pendurar um segundo forno sobre o fogo.

Um homem até encontrou um caixote de jarros cheios de um líquido claro. Caleb ficou surpreso que os ladrões os deixaram também. Colocaram os caixotes na traseira da carroça e continuaram a olhar.

Caleb estava do outro lado das carroças espalhadas, quando ouviu um dos homens gritar para ele. Estava cansado, com sede, com fome, pois não comeu o dia todo, e sua paciência estava se esgotando. Estava pronto para alcançar a carroça e descansar durante a noite.

O rebanho continuou passando e a carroça médica parou perto de onde os homens estavam trabalhando.

— Encontramos alguém! — gritou Sawyer.

— Onde? — Caleb perguntou, correndo em direção a ele.

— Sob esta carroça. Eu posso ouvir alguém chorando.

Foi a carroça que ficou completamente tombada e com a chamuscada em cima onde os ladrões tentaram incendiá-la.

As bordas da carroça estavam cobertas de areia, então Caleb pegou sua pá e começou a limpar as bordas.

— Ajudem-me! — chamou seus homens. Vários dos cowboys começaram a raspar suas pás ao redor da borda da carroça. Quando as bordas foram limpas, os homens ficaram em fila e usaram as pás como alavanca para levantar ligeiramente a carroça.

Caleb olhou ao redor. As caixas vazias! Correu e pegou uma, deslizando-a sob a borda da carroça.

— Ajude-me! — uma voz chamou da escuridão. Era uma mulher.

— Agente! — Sawyer gritou.

Caleb colocou outra caixa no canto mais distante.

— Ok! — gritou, entrando na fila com os homens. — Levantem!

Os cinco homens resmungaram, mas conseguiram virar a carroça, revelando uma mulher enrolada em uma bola. Ela estava segurando sua Bíblia e chorando.

— Nós a pegamos, senhora — disse Sawyer, aproximando-se dela.

Caleb olhou por cima do ombro de Sawyer, para a mulher. Seu rosto estava coberto de sujeira, mas podia ver a marca onde ela havia sido atingida no rosto com a coronha de um rifle. A marca de impacto cobriu sua testa, sobre seu olho e em sua bochecha. Era incrível que ela não tivesse sido morta instantaneamente. Talvez, os ladrões pensassem que ela estava morta.

Seu olho estava inchado e seu lábio estava sangrando. Seu cabelo parecia mais escuro, mas provavelmente era por causa da sujeira e do sangue que o cobria. A fúria encheu as veias de Caleb e sentiu o sangue pulsando em sua testa.

Onde estavam, Bob e Ranger? Queria ir atrás desses homens por tentarem queimar uma mulher viva.

— Dê-lhe água — disse ele. Um dos homens entregou a Sawyer um cantil. Sawyer se moveu e levantou a cabeça da mulher para deixar a água fluir em sua boca. Caleb tirou sua bandana e a entregou a Sawyer.

— Encontre o Doutor! — um dos cowboys gritou.

Sawyer molhou a bandana e a usou para começar a remover a sujeira do rosto da mulher. Ela choramingou quando ele tocou sua pele macia.

Enquanto Sawyer limpava a sujeira e o sangue, os hematomas eram mais pronunciados. Podia-se sentir o cheiro do medo rolando dela, enquanto a mulher olhava com os olhos cheios de sangue para os homens amontoados ao seu redor.

— Afastem-se! — Sawyer latiu. — Deem-lhe um pouco de ar!

Caleb se engasgou. Ele reconheceu a mulher; mas foi Sawyer que a identificou pelo nome.

— Sra. Whitcomb!

CAPÍTULO 5



Caleb gemeu e saiu de debaixo da carroça, tomando cuidado para não perturbar os filhotes que dormiam em seu saco de dormir. Três deles se estabeleceram com ele e os outros, assumiu, estavam com Hart. O menino não conseguia manter as mãos longe dos filhotes que se contorciam.

Levantou-se e se inclinou para trás o máximo que pôde até ouvir suas costas estalarem. Entendia como seus irmãos se sentiam dormindo no chão. Se lembrou de Oliver gemendo quando eles estavam em busca de cavalos.

É verdade que seus irmãos mais velhos tinham trinta e dois anos, mas Caleb achava que tinham acabado de se tornar velhos.

Agora, aos vinte e nove anos, se perguntava se estava se tornando um também. Cada osso em seu corpo estava doendo. Ainda estava escuro lá fora, mas podia ver a fogueira de Tot queimando e o cheiro de bife da noite anterior, envolto em molho, aquecendo em um forno holandês.

Espreguiçou-se novamente, tirou as botas e sacudindo-as antes de colocá-las de volta. Não dormia sem botas, pois escorpiões, aranhas e até cobras eram uma ameaça real. No entanto, sacudia a areia pela manhã e geralmente duas vezes durante o dia. Como a areia, ficava sob suas calças e em suas botas, ele ainda não havia descoberto.

Quando terminou de sacudir as botas, pegou a camisa que estava pendurada em um gancho do lado de fora da carroça. Não havia umidade durante o dia, mas à noite algo mágico acontecia. Muitos dos cowboys penduravam uma camisa em uma vara que Tot mantinha em sua carroça, ou a colocavam sobre a sela, ou até mesmo a penduravam em um varal conectando carroça a carroça.

Ao amanhecer, o pano estaria cheio do orvalho da manhã. O suficiente para encher uma caneca de café. A maioria dos homens, torciam a camisa diretamente em suas bocas.

Caleb apertou sua camisa sobre uma pia. Estava cansado e sujo, e convencido de que Marmee, poderia sentir o cheiro dele desde Nebraska. Ela lhe ensinou que a limpeza está ao lado da Divindade. Ele se perguntou se, havia cowboys no céu.

Agora, não estava se sentindo excepcionalmente limpo, ou perto de Deus. Não conseguia entender por que Deus criara uma paisagem que era toda de areia, com temperaturas de cem graus na sombra e a enchera de criaturas venenosas. Preferia as pradarias exuberantes, penhascos e aquíferos que cobriam Nebraska.

Estava rastreando em seu mapa, a distância que o gado havia percorrido. Eles estavam fazendo cerca de quinze milhas por dia. Quando choveu levemente, fizeram vinte, porque o ar estava mais frio, mas ainda estavam indo devagar. Mal podia esperar para chegar a Pueblo e tomar um banho quente.

Às vezes, as carroças paravam em um riacho e os homens se limpavam, mas não havia nada entre, onde quer que estivessem agora, e Pueblo no mapa.

Tot se aproximou e colocou uma xícara de café na traseira da carroça.

— O ouvi levantar-se, garoto — disse ele.

Caleb sorriu. Embora todos os Chapmans fossem homens e mulheres adultos, Tot ainda se referia a eles como menino ou menina.

— É difícil dormir quando se tem um monte de filhotes se espreguiçando à noite.

— Tente dormir com filhotes e um menino pequeno — Hart estava dormindo na carroça de Tot com o resto dos filhotes. Ele não tinha falado muito desde que sua mãe foi encontrada. — Me faz desejar ter trazido uma rede. Eu a esticaria de uma carroça para a outra. Poderia até ter uma boa-noite de sono.

Caleb terminou de torcer o máximo de água que pôde da camisa e depois a pendurou de volta no gancho. Estava quase seca. Uma vez que ele se lavasse, vestiria a camisa.

— Vamos lavar roupa em breve? — ele perguntou.

— Quando chegarmos à cidade. Não há água suficiente até então.

Fazia quase uma semana desde que encontraram a caravana. Deveriam chegar a Pueblo, dentro de dois dias.

Dos cinco sobreviventes, um morreu de seus ferimentos de bala. Eles o enterraram ao longo da trilha, usando a madeira de um dos caixotes para fazer uma cruz.

Caleb decidiu deixar o homem e a mulher feridos em Pueblo. Ambos teriam um longo caminho para a recuperação. Não poderia permitir que diminuíssem a velocidade de levar o gado para Nebraska.

Depois havia a Sra. Whitcomb e seu filho.

Ele ainda não tinha decidido o que fazer com eles.

Bob e Ranger, voltaram e relataram que os ladrões estavam se movendo para o leste, como se estivessem indo para Kansas City. Se não estivessem perto de onde estava levando seu gado, tudo bem para ele.

Relataria o que aconteceu com a lei em Pueblo e depois os deixaria lidar com isso. Seus dias de perseguir ladrões de gado, haviam acabado.

Seu último encontro com um ladrão foi depois que Duke Richards conseguiu roubar cem cabeças do Rancho Chapman. Os irmãos Chapman foram atrás dele, mas foram Michael e Marianne que encontraram Duke em um saloon em Denver, Colorado. Caleb deveria ir com eles, mas teve que ficar para trás, pois era época de parto. O pai deles, não poderia ter tantos de seus meninos indo embora de uma vez.

Agora Michael estava morto, e Marianne estava fazendo o que Marianne fazia. Até Penelope havia se mudado.

Depois de se lavar na água morna, Caleb vestiu a camisa úmida e pegou sua xícara de café. Esperaria um pouco antes de abotoá-la. Odiava a sensação do tecido úmido contra sua pele.

Caminhou até onde Tot estava mexendo batatas em uma panela grande com três pernas que podiam ficar sobre as brasas.

— Vamos lavar roupa em breve?

— Já me perguntou isso, garoto — disse Tot. — Quanto tempo planejamos descansar em Pueblo?

— Prefiro não ficar muito tempo. Não quero dar a ninguém, ideias sobre os cavalos e o gado que temos.

Pueblo tinha acabado de abrir sua primeira ferrovia e havia gado sendo enviado por toda a pequena cidade. Alguém poderia, facilmente, colocar algumas cabeças em um trem, e ninguém saberia.

Não era como se Caleb contasse as três mil cabeças todos os dias.

— Os meninos precisam de uma pausa.

Caleb assentiu.

— Acho que duas noites, no máximo. Dá aos meninos uma chance de descansar. Se dê uma chance de descansar, também.

— Não há descanso para os cansados. Não é isso que sua mãe está sempre dizendo?

Caleb tomou um gole do café amargo e se ajoelhou ao lado da carroça.

— Marmee, diz muitas coisas.

— Mulher sábia, sua mãe.

Caleb notou Hart e os filhotes dormindo embaixo da carroça. O pé de meia de Hart apareceu debaixo de um cobertor.

— Pensei que tinha dito que eles estavam dormindo na carroça?

Tot deu de ombros.

— O menino teve um pesadelo ontem à noite. Ele mesmo acordou. Eu o ouvi chorando que não queria dormir sozinho. Estava consertando o fogo, então ele saiu e trouxe os filhotes para baixo. Está dormindo lá há algumas horas.

— Esses filhotes, com certeza, cresceram.

Tot assentiu.

— Acho que estão grandes o suficiente para correrem atrás dos vagões agora. Eu sei que ficaria feliz em tirá-los da carroça.

— Vou pedir para Slim começar a trabalhar com eles. Ele é um dos melhores treinadores de cães que temos.

— Vai deixá-lo feliz em sair brigando, tenho certeza.

— Se precisar que eu encontre outro lugar para Hart dormir, me avise. Não posso deixá-lo cansado demais para poder cozinhar.

Tot riu.

— Eu seria assim mesmo se não houvesse um jovem vacilante na carroça.

— *Talvez ele possa ir dormir com sua mãe e a Sra. Miller* — Caleb pensou.

— Bom dia — uma voz disse suavemente na escuridão. Caleb se virou para ver uma silhueta caminhando em direção a eles. Ao se aproximar, reconheceu Doc.

Os cowboys estavam começando a acordar. Caleb podia ver os contornos dos homens a cavalo quando o sol começou a nascer. Os homens trabalhavam em turnos de duas horas. Quatro homens cavalgavam ao redor do rebanho protegendo-os dos predadores.

Às vezes cantavam, e a voz suave de sua canção se juntava ao mugido do rebanho e embalava o resto dos homens para dormir.

Doc caminhou até o fogo e pegou a cafeteira. Serviu-se de uma xícara e então se juntou a Caleb ao lado da carroça.

— Como estão os pacientes? — Caleb perguntou.

— A febre do Sr. Robert passou ontem à noite. Acho que ele vai ficar bem. A Sra. Miller apenas olha para a lateral da carroça.

— E o Jimmy?

— Ficar bem. Ele ia pedi-lhe, para patrulhar novamente.

— Não. Quero que ele seja visto pelo médico da cidade. Então, se o médico disser que está tudo bem, eu ainda direi não.

Doc deu uma risadinha.

— Obrigado por sua fé em mim — disse ele, tomando seu café.

— Está pronto para comer? — perguntou Tot. — Esses meninos vão estar aqui em breve.

Doc estendeu seu prato.

— Estou sempre pronto para comer.

— Vou guardar três pratos para seus pacientes, doutor.

— Agradeço por isso. Estou deixando-os dormir o máximo possível.

Tot espetou um pedaço de bife e o colocou no prato de Doc.

— Molho?

— Sim. Batatas também — uma colher de batatas foi jogada ao lado do bife, junto com um biscoito.

Caleb estendeu seu prato e olhou para o pedaço de bife carbonizado envolto em molho.

— Quer mais molho?

— Não, eu estou bem. Vou tomar mais café, no entanto. — Tot deixou cair um biscoito no prato de Caleb.

— Batatas?

— Não, apenas café — ele disse, estendendo sua xícara.

A fila atrás dele estava se formando, com cowboys famintos esperando sua vez. Normalmente esperaria, mas esta manhã ele tinha que ser o batedor da unidade de gado.

Caleb pegou seu bife e caminhou até a parte de trás da carroça. Inclinou-se contra a roda, enquanto comia.

Toda semana, eles abatiam e esquartejavam uma das vacas. Normalmente era uma das mais fracas. Teriam bife fresco, naquela noite. Em seguida, a carcaça restante seria embrulhada em estopa e pendurada na parte de trás da carroça para secar.

No final da semana, Tot estaria cozinhando o que restava no molho e servindo no café da manhã.

O molho esconde uma multidão de pecados.

Ele empurrou a carne no molho de pimenta e colocou um pedaço na boca.

O cheiro do bife deve ter atraído os filhotes, pois todos estavam aparecendo de debaixo da carroça e sentando-se ao redor dos pés de Caleb esperando um pedaço cair.

— Parece que tem amigos hoje — disse Doc.

Caleb empurrou a areia em direção a um dos filhotes com sua bota. Não queria ensiná-los que, mendigar estava tudo bem. Haveria muitas sobras com que Tot os alimentaria, assim que todos terminassem. O filhote não parecia abalado pela mini parede que construiu e pensou que estava brincando.

— Onde está, Tot? — o menino ainda sonolento perguntou, saindo de debaixo da carroça.

— Onde estão seus sapatos, amigo? — disse Caleb.

Hart voltou para debaixo da carroça e saiu com a bota perdida. Sentou-se na areia e estava prestes a enfiar o pé na bota quando Caleb o parou.

— Não faça isso! Precisa sacudir primeiro.

— Assim? — Hart perguntou, balançando o sapato vigorosamente para cima e para baixo. Caleb colocou seu prato de lado e se ajoelhou ao lado de Hart.

— Precisa virar de cabeça para baixo primeiro — Caleb pegou a bota e colocou um punhado de areia dentro dela.

— Por que o senhor, está fazendo isso?

— Observe — disse Caleb. Ele girou a areia dentro do sapato e depois a derramou. Uma aranha quase da cor do próprio chão apareceu na areia e correu para debaixo da carroça. — Se tivesse colocado o pé lá, ela lhe teria picado.

— Eu teria morrido? — Hart perguntou, seus olhos se arregalando.

— Não. Mas teria doído muito. É por isso que os cowboys dormem de botas.

— Eu quero ser um cowboy, um dia — disse Hart.

— Tenho certeza de que será.

— Talvez eu possa até vir trabalhar para o senhor.

Caleb riu.

— Bem, os homens que trabalham para mim são um pouco mais velhos. Mas talvez se aprender tudo que puder na trilha, possa ser um cowboy no final da viagem.

— Eu quero andar na frente.

— Já andou a cavalo antes?

Hart assentiu.

— Eu montava em Taffy. Ela era uma égua mansa — ele então, ficou sombrio e olhou para o chão. — Mas ela se foi agora. Aqueles homens a levaram.

— Farei um relatório com o xerife da cidade e talvez os homens de lá a encontrem — Caleb se levantou e ajudou Hart a levantar-se — O que acha de dormir na carroça com sua mãe? — não tinha ideia do que faria com a Sra. Miller, mas pensaria em algo.

Hart balançou a cabeça vigorosamente.

— Não. Eu não quero.

— Tot disse que você tem tido pesadelos.

Hart olhou para Tot com os olhos semicerrados.

— Eu não estou tendo pesadelos — Caleb não pressionou o assunto. Hart viu Slim caminhando até a fogueira. Ele era fácil de ver, pois estava cabeça e ombros acima do resto dos homens. — Vejo o senhor, mais tarde — Hart disse, correndo em direção a Slim. Os cachorrinhos o seguiram.

— Ela se lembra de alguma coisa? — Caleb perguntou. Não precisava identificá-la.

O doutor balançou a cabeça.

— Não, não se lembra de nada até o ataque. Nem reconheceu o filho.

— Ele a viu?

— Ele foi ontem. Acho que o rosto dela o assustou. Deu tudo o que tinha, para não correr. Vai demorar um pouco para que essas contusões desapareçam.

Caleb tinha ido vê-la, frequentemente, mas estava sempre dormindo.

— Provavelmente é por isso que Hart está tendo pesadelos — Caleb tomou um gole de seu café. — Vou visitá-la quando voltar, se ela quiser receber visitas. Eu gostaria de ouvir o que aconteceu, de seus lábios.

— Vou avisá-la.

— Prefiro que não. Não quero que ela pense no que vai dizer. Só vou parar quando voltar ao acampamento.

— Aonde vai hoje?

Caleb jogou os restos de café na areia e os cobriu com o pé.

— Eu vou para Pueblo. Quero ver se encontramos água pelo caminho e farei um pedido no mercado para quando chegarmos lá.

— Ande com segurança.

— Eu vou — pegou seu prato e xícara. Caminhou até a grande panela cheia de água morna e os colocou na água.

Uma vez que Tot terminasse de servir a todos, ele começaria a lavar a louça e então embalaria a carroça para correr para o próximo local. Era um trabalho difícil fazer três refeições por dia para homens famintos, mas Tot gostava de seu trabalho. Não importava o quanto ele reclamasse, Caleb sabia que Tot estava feliz por ter vindo na viagem.

Depois de encher seu cantil, subiu em Blaze e seguiu para o norte na luz do

amanhecer.

CAPÍTULO 6



Era quase hora do jantar e Caleb estava cavalgando por quase dez horas. Ele precisava dar um descanso a Blaze e comer alguma coisa. Chegou até Pueblo e fez um pedido de suprimentos no mercado para ser retirado dois dias depois.

Também, enviou telegramas de volta ao xerife no Texas e aos Chapmans em Flat River. Finalmente, ele parou no escritório do xerife.

O homem não sabia nada sobre bandidos na área, e não tinha visto ninguém entrar na cidade com um grande grupo de cavalos que não estavam montando ou colocando em um trem. Ele disse-lhe que ficaria de olho e pararia quando a unidade de gado passasse pela cidade.

Caleb saiu e voltou para seus homens o mais rápido possível.

— Caleb! Caleb! Olhe! — Hart gritou para ele enquanto se aproximava das carroças. Parou ao lado do seu cavalo para lhe mostrar um objeto. A luz refletiu nele, cegando Caleb enquanto Hart torcia o objeto entre seus pequenos dedos.

Caleb desmontou e caminhou ao redor de seu cavalo até onde o menino estava com um sorriso no rosto.

— O que é isso?

— Eu encontrei. Sozinho — Hart entregou o objeto para ele.

Caleb o virou na palma da mão.

— Isso é uma ponta de flecha.

— Eu sei! — Hart disse animadamente. — Eu nunca vi uma ponta de flecha índia antes. Slim disse, que eu poderia ficar com ela. O senhor acha que veremos um índio enquanto estivermos aqui?

— Espero que não. Eles não são muito amigáveis nestas partes.

— Mal posso esperar, para mostrar a mamãe.

Caleb deu-lhe um sorriso.

— Tenho certeza de que ela achará muito excitante.

Hart colocou a ponta da flecha no bolso.

— Posso ajudá-lo com seu cavalo?

Caleb colocou as rédeas de Blaze nas pequenas mãos do garoto. Hart parecia tão pequeno ao lado do grande cavalo.

— Tome cuidado. E não faça movimentos bruscos. Os cavalos não gostam disso.

O rosto de Hart assumiu um ar sério quando ele gentilmente puxou as rédeas de Blaze. O cavalo afundou, recusando-se a ceder.

— Vamos, Blaze — disse, puxando novamente.

Caleb observou enquanto ele puxava as rédeas. Blaze dava um passo à frente e depois se recusava a se mover. Quando Hart dava um pouco de folga nas rédeas, Blaze dava um passo à frente. O cavalo até tentou morder o seu cabelo.

— Ele está brincando, garoto — disse Caleb. — Deixe as rédeas afrouxarem e depois apenas ande. — Hart afrouxou o aperto nas rédeas e começou a andar para trás. — Vire-se e apenas caminhe.

Hart fez o que lhe foi dito. Blaze acelerou o passo, e seus grandes lábios aveludados se estenderam para tocar o seu cabelo novamente. O menino riu e acenou com a mão no ar.

— Eu preciso de um chapéu — ele disse, — para que eu possa acenar no ar quando Blaze fizer isso.

— Vou verificar se podemos encontrar-lhe um.

Hart parou.

— Sério?

— Sério.

— Quero morar em um rancho. O senhor, mora em um rancho?

— Eu moro. Com minha família.

— Eu morava em um rancho, mas depois papai morreu. Vangie teve que ir embora e agora mamãe não pode cuidar de mim.

Caleb andou no ritmo dele.

— Quem é Vangie?

— Ela deveria ser minha tia.

— Deveria ser?

Hart assentiu.

— Deveria ser, mas eu não acho que ela é.

— Por que acha isso?

— Eu as ouvi sussurrando à noite depois que papai morreu. Não sei do que elas estavam falando, mas choravam muito. Fingi que não ouvi quando fui para a cama — Hart arrastou a bota pela areia. — Então, um dia ela simplesmente desapareceu. Isso foi antes de que pegássemos uma carroça e tivéssemos que nos mudar.

— Sabe para aonde, estavam indo?

Hart afastou a franja dos olhos.

— Apenas ao norte. Mamãe não me contou. Disse que íamos ver parentes. Isso é tudo. Ela não me diz muito — caminharam em silêncio os últimos metros, até onde os cavalos estavam amarrados. — Eu vou mostrar a Tot minha ponta de fleche — disse ele, entregando as rédeas de volta para Caleb e correndo em direção à carroça.

Caleb balançou a cabeça. Hart certamente, era um garotinho interessante. Ele lhe lembrou seu irmão Michael quando eram jovens. Tudo era uma aventura para Mike. Eles passavam horas vagando pela pradaria e traziam de volta seus tesouros para Marianne e Alice bajularem. Mike era um contador

de histórias talentoso. Poderia tecer um fio de quase qualquer coisa.

Viu esses mesmos traços em Hart, e isso o fez sentir ainda mais a falta de seu irmão. Desafivelou a sela de Blaze e puxou-a do cavalo. Não tinha uma escova, então pegou um pouco de areia na mão e esfregou no couro de Blaze para absorver o suor.

Pelo menos a areia tinha um bom propósito.

— Chefe — Slim disse, caminhando até Caleb. Ele tinha um prato na mão e estava movendo o conteúdo com uma colher.

— O que vamos mastigar hoje?

— Feijões. Acho que pode até haver um pouco do bife que sobrou desta manhã lá.

— Feijões — Caleb estava no ponto da jornada em que estava cansado de feijão.

— Tot disse que tinha alguns ovos sobrando. Provavelmente, poderia lhe fritar um.

— Esses ovos estão na parte de trás da carroça desde que entramos na trilha. A menos que fossem vidros d'água, eu não gostaria de tocá-los agora. Eles provavelmente estão podres e devem ser jogados aos coiotes — Caleb notou que Slim moveu uma pilha de ovos mexidos para o outro lado de seu prato. — Sempre olhe para o que mastiga, Slim. Eu só vou comer feijão e ficar bem com isso.

— Hart lhe mostrou seu achado?

Caleb parou de esfregar Blaze.

— Sim. Acha que foi recente, ou já estava lá há algum tempo?

— Não tenho certeza.

— Diga aos homens que fiquem de olho nos índios. Eu não quero nenhum problema.

— Entendido. Encontrou água hoje?

— Encontrei um leito de rio úmido. Vamos acampar lá hoje à noite. Vou mandar alguns dos homens cavarem água para o gado e os cavalos. Espero que cheguemos a Pueblo em dois dias. Vamos reabastecer os suprimentos e encher os barris.

Slim assentiu.

— Vou avisar os homens para ficarem atentos a problemas.

— Como os cachorros se saíram hoje?

— Bem. Hart está aprendendo a treiná-los. Eles entendem, sentar e ficar. Não ficam, mas entendem — Slim mastigou o feijão por um momento. — Ele é um bom garoto.

— Ele é.

— Sobre sua mãe, eu me pergunto o que ele vai fazer se ela não se recuperar.

— Ela vai se recuperar.

— Quero dizer, não pode deixá-los em Pueblo. O xerife vai mandá-la para um asilo mais rápido do que uma cascavel pode atacar.

Caleb pegou um novo punhado de areia e começou a esfregar Blaze novamente.

— Não é meu problema. Eu sou responsável por eles, enquanto fazem parte da movimentação do gado. Assim que chegarem a Pueblo, não serão mais minha preocupação.

— Seria uma pena esse menino crescer sem mãe.

Caleb fez uma pausa.

— O que quer dizer, Slim?

— Nada, chefe. Só de pensar que um menino assim poderia ter um pouco de Marmee em sua vida...

— Vou me certificar de enviar uma mensagem de volta ao xerife em San Angelo. Ele pode enviar alguém para ficar com eles.

— Certifique-se de fazer isso, chefe. E poderá explicar a Marmee, como deixou uma mãe e seu filho ao longo da trilha.

Caleb observou Slim ir embora, então jogou a areia no chão com raiva. Esfregando a mão pelo rosto, ele pensou no que Slim disse.

Um menino assim poderia ter um pouco de Marmee em sua vida.

Marmee certamente fez a diferença na vida de todos que ela tocou. Mas decidiu que a Sra. Whitcomb e Hart permaneceriam em Pueblo com os outros passageiros. Eles poderiam pegar uma carroça ou um trem para Kansas City, ou para onde quer que estivessem indo.

Caleb moveu sua sela para a sombra fornecida pela carroça e foi procurar algo para comer. Atrás da carroça havia um caixote de madeira onde Tot guardava os pratos, xícaras e talheres.

Enfiou a mão na caixa e pegou uma colher e um prato esmaltado. Enganchando uma xícara de café em seu dedo, caminhou até onde Tot estava derramando grãos.

— Todo mundo comeu?

— Não deve fazer diferença. Precisa comer também.

— Quero ter certeza de que todo mundo já comeu.

— É muito parecido com seu pai, Caleb. Ele estava sempre se preocupando com seus homens.

— Eles são minha responsabilidade. Então, todos tiveram sua parte?

— Dê-me seu prato, garoto. Sim, eles tiveram — Tot segurou o prato e colocou uma colher grande de feijão sobre ele. Acenou a colher no rosto de Caleb. — Tem que cuidar de si também. Eu o vejo comendo menos do que todo mundo. Está ficando magro, garoto.

— Bem, então me dê duas colheres, velho — Caleb sorriu.

Tot encheu a xícara de Caleb e foi e se juntar aos homens, sob a sombra da lona pendurada entre duas carroças.

Ele ouviu os homens falarem de um lado para o outro sem, realmente, ouvir o que estavam dizendo. Um puxou um violão e estava dedilhando suavemente. Quando a refeição terminou, se deitou na areia, usando o braço como travesseiro. Colocou o prato e a xícara no peito. Os levaria para o

lavatório, em breve. Não havia pressa enquanto Tot preparava o próximo feijão para o jantar.

Caleb olhou para o céu azul brilhante acima dele, com as nuvens brancas fluuando delicadamente em uma brisa invisível. Por um momento, imaginou que estava em casa. Sentiu seus olhos ficarem pesados sob o sol do meio-dia. Abaixando o chapéu sobre o rosto, fechou os olhos e adormeceu imediatamente.

Parecia que ele estava dormindo há apenas alguns minutos quando sentiu alguém cutucar sua bota. Levantou o chapéu e abriu um olho. Doc estava em cima dele. Notou que seu prato e xícara estavam faltando. Tot, deve tê-los levado. Ele ouviria sobre isso mais tarde, tinha certeza.

— Está acordado?

— Agora estou.

— Ela está acordada.

Caleb assentiu.

— Vou em um minuto.

Doc voltou para as carroças onde seus pacientes estavam descansando. Caleb rolou de joelhos e sentiu a areia afundar em suas botas. Ele a sacudiu e caminhou até as duas carroças que continham os feridos.

Na primeira carroça estavam os dois homens. Na segunda as duas mulheres.

Caleb caminhou até a primeira carroça e enfiou a cabeça para dentro.

— Só queria verificar como o senhor estava se sentindo.

O Sr. Roberts estava encostado em um dos barris vazios.

— Melhor. Ainda dói.

— Irá melhorar, assim que chegarmos à cidade. Onde está sua família?

— Denver. Estávamos indo para Denver.

— Tenho família em Denver. Duas irmãs. Enviaremos um telegrama assim que chegarmos a Pueblo. Caleb voltou sua atenção para seu batedor. — Está se sentindo melhor, Jimmy?

— Estou pronto para sair daqui e a cavalo.

— Talvez, possa montar amanhã. Apenas descanse mais um dia.

— Preciso sair dessa carroça.

— Amanhã — Caleb insistiu enquanto apertava a corda do capô. Ele caminhou até a segunda carroça e entrou no espaço apertado. A Sra. Miller, estava dormindo de um lado. Ela tinha se colocado o mais perto possível do aparador.

A Sra. Whitcomb estava deitada do outro lado. Ela estava olhando para os arcos que estavam dobrados sobre a carroça.

— Senhora? — Caleb disse se aproximando. Seu rosto estava coberto de vergões roxos e amarelos e o inchaço havia diminuído um pouco ao redor do olho e da bochecha. Ela teve sorte que ainda tinha sua visão. Ele tentou se lembrar dela como era, quando a viu pela primeira vez em San Angelo. Ela não respondeu. — Senhora? — Caleb disse suavemente. Tirou o chapéu e o

colocou no chão.

Eventualmente, ela fechou os olhos, apertando-os com força. Caleb podia ver uma única lágrima escapar do lado de seu olho. A viu inspirar fundo e então abrir os olhos, virando-se ligeiramente para olhá-lo.

— O senhor, é o chefe da trilha, não é? — Caleb assentiu. — O médico me disse.

— A senhora, pode me ver bem? — ele acenou com a mão na frente dos olhos dela.

Ela os fechou novamente, mantendo-os fechados por um minuto e depois reabrindo.

— Eu posso vê-lo. Só dói fixar em qualquer coisa por muito tempo. Eu posso olhar para os arcos, porque eles estão longe o suficiente.

— Preciso fazer algumas perguntas sobre os homens que atacaram a caravana.

— Não me lembro de nada.

— Poderia tentar?

Ela fechou os olhos com força mais uma vez e cobriu o rosto com o braço. Caleb viu seus ombros tremerem.

— Não me lembro.

— A senhora, sabe para aonde estava indo? Por que estava com a caravana?

— Não — ela resmungou.

— Pode olhar para mim, senhora? — Caleb gentilmente tocou seu cotovelo.

Ela descobriu o rosto, enxugou as lágrimas com as costas da mão e hesitantemente olhou para Caleb. Ele podia vê-la tentando focalizá-lo.

— O senhor, pode se afastar? — Caleb voltou para a abertura da carroça.

— Eu posso vê-lo melhor agora.

— Lembra-se do seu filho?

— Não. Eles trouxeram um menino para me ver mais cedo. Disse que era meu filho.

— Mas a senhora, não se lembra dele? — Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Lembra-se do seu nome? — Caleb perguntou. A mulher não respondeu. — Seu nome é Vangie?

Viu confusão em seu rosto. Sua testa franziu e ela mordeu o lábio inferior. Finalmente, olhou para ele.

— Sim. Sim, meu nome é Vangie.

Ele sentiu um tapinha nas costas. Virou-se e Doc estava parado ao lado da carroça.

— O nome dela é Lydia.

— Como sabe disso? — Caleb perguntou. Lydia era um nome bonito. Combinava com ela.

— O capataz do rancho me disse. Ele trabalhava para o marido dela. Eu

queria ver se eu conseguia fazê-la se lembrar de alguma coisa — Doc sussurrou.

Caleb assentiu.

— Seu nome não é Vangie. É Lydia.

— Lydia?

Ele assentiu.

— Nós nos vimos em San Angelo. A senhora, sabe quem eu sou?

Seu rosto se abriu em um sorriso quando o olhou.

— Claro que sim! — disse ela. — O senhor é meu marido.

CAPÍTULO 7



Caleb montou ponto para o rebanho. Hart estava sentado na sela com ele, segurando as rédeas de Blaze.

— Quanto tempo mais? — Hart perguntou, movendo-se na sela.

— Apenas algumas horas.

Os animais sentiram o cheiro da água quando começaram a se mexer. Eles gritaram em ondas, ganhando velocidade à medida que se aproximavam do rio Arkansas, nos arredores de Pueblo.

— Acha que podemos nadar no rio?

— Haverá muitos animais lá, então provavelmente não será seguro.

Hart se inclinou e deu um tapinha no pescoço de Blaze.

— Eu gosto do seu cavalo.

— Ele é um bom menino.

— O senhor tem muitos cavalos?

— Nós temos os cavalos do rancho. Então meus irmãos têm alguns. Estamos levando-os de volta ao Nebraska para eles.

— Aqueles eram nossos cavalos — Hart disse, apontando para a fileira de cavalos que Slim estava guiando ao redor do gado. Ele os viu e acenou. Hart acenou de volta.

— Esses são bons cavalos. E o gado?

— O pai tinha muito. A mãe vendeu alguns deles depois que ele morreu.

— Sinto muito pelo seu pai — Caleb não podia imaginar perder seu pai. — O que sua mãe fez?

— Ela plantou um jardim.

Caleb riu. A mulher tinha acabado de perder o marido, teve que vender o gado e em vez de se casar novamente, como algumas mulheres, plantou um jardim. Isso soou como algo que Marmee, faria.

— Minha mãe também tem um jardim.

— Sua mãe planta nabos?

— Suponho que sim. E feijão, cenoura e milho — Caleb sentia falta da comida caseira de Marmee.

— Não gosto de nabos. Mamãe, plantou muitos deles.

— Suponho que se isso é tudo o que estava comendo, então posso entender por que não gosta deles.

— Eu gosto de cenouras — Hart ficou quieto por um momento. — Taffy gostava de cenouras — ele se inclinou para acariciar o cavalo novamente. — O Blaze gosta de cenouras?

— Gosta. E maçãs. E cubos de açúcar. Ele gosta de qualquer coisa doce.

— Posso alimentá-lo com uma cenoura quando chegarmos à sua casa?

Caleb fez uma pausa. Sabia que precisava agir com muito cuidado com sua resposta.

— Por que acha que está indo para minha casa?

Hart girou na sela mais uma vez.

— Porque, o senhor disse que eu poderia ser um cowboy. Não posso ser um cowboy se não estiver no seu rancho, bobo.

Caleb exalou um suspiro de alívio. Poderia resolver deixar todos para trás em Pueblo, assim que chegassem.

A paisagem havia mudado e eles não estavam mais apenas na areia. Grandes rochas se projetavam do chão e alcançavam o céu, seus platôs brilhando ao sol. Havia mais vegetação e Caleb podia ver os animais correndo enquanto se aproximavam. Aquilo era um bom sinal. Os animais tendiam a viver perto de fontes de água.

Ouvia Hart enquanto continuavam a andar. Era mais ruído de fundo, pois não estava escutando as palavras. Hart começou a cantar.

— Oh, Susanna, não chore por mim...

Caleb sentiu seu peito apertar. Essa era uma das músicas favoritas de Mike.

— ... com meu banjo no joelho.

Caleb esfregou o peito desejando que a sensação fosse embora.

— Chefe! — era Goodie. — O rio fica a pouco mais de um quilômetro e meio.

— Encontrou um lugar para acampar? — o gado e os cavalos seriam mantidos fora da cidade perto da água. Os homens se revezariam para observá-los para que os outros pudessem desfrutar de Pueblo.

— Há uma clareira logo antes da curva do rio. Encontrei um local raso onde podemos dar água ao gado.

Caleb assentiu.

— Deixe os batedores saberem.

— Deixarei — Goodie partiu para a parte de trás do rebanho.

Caleb assobiou para Slim, que repetiu o assobio. Era um sistema de comunicação que os irmãos inventaram quando eram meninos. Quando não estavam trabalhando, passavam os dias explorando os penhascos ou pescando no riacho. Os assobios eram uma maneira de se comunicar quando não estavam próximos.

Cada irmão tinha um chamado único, específico para eles. Além de brincar ou caçar, os assobios se expandiam em afazeres e tarefas, e até exclamações quando estavam frustrados ou bravos. Tinha certeza de que Marmee, havia decifrado os assovios, mas ela não disse nada.

À medida que cresciam, usavam os assovios para sinalizar um ao outro o que estava acontecendo a seguir. Logo os peões do rancho pegaram a linguagem do assobio e ela foi incorporada à vida cotidiana.

— O que esse assovio significa?

— Isso diz aos homens que vamos parar na frente.
— Oh! — Hart tentou imitar o assobio. O som saiu em um jorro de ar e saliva. — Acho que preciso de prática.
— Nós podemos te ensinar. É fácil quando se aprende.
— Mamãe gostaria disso aqui.
— Tenho certeza de que ela gostaria.
— Ela é minha mãe, mesmo que ela não se lembre de mim.
Caleb colocou seus braços em torno de Hart, apertando-o.
— Ela vai se lembrar, filho. Ela está demorando um pouco para se recuperar.

— Eu sei que ela pensa, que o senhor é meu pai — Caleb endureceu. Lydia mencionou várias vezes a Doc que achava que Caleb era seu marido. — Eu queria que fosse meu pai, então aqueles homens maus não teriam machucado a mãe.

Caleb não sabia como responder, então permaneceu em silêncio. Doc o manteve informado sobre as condições de Lydia nos últimos dias. Ele a estava evitando, desde que ela o declarou seu marido. Quando tentou explicar a ela, Lydia ficou histérica antes de desmaiar no cobertor.

Desde então, Caleb evitou a carroça, apenas perguntando a Doc diariamente como ela estava. Lydia não se lembrava de nada, mas não fazia nem duas semanas desde o ataque. Assim que chegassem a Pueblo, encontraria o médico e faria com que examinasse a todos. Ele estava especialmente interessado no que o médico diria, sobre Lydia.

Eles continuaram a andar, com Hart cantando levemente ao longo do caminho. A brisa estava aumentando e Caleb podia sentir o cheiro de água e lama à distância.

Demorou cerca de uma hora para o rio aparecer. Alívio varreu o corpo de Caleb. Estava pronto para descer do cavalo e andar um pouco. Quando o cavalo apontador direcionou a velocidade do rebanho, bateu suas esporas contra Blaze, sinalizando para ele aumentar para uma corrida leve. Queria que o rebanho fosse mais rápido, mas não queria arriscar uma debandada.

Ele encontrou a área que Goodie havia mencionado e guiou o gado naquela direção. Parou Blaze e se virou para o rebanho. A primeira fila foi imediatamente ao rio para tomar uma bebida. Logo todo o rebanho estava com os focinhos na água.

— Não os deixe beber muito de uma vez — Caleb chamou. Ele não queria que os animais ficassem inchados. Caminhou até a margem do rio e desmontou do cavalo. Blaze imediatamente deixou cair o focinho na água e ele quase podia ouvir o cavalo roncando. Levantando os braços para pegar Hart, o garotinho deslizou da sela e passou os braços ao redor de Caleb, abraçando-o.

— Obrigado, por nos ajudar — disse ele antes de deslizar para o chão e correr para onde os filhotes estavam sob o carrinho. Caleb olhou para o rio e piscou várias vezes. Não seria bom mostrar emoção na frente dos homens,

mas havia algo em Hart que estava se estabelecendo em seu coração.

Na verdade. Ele era decidido. Queria estar envolvido em todos os aspectos da movimentação do gado. Os cowboys, foram pacientes com ele. Um até lhe mostrou como usar um laço. Os cães não ficaram felizes, no entanto, quando Hart decidiu testar sua nova habilidade neles.

Até mesmo, Tot se animou com o menino, mostrando-lhe como deixar os feijões de molho e depois cozinhá-los com temperos e sobras de carne bovina ou de porco salgada. Hart gostava de jogar os biscoitos no forno holandês quente e ouvi-los chiar contra o ferro fundido.

Ele viu Doc cavalgando em direção ao rio. Deixou Blaze beber por mais um momento, antes de puxar as rédeas e conduzi-lo em direção ao cavaleiro que se aproximava.

— Doc — disse Caleb.

— Irá precisar de um pouco de linimento — disse Doc, apontando para onde Caleb estava esfregando a parte inferior das costas. Ele deixou cair a mão. Nem percebeu que estava esfregando.

— Vou parar e pegar um pouco, mais tarde. Agora, eu quero café.

— Se importa se lhe fizer companhia?

— De jeito nenhum.

Doc virou seu cavalo para segui-lo em direção às carroças.

— Sra. Whitcomb, senti sua ausência.

Caleb esfregou a mão pelo rosto.

— O que disse a ela?

— Que estava trabalhando. Ela quer que volte e a veja.

Caleb assentiu.

— Eu farei isso. Precisamos transferir todos para a última carroça para que possamos levá-los à cidade. Depois de deixá-los, podemos usar a carroça para pegar os suprimentos do mercado.

— Quando pretende sair?

— Dê-me cerca de uma hora. Preciso comer alguma coisa e lavar um pouco dessa sujeira. Estarei por perto para ver a Sra. Whitcomb antes de partirmos. — Doc assentiu e partiu em direção à carroça.

Caleb levou Blaze até uma árvore perto do círculo de carroças e largou as rédeas. Havia uma moita de plantas gramíneas que poderia comer. Ele removeu a sela e o cobertor e os colocou perto da carroça.

Blaze imediatamente caiu no chão e começou a rolar, com as pernas no ar. Quando terminou, o cavalo se levantou e começou a morder os tufo de grama.

Amarrou Blaze na árvore para que não vagasse e deu um tapinha na garupa dele antes de ir em direção ao carrinho. Pegando uma xícara de uma caixa de madeira, se aproximou e serviu-se de café. Hart estava brincando com os filhotes ao lado da carroça e Tot estava cozinhando alguma coisa.

— Como foi o passeio hoje? — Tot perguntou, mexendo uma panela no fogo.

— Sem incidentes — disse Caleb bebendo a porção escura. — Do jeito que eu gosto.

— Vi uma corda indo para a cidade. (Uma corda era um grupo de cavalos, geralmente, amarrados e conduzidos por um cavaleiro).

— Quantos?

Tot pensou por um momento.

— Cerca de uma dúzia. Havia três homens com eles.

— Quando os viu?

— Quando chegamos pela primeira vez. Eles estavam dando água aos seus cavalos à beira do rio.

— Ok. Estaremos atentos — Caleb sabia que os cavalos de dois rebanhos diferentes podiam assustar um ao outro. Não queria ter que perseguir cavalos se precisasse.

— Separei biscoitos — Tot entregou-lhe um prato esmaltado coberto com um pano.

Caleb largou a xícara e pegou o prato.

— Obrigado — disse ele, olhando por baixo do guardanapo. Havia dois biscoitos que sobraram do café da manhã com um pedaço de bife entre eles. Mordeu o biscoito com prazer.

— O que é isso que está comendo, senhor? — disse Hart.

— Um biscoito. Quer uma mordida?

Hart assentiu e gentilmente pegou o segundo biscoito do prato e o mordeu. Hart colocou a comida de volta no prato e subiu na pedra para se sentar ao lado de Caleb. Ele pegou o biscoito de volta e comeu enquanto balançava para frente e para trás cantarolando.

— Vai para a cidade, Hart? — perguntou Tot.

Hart assentiu.

— Caleb vai me dar um chapéu de cowboy.

Tot ergueu a sobrancelha e olhou para Caleb.

— Ele vai?

— Ele disse que me encontraria um, quando chegássemos à cidade. Isto é uma cidade.

— Parece lógico para mim.

Hart terminou seu biscoito e lambeu os dedos pulando da pedra e deu um tapinha nos joelhos.

— Vamos, Scout! — Ele deu um tapinha nas pernas mais uma vez. — Vamos Azul. Vamos Carvão. Vamos Biscoito. Vamos Buck e Vangie — Uma vez que os cães saíram de debaixo da carroça, Hart saiu correndo em direção ao rio com os cães em seus calcanhares.

— Não entre na água! — Caleb gritou. Virou-se para ver Tot olhando para ele com interesse. — O quê?

O cozinheiro balançou os ombros.

— Nada. Acabou de me lembrar do seu pai quando era mais jovem.

— Eu pensei que não conhecia meu pai quando ele era mais jovem. O

conhecia antes de ele vir para Flat River?

Tot olhou de volta para seu pote com um olhar atento.

— Como eu disse, não é nada — Tot murmurou baixinho.

Caleb não tinha certeza do que pensar. Tot era um enigma. Alguns dias falava como se tivesse sido educado nas escolas mais caras. Outras vezes, juntava uma série de palavras que faziam Caleb se perguntar se Tot estava com os cowboys há muito tempo.

Mas era um grande cozinheiro e Weston Chapman confiava no homem com sua vida. Ele observou Hart jogar uma pedra no rio.

— Alice nomeia todos os animais — disse suavemente.

— Os filhotes precisavam de nomes. Não há mal nenhum em o menino nomeá-los.

— Mas esse é o trabalho de Alice.

Tot se levantou e caminhou até a rocha, elevando-se sobre Caleb.

— Era. Não significa que tenha que permanecer assim. Mudar é bom, rapaz. Talvez seja hora de outra pessoa nomear os animais.

— O que Alice vai pensar?

— Ela é uma mulher adulta, Caleb. É hora de vocês começarem a tratá-la como tal. Duvido que ela fique preocupada se os filhotes tiverem nomes.

Tot voltou para o lado do fogo. Pegando a cafeteira, serviu-se de uma xícara e a colocou de lado para esfriar.

Caleb não queria pensar em mudança. Especialmente se envolvesse sua família. Queria pensar em Michael, que morreu jovem demais. Ele queria manter Alice em tranças e aventais, pelo maior tempo possível. Seu coração estava doendo novamente.

Terminou seu biscoito e engoliu com o café quente.

— Estava bom.

— Não tenho mais se ainda está com fome.

Caleb se levantou e limpou as migalhas de suas calças.

— Isso vai me segurar. Eu poderia jantar na cidade esta noite. Vai também?

Tot balançou a cabeça.

— Eu não tenho nenhum uso para uma cidade como essa. Muito barulho. Muitas pessoas. Beber demais. Eu vou ficar aqui, obrigado. — Caleb pegou sua xícara e prato e os colocou na panela. Enquanto se afastava, ouviu Tot chamá-lo. — Esse menino vai precisar de um homem em sua vida. Ele gosta de você. Pode ser você, ou pode ser outra pessoa. Mas aquele garoto está procurando por alguém. Agora que sua mãe não está certa, ele precisa de alguém mais do que nunca. Não quebre o coração daquele garoto, Caleb.

— Tot apontou sua concha para ele. — Me escuta, garoto?

Caleb não disse nada, simplesmente se virou e foi pegar uma camisa do alforje.



— O que acha, doutor? — Caleb perguntou, olhando para o homem que tinha acabado de examinar os quatro passageiros que sobreviveram à

emboscada do vagão e Jimmy.

— O menino vai ficar bem. As crianças são resilientes.

— Ele está tendo terrores noturnos.

— Perfeitamente normal, dado o que passou.

— Ele disse alguma coisa sobre o ataque?

— Não. Mas não pedi detalhes. Vai falar quando estiver pronto. Eu não entendo por que ele não conseguiu nem mesmo um arranhão.

— Ele se escondeu em uma fenda, entre algumas rochas — Caleb pensou em Hart pulando das rochas para salvar seu filhote. É um garotinho forte.

— Notável — o médico olhou para as anotações que havia rabiscado. — Agora, seu batedor vai se recuperar completamente. Pode demorar um pouco antes que ele possa disparar um rifle.

— Ele está bem para andar a cavalo?

— Não o deixe andar por longos períodos. Para aonde estão indo?

— Nebraska.

— Ele pode cavalgar por algumas horas por dia. Isso é tudo. — Caleb assentiu sua compreensão. — A família do Sr. Robert enviou um telegrama e eles virão buscá-lo. Ele e a esposa iam morar com a filha. Poderá ficar na clínica até eles chegarem.

— E as mulheres?

— Sra. Miller, temo que não possamos encontrar a família dela. Não houve uma resposta do xerife sobre ela. Receio que sua mente esteja confusa após o trauma que ela sofreu. Duvido que ela algum dia se recupere.

— O que o senhor, recomenda?

— Há um hospital de asilo a cerca de 30 milhas a oeste daqui. Eu a levaria até lá.

— Não estamos indo nessa direção. Estamos indo para o norte para Owl Canyon.

— Suponho que ela pode ficar aqui até eu conseguir alguém para buscá-la.

— Eu ficaria muito agradecido.

— Recomendo que sua esposa também seja internada no hospital.

— Ela só pensa que eu sou o marido dela. Não somos casados.

— Não são?!

Caleb balançou a cabeça.

— Eu não sei por que ela se agarrou a isso.

O médico murmurou algo baixinho. Caleb tinha certeza de que tinha a ver com ele.

— Pode ser algo traumático que aconteceu antes disso e ela está regredindo para aquele lugar. Pode ser que seja um desejo secreto, vindo à tona. Eu recomendo que a agrade até que a memória dela volte. Ou a mande para o hospital.

Caleb estremeceu. A última coisa que queria fazer, era mentir para a jovem. Ele também não queria mandá-la para um asilo. Tinha ouvido histórias de horror sobre as condições. Ele tinha certeza de que ir para um asilo pioraria

sua condição, não o contrário.

Colocou as mãos em seu relicário e bateu os dedos contra os lábios; se lembrou de Slim dizendo algo nesse sentido. Se a deixassem sozinha em Pueblo, o médico e o xerife provavelmente a mandariam para um asilo.

— Qual é o prognóstico dela. O senhor, disse que a memória dela pode voltar?

— Bem, a lesão foi o que a fez perder a memória. Amnésia, como chamamos. Imagino que, uma vez que os hematomas desapareçam e ela comece a se integrar a um modo de vida normal, ela provavelmente fará uma recuperação completa.

— O senhor, acha que ela vai se lembrar do que aconteceu com ela?

O médico deu de ombros.

— Ela pode nunca se lembrar disso. Mas as pessoas com esses tipos de lesões acabam se lembrando de sua vida antes de serem feridas. Ela pode se recuperar completamente, mas nós simplesmente não sabemos.

— Se eu a levar para Nebraska, há algum motivo para ela não poder viajar?

O médico olhou para Caleb.

— Apenas vá com calma. Deixe-a descansar na parte de trás da carroça quando precisar. Ela deve lhe dizer o que ela precisa — o médico deu uma pequena tosse. — Fisicamente não há nada de errado com ela. Ela é jovem, saudável, pode até ser capaz de lhe dar um filho.

Caleb sentou-se em seu assento.

— Ela tem um filho.

— O senhor, quer dizer o menino?! — Caleb assentiu. — Ele não é o seu filho? — o médico perguntou. — Perdoe-me, eu só pensei que ele era seu filho pelo jeito que os dois falavam.

Caleb ficou confuso por um momento. Ele lembrou como Lydia era protetora com seu filho em San Angelo. Só uma mãe se comportaria assim.

— Não entendo.

— Sr. Chapman, esta mulher nunca deu à luz.

CAPÍTULO 8



Caleb pensou no que o médico disse, enquanto saía do consultório com Lydia e Hart. O garoto estava segurando a mão de Caleb e rindo, apontando para os cowboys que estavam andando pela cidade. Lydia puxou o chapéu para a frente, escondendo a marca em seu rosto.

Ele não tinha certeza do que fazer. Gostaria de ter Mike para conversar. Mike sempre foi bom em descobrir a resposta para uma situação. Caleb simplesmente reagia, onde Mike, iria pensar sobre as coisas.

— Estou me sentindo meio cansada. Acho que toda a empolgação me cansou — disse Lydia.

— Que tal se eu conseguir um quarto de hotel para que possa descansar? Vou até pedir um banho no quarto.

— Acho isso adorável — ela levou a mão à testa. — Eu realmente não estou me sentindo bem.

— Deixe-me ajudá-la — disse Caleb, pegando o braço de Lydia e envolvendo a mão em volta de sua cintura. — Apoie-se em mim se sentir-se fraca.

Ela era muito menor do que ele se lembrava, sob o vestido. Ainda estava manchado de sangue do ataque e o cheiro de fumaça permeava. Ele podia sentir seus ossos se projetando através do tecido. Quando a viu em San Angelo, era uma mulher clara com curvas suficientes para fazer um homem notar. Ele certamente o fez, até que pensou que ela era uma viúva de luto.

Agora ela havia perdido todo aquele peso, e seu vestido estava pendurado nela. Se certificaria de que tivesse uma boa refeição e algumas roupas limpas. Eles caminharam até o prédio, com uma grande placa anunciando Hotel. Caleb entrou, ainda segurando Lydia contra seu corpo.

— Eu preciso de um quarto para esta noite — disse ele.

O funcionário atrás do balcão olhou para Caleb, Lydia e Hart.

— Apenas um?

— Sim. Apenas um.

O homem deu uma pequena fungada de desaprovação.

— Acho que gostaria de um banho também?

— Pode mandar um para o quarto?

— Isso é um extra de vinte e cinco centavos.

— Está bem.

O balconista virou um livro e apontou para uma linha.

— Assine aqui.

Caleb soltou Lydia, apenas o tempo suficiente, para assinar seu nome.

— Posso pegar algo bom para ela beber também?

— Temos água ou chá.

— Desde que esteja frio, tudo bem.

— Apenas um?

Caleb olhou para Hart.

— Dois.

— Isso será vinte e cinco centavos.

Caleb estava prestes a recusar, mas enfiou a mão no bolso e tirou três notas.

— Fique com o troco — disse ele, embolsando a chave do balconista.

— O quarto fica no segundo andar — o balconista informou, enquanto se dirigiam para o corredor.

Caleb encontrou as escadas ao lado de uma pequena sala de jantar.

Tirou o braço de Lydia do pescoço e a encostou na parede.

— Acha que pode subir as escadas? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Acho que não.

Ele enfiou a mão no bolso e entregou a chave para Hart.

— Consegue ler que número é esse, filho?

Hart olhou para a chave.

— Dez?

— Bom trabalho. Eu preciso que vá encontrar o quarto dez e abra a porta - Hart subiu as escadas em busca do quarto correto. — Vamos, querida — Caleb disse suavemente, pegando Lydia em seus braços. Ela gemeu levemente colocando os braços em volta do seu pescoço e deitando a cabeça contra o seu peito.

— O senhor, cheira bem — disse ela dando uma risadinha.

— Eu cheiro como gado, sujeira e cowboys velhos.

— E couro misturado com algodão e sol — ela sussurrou. — Eu te amo.

Caleb congelou. Lembrou-se do que o médico disse. Que sua noção de que eles estavam casados, provavelmente a estava protegendo do que quer que tenha acontecido. Não sabia o que dizer, então sem pensar, ele deixou escapar as únicas palavras em sua mente.

— Eu também te amo.

Por que diabos tinha acabado de dizer isso?

Se chutou mentalmente, enquanto a carregava pelo resto dos degraus e pelo corredor até um quarto com o número dez em letras brilhantes pintadas na porta. Hart já tinha a porta aberta e estava subindo em cima da cama.

— Hart, não faça isso — disse Caleb. — Precisa de um banho primeiro.

— O senhor, viu o quão grande é este quarto? Por que é maior do que o nosso quarto em casa?! — Hart correu para a janela. — Eu posso ver a rua inteira daqui de cima.

Caleb gentilmente colocou Lydia em uma grande poltrona.

— Fique aqui, querida — ele disse suavemente para ela, removendo seu

braço em volta de seu pescoço. A cabeça de Lydia rolou para o lado quando ela a encostou na lateral da poltrona.

— O que há de errado com ela? — a voz de uma mulher perguntou atrás dele.

Caleb se virou para ver uma jovem de vestido verde coberta com um avental, parada na porta. Seu cabelo estava preso sob uma pequena touca branca.

— Nada. Ela está cansada. Posso te ajudar?

— Eu vim para ver se estavam prontos para o seu banho?

— Sim, por favor.

A mulher olhou ao redor da sala.

— O senhor, não tem nenhuma bagagem?

Caleb estava ficando impaciente.

— Não. Não temos. Isso é um requisito?

— Ah, não — disse a mulher. — Eu estava apenas tentando descobrir onde colocar a banheira.

— Aqui está bem — disse, apontando para o chão.

A mulher desapareceu no corredor e ele a ouviu arrastando algo pesado pelo piso de madeira. Colocou a cabeça para fora para vê-la puxando uma grande banheira de cobre com as costas altas. Sem falar, Caleb foi e agarrou a extremidade da banheira a ajudando a colocá-la no quarto.

— Obrigada — disse a camareira. Ela saiu do quarto, voltando alguns minutos depois com uma panela de água quente. Repetiu o processo até a banheira encher pela metade. — Mais alguma coisa?

— Ela vai precisar de sabonete e uma toalha.

— Bem ali, perto da pia.

— Obrigado. Pode me indicar a direção do balneário? Eu também preciso me limpar.

— Fica no meio do caminho do outro lado da estrada. Não tem como errar. Tem um grande cartaz com uma navalha nele.

— E o mercado? Preciso comprar um vestido novo para ela.

— Dois prédios depois disso.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um níquel, colocando-o nas mãos da mulher.

— Obrigada, senhor! — ela disse animadamente. — Quando estiver pronto para esvaziar a banheira, me avise.

— Qual o seu nome?

— Apenas me chame de Molly.

— Obrigado, Molly — Caleb disse fechando a porta atrás dela. Hart ainda estava ocupado olhando pela janela, observando as vistas da cidade. Caleb se ajoelhou na frente de Lydia. Seus olhos estavam fechados.

— Ei — ele disse suavemente, tocando seu braço.

Seus olhos se abriram. Esta foi a primeira vez que Caleb teve a chance de olhar para eles sem o sangue se acumulando nos brancos. Seus olhos verdes,

destacaram-se contra as contusões que estavam começando a desaparecer.

— Oi — ela disse suavemente.

— A camareira veio com um banho. Ainda está um pouco quente — Lydia assentiu. — Eu vou me limpar e depois levá-la para jantar, se estiver se sentindo bem.

— Tudo bem — Lydia disse suavemente.

— Vai precisa de ajuda, para tomar banho?

Lydia balançou a cabeça e estremeceu.

— Não. Estou apenas me movendo lentamente. Eu vou ficar bem.

Houve uma batida na porta. Caleb se aproximou para encontrar Molly na porta novamente com dois jarros cheios de chá frio. Ele pegou o chá e voltou para Lydia entregando-lhe um dos jarros.

— Hart, vai querer?

Hart olhou para o líquido escuro e torceu o nariz.

— Vou esperar até o jantar. Posso tomar leite?

— Tenho certeza de que eles servem leite — Caleb tomou um gole da jarra. Não foi ruim. Ele preferia café e o preferia escaldante. A única hora que bebia chá, era quando Marmee insistia, e geralmente era quando ele estava resfriado. Tomou outro gole. Teria que mencionar isso para Marmee, experimentá-lo frio poderia ser algo que ela iria gostar.

Lydia esvaziou o frasco sem respirar.

— Oh, meu Deus, eu estava com sede.

— Gostaria de um pouco mais? — Caleb perguntou, segurando sua jarra para ela.

Lydia assentiu e hesitantemente bebeu. Colocou o frasco vazio e o parcialmente cheio na mesa lateral. — Vou terminá-lo em breve, obrigada.

— Ficar bem, se Hart e eu sairmos?

Lydia tirou o gorro e o jogou no chão.

— Tenho certeza de que vou ficar bem.

— Tudo bem. Molly sabe para onde estamos indo, então, se precisar de alguma coisa, peça a ela para ir me buscar.

— Direi — Lydia virou-se para Hart. — Dê um beijo na mamãe antes de ir.

Caleb observou Hart correr para os braços de sua mãe e ela beijar sua testa.

— Não deixe nada acontecer com ele — disse ela.

Caleb fez uma pausa.

— Se lembra dele como seu filho?

Lydia esfregou a cabeça. Caleb podia ver o sangue seco em seu cabelo começar a descamar.

— Claro que sim! Agora vá. Estarei bem aqui.

Hart agarrou a mão de Caleb e o puxou para a porta.

— Vamos lá.

Caleb deu uma última olhada em Lydia, que ainda estava sentada na poltrona, antes de fechar a porta atrás dele.

CAPÍTULO 9



Não demorou muito para que encontrassem a casa de banhos. Assim como Molly disse, havia um cartaz com uma navalha sobre a porta. Caleb olhou para a lista de preços na janela.

Banhos... dez centavos.

Banhos quentes... vinte centavos.

Fazer a barba... dez centavos.

Corte de cabelo... dez centavos.

Aparar o bigode... cinco centavos.

Caleb coçou a bochecha. Não havia se barbeado, porque os pelos faciais protegiam do sol. Talvez ele fosse em frente, e fizesse a barba.

Segurou a porta aberta, arrastando Hart para dentro. Um cowboy estava recostado na cadeira com toalhas no rosto. Um homem de avental com Clyde bordado na frente, estava tirando toalhas de uma panela de água quente. Ele espiou Caleb entrando, trocou a toalha sobre o rosto do cowboy e foi em direção à porta.

— Como posso ajudar, estranho? Precisa de um banho e fazer a barba?

— Preciso de dois banhos.

— Água fresca?

— Eu preferiria isso, especialmente se eu estiver pagando.

— Quente ou frio?

— Quente.

— Ficaré em vinte centavos, cada.

— Eu vou me barbear e se puder aparar o cabelo dele — disse, despenteando a longa juba de Hart.

— Sim. Serão dez centavos. Sem custo para o menino. Só preciso de cerca de vinte minutos e as banheiras estarão prontas.

— Obrigado — Caleb entregou os cinquenta centavos ao barbeiro. — Vamos ao mercado. Eu preciso pegar algumas coisas e então estaremos de volta.

— Não se apresse — disse o homem. — As banheiras, estarão à espera.

Caleb conduziu Hart de volta à rua e caminharam até o prédio que ostentava os melhores preços da cidade.

— Por que estamos aqui? — perguntou Hart.

— Preciso verificar meu pedido de suprimentos e temos que pegar algumas roupas limpas.

Hart esfregou as mãos sujas na frente de sua camisa.

— O que há de errado com estas?

— Bem, elas provavelmente poderiam ir embora sozinhas se deixasse e se quisesse cheirar como um cavalheiro quando levarmos sua mãe para jantar hoje à noite, vai precisar delas

— Vamos sair para comer? — Os olhos de Hart se arregalaram.

— Sim. Achei que seria bom ter uma refeição quente que não fosse cozida na trilha.

— Mas eu gosto da comida de Tot.

Caleb riu.

— Com certeza vou dizer a ele.

Entraram na loja e passaram por barris cheios de todos os tipos de mercadorias. Havia recipientes de vidro alinhados nos balcões cheios de chieletes de alcaçuz, balas de goma, doces de açúcar em uma corda e gotas de marroio. Hart olhou para os potes e Caleb viu o menino lambendo os lábios.

— Podemos voltar e olhar para eles — disse ele.

Havia um barril cheio de cavalos de pau e pistolas de madeira.

Caixas de madeira cheias de garrafas de salsaparrilha, estavam empilhadas umas sobre as outras e pêssegos enlatados, cobriam uma das paredes.

Caleb caminhou até onde as roupas pré-fabricadas estavam dispostas em uma mesa. Ele pegou uma camisa de linho e uma calça de lã escura para Hart. Adicionou um terno, meias e os colocou de lado. Então escolheu uma camisa de algodão e calças escuras, junto com uma gravata de barbante e roupas de baixo limpas para si, e levou os itens para o balcão.

Uma senhora idosa estava atrás deste. Ela os cumprimentou com um sorriso.

— Parece que escolheu algumas boas coisas.

— Sim, senhora — disse Caleb. — Gostaríamos de comprá-los, mas ainda não terminei.

— Sr. Chapman — disse o lojista. — Seu pedido está pronto para ir.

— Vou mandar meus homens virem pela manhã, para buscá-lo.

— Está fazendo mais algumas compras?

— Sim. Eu preciso pegar algumas roupas limpas e outras coisas.

— Olha, Caleb! — disse Hart. — Eles têm chapéus de cowboy. — apontando para uma vitrine atrás de um balcão de vidro.

— Eu preciso de um chapéu de cowboy. E um vestido.

— Bem, eu posso ajudar o menino a escolher um chapéu e a patroa pode te ajudar com o vestido.

— Muito grato — ele inclinou o chapéu para a mulher.

Hart seguiu o lojista até a exibição de chapéus.

— Que menino bom — disse a esposa do lojista.

— Ele é.

— Deve ter uns seis ou sete.

— Deve ter — disse, pensativo. Na verdade, ele não sabia quantos anos Hart tinha.

— Então, o senhor precisa de um vestido? Está procurando por um vestido de dia? Um vestido de reunião? De domingo?

— Um vestido de dia seria bom. E gostaria de um xale para acompanhar.

— Temos alguns belos vestidos pré-fabricados aqui. Vieram da Califórnia — ela direcionou Caleb para uma prateleira com cerca de uma dúzia de vestidos. — Tem preferência por alguma cor?

Caleb pensou em Lydia e seus olhos brilhantes.

— Verde.

A mulher vasculhou os itens expostos e tirou uma popelina verde estampada com pequenas rosas cor-de-rosa e colarinho branco, com renda nas bordas.

— Este é um vestido lindo. Há muito espaço, se sua esposa quiser usar enchimento. — *A esposa dele.* As palavras pararam Caleb. — Está tudo bem, senhor? Eu disse algo errado?

Caleb balançou a cabeça.

— Tudo está bem. Esse verde é lindo. Eu vou comprá-lo. E se a senhora tiver um do mesmo tamanho, em uma cor diferente.

— E o amarelo? Amarelo é muito bonito.

— É, mas não é prático. Estamos viajando, então preciso de algo que não mostre muita sujeira.

— Que tal uma saia então? Temos algumas saias lindas em cores mais escuras. Ela poderá combiná-la com uma blusa de linho — a mulher levantou uma saia em bordô profundo e outra em marrom.

— Vou levar os dois — sua cabeça estava começando a doer. Ele não sabia nada sobre roupas femininas.

— Vai precisar de...? — a mulher inclinou a cabeça em direção a uma exposição de roupas íntimas. Ela deve ter visto o olhar no rosto de Caleb quando deu um tapinha na mão dele. — Vai precisar de mim para pegá-los?

Ele puxou o colarinho e assentiu. Estava quente na loja? Pensou em Lydia, em roupas íntimas rendadas e sentiu um rubor percorrer suas bochechas. Rapidamente afastou os pensamentos de sua mente enquanto estudava a exibição de doces.

— Vou querer um níquel em balas de goma e meio quilo dessas gomas, por favor — ele se perguntou se Lydia gostava de chicletes. Teria que perguntar a Hart.

A mulher assentiu.

— Encontro a senhora no balcão, então — Caleb a deixou para escolher roupas íntimas para Lydia. Se juntou a Hart, que estava se divertindo experimentando todos os diferentes tipos de chapéus de cowboys. Ele finalmente decidiu por um feito de couro bronzeado com um cordão de couro escuro ao redor da coroa.

— Gosta deste, Caleb?

— Claro que sim, vaqueiro. Está parecendo, um cowboy de verdade. — Ele acenou para o lojista. — Nós vamos levar esse.

— Ele já pode usar se quiser — disse o lojista.

— Posso, Caleb?

Caleb assentiu.

— Preciso de algumas outras coisas — disse ele. Vagou pela loja adicionando mais itens à pilha. Quando terminou, tirou algumas notas. — Quanto lhe devo?

A mulher registrou os itens.

— Eu adicionei, algumas tiras de alçaçuz. Eu sei que todos os garotos adoram alçaçuz.

— Obrigado, senhora — disse Caleb. Enquanto ela somava os itens, olhou contra a parede dos fundos. — Posso levar uma lata de pêssegos também?

— Ficaram em dezoito dólares e sessenta e quatro centavos. Vai levar tudo isso agora?

— Só as roupas para mim e para o menino. O resto podem entregar no hotel?

— É claro. Deixe-me embrulhar suas roupas primeiro.

Caleb pagou a mulher e colocou os pacotes com suas roupas novas debaixo do braço.

— Vamos, Hart, precisamos ir.

— Vou levar esses pacotes em breve! — ela gritou atrás deles.

Caleb acenou para a mulher, enquanto conduzia Hart de volta à casa de banhos.

Quando chegaram, o homem mostrou-lhes uma área de uma grande sala dividida por uma cortina.

Havia uma cadeira e duas banheiras de água fumegante.

— Eu não preenchi a do menino. Há um balde de água fria se for necessário resfriá-la.

Caleb lhe agradeceu e colocou as roupas limpas na cadeira. O homem saiu, puxando a cortina atrás dele.

— Verifique a água, Hart.

O menino, colocou a mão na água e a puxou de volta.

— Está muito quente.

Caleb adicionou a água fria à banheira e a agitou.

— Deve estar tudo bem agora.

Eles rapidamente se despiram e Caleb afundou na grande banheira de cobre, recostando-se. Deu um pequeno suspiro quando o calor começou a soltar seus músculos. Ouviu Hart dar um suspiro exagerado e se inclinar para trás também. Caleb deu uma risadinha.

Ficou sentado por alguns minutos, apenas apreciando a sensação da água. Ele poderia adormecer, se não tomasse cuidado. Quando sentiu um pouco da sujeira flutuar, rapidamente mergulhou na água para molhar o cabelo. Havia um pedaço de sabão em uma tábua do outro lado da banheira, junto com uma escova de unhas e um pano.

Caleb ensaboou o cabelo e começou a esfregar a sujeira de sua pele. Não

demorou muito para que a água ficasse com a cor do riacho depois de uma forte tempestade. Notou que Hart o estava imitando em tudo o que fazia. O menino ainda tinha sabonete no cabelo e estava usando o pano para limpar o pescoço. Ainda havia terra suficiente nele, para plantar batatas.

Caleb esfregou as unhas e os pés e rapidamente mergulhou na água novamente para enxaguar o cabelo. Ele notou um balde de água limpa ao lado da banheira. Levantou-se e jogou a água na cabeça para tirar os últimos resquícios de sujeira e sabão de sua pele e couro cabeludo.

Hart levantou-se para fazer o mesmo.

— Precisa tirar toda essa sujeira, filho — Caleb disse. —, antes de usar a água limpa. — Hart se jogou na banheira mais uma vez.

Caleb rapidamente se secou com a toalha que a loja forneceu e vestiu seu novo terno. Era bom ter roupas limpas. Ele nem queria pegar as sujas do chão. Então, caminhou até a banheira de Hart. Pegando o pano da prancha sobre a banheira, ensaboou e lhe esfregou o rosto, pescoço e atrás das orelhas. Deu uma olhada no cabelo do menino e verificou as unhas e os pés.

Fez sinal para que mergulha-se na água. Quando voltou, Caleb tinha o balde para a lavagem final. Hart colocou a mão sobre os olhos enquanto recebia a água fria sobre ele.

Quando terminou, Caleb pegou uma segunda toalha e enrolou ao redor do menino antes de pegá-lo para fora da banheira.

— Seque-se e vista suas roupas novas.

— O que o senhor vai fazer com as antigas?

— Vamos lavá-las amanhã. Estarão secas antes de partirmos.

— Quanto tempo vamos ficar?

— Só essa noite. Amanhã à noite voltaremos para a carroça.

— Então, vamos ficar com a caravana?

Caleb hesitou e então assentiu.

— Sim. irão ficar conosco.

Hart rapidamente abraçou Caleb pelas pernas.

— Estou feliz.

— Vamos terminar, para que possamos voltar ao hotel para ver sua mãe. Ela provavelmente já terminou.

Eles deixaram a loja barbeados, com os cabelos aparados e usando uma colônia chique que Clyde insistiu que experimentassem. Até Hart teve um pouco disso.

Quando voltaram para o hotel, o funcionário correu ao redor do balcão.

— O xerife deixou um telegrama para o senhor, e precisa subir imediatamente.

Antes que Caleb pudesse perguntar, ouviu um som que só poderia ser descrito como um animal ferido. Perfurou direto em sua alma.

— Isso soa como mamãe — disse Hart.

Caleb não pensou duas vezes antes de correr para as escadas e subi-las de dois em dois degraus para o segundo andar. Molly estava parada na porta,

com os braços cheios de pacotes da loja se desculpendo, repetidamente, enquanto ele corria para o quarto.

— O que aconteceu?

Lydia estava amontoada no chão. Seus gritos ecoando no teto. Caleb nunca tinha ouvido ninguém chorar assim. Ela ainda estava com seu vestido sujo e a água do banho estava fria e intocada.

— Eu não sei — disse Molly. — Só vim entregar os pacotes e ver se ela precisava esvaziar a água. Ela estava de pé na janela e, de repente, soltou um grito como nunca ouvi. Então ficou assim.

— Mãe? Mãe? — Hart correu para o quarto. Ele se ajoelhou ao lado de Lydia e afastou o cabelo de sua mãe de seus olhos. — Mãe?

— Lydia, querida, está segura — disse Caleb.

Lydia olhou para eles com olhos vazios. Seus soluços se acalmaram em um choro, suave.

O funcionário apareceu na porta.

— Não posso permitir que meus outros clientes sejam incomodados. Terá que mantê-la quieta, ou vou ter que pedir, para irem embora.

— Ela se aquietou, agora.

— Ela está bem? — perguntou Molly.

— Vai ficar.

Hart estava sentado ao lado de sua mãe balançando para frente e para trás. Caleb podia ver os ombros do menino tremendo, enquanto ele chorava e silenciosamente escovava o cabelo de sua mãe.

Caleb empurrou Molly e o funcionário para fora do quarto, pegando os pacotes das mãos de Molly.

— Eu fico com isso.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar?

Caleb pensou por um momento.

— Pode trazer um bule de chá quente e um copo de leite morno, por favor?

Molly assentiu e desceu o corredor até as escadas. Caleb colocou os pacotes na cama e notou um pequeno sofá no canto com um jogo extra de lençóis e um cobertor. Molly devia tê-los trazido, enquanto estavam fora.

— Lydia, querida, vamos te levantar — ele ajudou Lydia a sentar na poltrona. Sua camisa limpa, ficou coberta de manchas de sujeira, mas não se importou. A colocou sentada e olhou ao redor do quarto. Algo deve tê-la provocado. Mas o quê?

Molly disse que, Lydia estava olhando pela janela quando ela apareceu. Caleb se aproximou, mas não viu nada que se destacasse. A rua estava se enchendo de cowboys em busca de diversão ou uma boa briga.

Sentia-se realmente perdido. Ele desejou que sua mãe estivesse ali. Ela saberia como cuidar de Lydia.

Era isso. Precisava levar Lydia para Flat River. Marmee, poderia cuidar dela. E Hart seria capaz de ficar com sua mãe. Enquanto planejava mentalmente, lembrou-se que o funcionário lhe entregou um telegrama. Ele se

perguntou se era do xerife.

Encontrou-o na beirada da cama onde despejou os pacotes, desdobrou o papel e seus olhos se arregalaram ao ler as palavras digitadas na página. O telegrama ficou molhado, então algumas das palavras foram manchadas

Caleb Chapman. — sua mensagem. Não os deixe fora de sua vista. — gangue está procurando por eles. No meu —. Vai pegar um trem para Denver para encontrá-lo em — dias. Conecte-se com A. Gordon quando chegar. Deve mantê-los seguros. S. Davis, xerife dos EUA.

Que gangue? Não poderia ser a Gangue Richards.

A Gangue Richards, eram as mesmas pessoas que roubaram o gado de sua família e depois mataram Michael. Sentiu seu sangue ferver enquanto amassava o papel em sua mão. A. Gordon. Caleb rolou o nome em sua língua e se perguntou se o oficial se referia a Archie Gordon. Archie, era o principal agente do Pinkerton Office e casado com sua irmã, Marianne. Claro, o xerife não teria como saber disso.

Deve haver algo mais acontecendo.

Olhou para Lydia. *Quem é você?* ele pensou, e por que a gangue estaria atrás de uma mulher e seu filho? Lembrou-se de Goodie, mencionando que Brodie Richards havia sido libertado da prisão. Nunca imaginou que seus caminhos se cruzariam novamente, tão rapidamente.

— Caleb! — gritou Hart. Estava olhando pela janela e apontando para a rua. — Depressa, Caleb.

Caleb foi até a janela.

— O que é?

— Vê aquele homem? — disse Hart. Caleb notou que sua voz quase não passou de um sussurro e teve que se esforçar para ouvir as palavras. Um homem solitário cavalgava um grande cavalo preto pela rua. Ele estava vestido todo de preto com adornos prateados em seu chapéu e botas. Seu cabelo escuro era comprido e, Caleb podia ver uma cicatriz de seu olho até seu queixo como se alguém o tivesse esculpido.

Usava dois cintos de armas cruzados sobre os quadris e um rifle na bainha atrás dele. Quem quer que fosse, não era um homem com quem brincar.

— Eu o vejo — disse Caleb. Hart se afastou da janela e caiu no chão. — Quem é ele?

Hart olhou para ele, lágrimas se formando em seus olhos.

— Aquele é o homem que machucou a mãe e roubou Taffy.

CAPÍTULO 10



Por que ela não conseguia se lembrar?

A cabeça de Lydia, doía só de pensar nisso.

Era como um mistério e ela estava perdendo algumas informações críticas.

Tomou um gole do chá frio da jarra. Isso deixou sua boca molhada, mas não fez nada para matar a sede insaciável que tinha.

Ela terminou a jarra, enquanto olhava para a banheira de latão, com a água esfriando no quarto. Nunca tinha visto uma banheira como aquela. Se lembrava de tomar banho em uma tina galvanizada.

Mas onde foi isso?

Ela queria desesperadamente tomar um banho, mas era muita energia para se despir e deslizar na banheira.

Lembrava-se de acordar em uma carroça estranha com outra mulher. Lembrou-se de um homem chamado Doc, dizendo a ela que seu vagão fora atacado e ficara ferida.

Lembrou-se também, do homem alto com profundos olhos castanhos vindo visitá-la. Seu coração saltou quando ele se arrastou na carroça para lhe fazer perguntas. Sentiu uma atração tão grande por ele, que sabia, em seu coração, que aquele homem deveria ser seu marido. Não havia dúvida.

Não entendia por que não a visitava com mais frequência, ela teve que implorar ao médico para encontrá-lo. O homem de cabelos escuros, era a única coisa que tinha um efeito calmante em sua alma.

Havia três outros sobreviventes, um dos quais era um menino. Ele lhe parecia familiar, mas provavelmente, era porque eles estavam na caravana juntos.

Por que ela estava na carroça? Aonde estava indo?

Agora, estava em uma condução de gado com mais de duas dúzias de homens. Por que não se sentia segura?

Seu marido a protegeria.

Marido dela.

Lydia vasculhou seu cérebro tentando se lembrar do dia do casamento. Era como se tudo antes de acordar naquela carroça, simplesmente tivesse desaparecido.

Ela precisava de um pouco de ar. Levantou-se da cadeira e ficou parada por um minuto, desejando que a tontura passasse. Se pudesse chegar à janela, poderia abri-la, e então talvez se sentisse melhor. Ela deu um passo nessa direção. E mais outro.

Ao passar pelo lavatório, se viu no espelho e engasgou.

É assim que ela se parecia?

Não admira que seu marido, não pudesse olhá-la.

Aproximou-se do espelho e viu a mulher olhando para ela.

Seu cabelo estava coberto de sangue e poeira. Um enorme hematoma cobria sua testa, olho e bochecha e seus lábios estavam rachados pelo calor extremo. Ela pegou uma toalha do suporte e voltou para a banheira para molhá-la. A sujeira de sua mão rodou na água morna, sacudiu o excesso de água e voltou ao espelho para tentar remover um pouco da sujeira do rosto.

Tudo o que ela conseguiu fazer, foi espalhar a sujeira ao redor. Precisava de um banho.

Seu vestido estava em frangalhos. Havia um forte cheiro de fuligem vindo dele. Houve um incêndio?

Ela largou o pano sujo na tigela e foi até a janela.

Levou alguns puxões, mas conseguiu abri-la e respirar fundo. O cheiro da cidade assaltou seus sentidos. Podia sentir o cheiro de esterco de cavalo misturado com couro e algo cozinhando. Não era uma boa combinação.

Ouvindo uma batida na porta, orientou a pessoa a entrar, mas continuou a olhar para a rua abaixo. Lydia estava com a cabeça encostada no batente da janela, olhando para baixo, quando viu o homem aparecer.

Cada respiração deixou seu corpo, enquanto seus olhos o seguiam andando abaixo da janela.

— *Vire-se* — ela pediu em seus pensamentos. — *Vire-se e olhe para mim.*

O homem se virou, enquanto atravessava a rua, e a respiração escapou de seu corpo.

Quem era ele?

De repente, flashes de tiros e assassinatos, passaram por sua mente. Um som se formou dentro dela, profundamente dentro de sua barriga. Ela não conseguiu reprimir o soluço que escapou. Mordendo as costas da mão, tentou não fazer barulho, mas não adiantou.

— Senhora? — a voz de uma mulher chamou.

Lydia se virou, olhou para ela e gritou. Uma represa estourou dentro dela e emoções que não sabia que estava sentindo, borbulharam e não conseguia parar. Lydia desabou no chão, dobrando os joelhos contra o peito e soluçando.

— Por favor, pare, senhora — a mulher implorou.

— O que aconteceu?

Era seu marido. Ele cuidaria de tudo.

Sentiu uma pequena mão tocando seu cabelo.

— Não chore, mãe — disse o garotinho.

Devia ser seu filho, embora não se lembrasse de tê-lo dado à luz.

O som do trovão estalou em sua mente. Fechou os olhos para bloqueá-lo.

Ouvia vozes, mas não conseguia entender o que diziam.

Alguém a chamou. Foi calmante e, abrandou seus medos.

Sentiu-se sendo levantada e recolocada na poltrona, viu o homem ir se

juntar ao menino na janela. Devem ter visto o estranho também, enquanto o menino se ajoelhava no chão.

— O que é? — ela perguntou. Precisava ouvir as palavras. Ela não tinha imaginado coisas.

— Não é nada — ele se levantou e olhou para a rua. Ele deve ter avistado alguém que conhecia enquanto dava algumas rajadas curtas de assobios, antes de fechar a janela. — Nada mesmo.

Alguns momentos depois, uma leve batida foi ouvida na porta. O homem caminhou até a porta e saiu. Ela podia ouvi-lo falando com alguém. A porta se abriu e ele enfiou a cabeça no quarto.

— Hart, venha aqui por um segundo — ele disse, suavemente. — Eu quero que vá com Goodie, de volta para a carroça.

— Mas eu queria ficar aqui, com o senhor.

— Eu sei, amigo, mas isso é importante. Que tal se eu te deixar montar em Blaze amanhã?

— Sozinho? — O homem assentiu. — Posso guiar?

— Absolutamente. Agora pegue seu chapéu e roupas sujas e vá com Goodie. Eu até acho que tem alguns doces naqueles sacos de papel.

— Posso dormir com os cowboys?

— Claro que pode, mas é melhor esconder as gomas. Ouvi dizer que eles são os favoritos de Goodie.

Hart correu para pegar seus itens da cama e desapareceu no corredor.

A voz de um homem diferente falou com o menino.

— Ouvi dizer que tem balas de goma aí?

Ela podia ouvir o menino rir, enquanto suas vozes desapareciam no corredor.

O homem de olhos escuros voltou ao quarto e se ajoelhou na frente dela.

— Querida, está bem? — ele perguntou, preocupação gravada em seu rosto.

Ela assentiu.

— Estou agora — ela estendeu a mão e passou os dedos por seu cabelo escuro. — cortou seu cabelo — seus dedos traçaram suas bochechas lisas. — E se barbeou.

— Achei que deveria parecer humano de novo — sua voz estava rouca.

— O senhor, está muito bonito — ela deixou cair a mão. — Eu me olhei no espelho. Realmente preciso de um banho.

— Sua água está intocada.

— Deu muito esforço para me mover — ela passou os dedos nas bochechas, misturando as lágrimas com a sujeira que restava.

— Ok, vamos ver o que podemos fazer. Vou chamar a camareira.

Ele se levantou e Lydia estendeu a mão para agarrar seu braço.

— Não, por favor, não. Não quero que mais ninguém me ajude.

O homem ergueu a sobancelha.

— Pode se despir sozinha?

— Se soltar os botões atrás, eu consigo o resto.

Ele assentiu e a ajudou a se levantar.

— Perdoe-me, eu não consigo lembrar seu nome, nem que minha vida dependesse disso.

Ela o viu engolir.

— Caleb. Caleb Chapman.

— Caleb — ela virou as costas para ele. — Um nome forte. Significa leal e corajoso — o olhou por cima do ombro. — O senhor, é leal e corajoso, Caleb Chapman?

— Eu sei que sou leal. Acho que coragem é uma questão de perspectiva. — Ela sentiu seus dedos se atrapalharem com os botões. — Quer saber? Não há como salvar este vestido — disse ele, rasgando o tecido.

Lydia segurou a frente de seu vestido na posição.

— Eu vou sair para que possa terminar.

— Eu preciso de ajuda. Não posso lavar meu cabelo. Eu não posso levantar meus braços tão alto.

— Lydia...

Lydia olhou para ele com olhos suplicantes.

— Por favor.

— Eu não acho...

— É meu marido, Caleb. Não há nada de errado em me ajudar a lavar meu cabelo.

Ela observou os lábios dele se apertarem e flexionar as mãos várias vezes.

— Tudo bem. Fique despida e na água. Cubra a banheira com a toalha e eu te ajudo a lavar o cabelo.

— Obrigada — ela sussurrou.

Caleb voltou para a janela e olhou para fora. Seus olhos nunca olhando de volta para ela. Estava desapontada que seu marido não a achasse atraente, mas entendeu, dado seu estado atual.

Despiu-se rapidamente e deslizou na água fria, desejando que estivesse mais quente. Puxando a toalha sobre a banheira para proteger seu estado de nudez, e o chamou. Ele se virou e rapidamente se moveu para a parte de trás da banheira.

— Molhe o cabelo, querida — disse ele. Sua voz soou engraçada, mas Lydia fez o que lhe pediu. Deslizou sob a água e se segurou por um minuto. Podia ouvir seu coração batendo em seus ouvidos. Estava viva. Precisava se lembrar disso.

Saindo da água, respirou fundo várias vezes e arrastou as mãos pelo rosto para remover a água. Caleb deu um tapinha em seu ombro e lhe entregou uma toalha. Mergulhando-a na banheira, ela a apertou com força para se livrar do excesso d'água, e então, a colocou sobre o rosto e recostou-se na parte de trás da banheira.

Ela sentiu a mão dele entrar na água.

— Está fria.

— Está tudo bem — murmurou, debaixo da toalha.

Ela o sentiu ensaboar seu cabelo com a barra de sabão. Seus dedos trabalharam em seu couro cabeludo e podia senti-lo puxando seu cabelo tentando desfazer os nós.

— Já deve ter feito isso antes.

— Eu tenho três irmãs. Uma delas, lavava o cabelo na varanda todos os sábados antes da igreja. Ela tem cabelo ruivo que dá nós, facilmente. Quando terminava de lavar, eu sentava lá e a ajudava a desfazê-los. Sou conhecido por modelar cachos aqui e ali.

Lydia deu uma risadinha.

— Três irmãs? — Ela se perguntou por que não conseguia se lembrar de nenhuma de suas irmãs. Se eram casados, tinha certeza de que as teria conhecido. — Ajude-me a lembrar — disse ela. — Quais são os nomes delas?

— Marianne e Penelope são gêmeas. Depois, há Alice que é a mais nova, tem apenas dezenove anos.

— Tem irmãos?

— Quatro. Owen e Oliver são os mais velhos.

— Eles são gêmeos?

— Sim, são.

— Dois pares de gêmeos em uma família. Que incomum.

— Depois, há Michael.

— Quantos anos ele tem?

— Ele está morto.

Lydia ficou em silêncio por um momento. Ela removeu a toalha e levantou o queixo para olhar para Caleb.

— Sinto muito — ela sussurrou.

— Foi há muito tempo. Então eu, e depois vem Everett.

— Como seu irmão morreu?

— Ele foi baleado. Nem teve tempo de sacar sua arma. Um covarde atirou nas costas dele e então, outro homem acabou com ele. Marianne estava lá quando aconteceu. Ela garantiu que Duke Richards pagasse por seus crimes.

— Oh, meu Deus! Que horrível. Eles pegaram o homem?

— Eventualmente. Há cerca de três anos. Ele acabou enforcado por seus crimes.

Lydia se recostou na banheira, puxando a toalha ainda mais para cobri-la.

— Eu nunca tomei um banho assim antes. É tão larga.

— Muito melhor do que tentar se encaixar em uma cuba galvanizada.

Lydia riu.

— Eu estava pensando justamente isso — ela se mexeu na água criando pequenas ondas que molharam a toalha. — Quando chegarmos à nossa nova casa, vou comprar uma tina assim.

Caleb fez uma pausa.

— Onde é nossa nova casa?

Lydia piscou, franziu a testa e cerrou os olhos, pensando que isso a ajudaria

a se lembrar.

— Onde quer que esteja. Norte, eu acho.

— Isso faria sentido. Será que tínhamos família que estávamos indo visitar.

Uma irmã talvez?

— Não — disse Lydia. — Eu sou filha única.

Caleb parou de pentear o cabelo dela com os dedos.

— Lembra-se disso?

— Lembro-me da minha mãe e do meu pai, mas não me lembro de um irmão.

— Sua memória está voltando?

Lydia balançou a cabeça.

— Não me lembro muito. São apenas coisas que eu sei — ela deslizou de volta para a água. — Sei que isso não faz sentido.

Ela sentiu Caleb puxar seu cabelo novamente. Tinha acabado de fechar os olhos, saboreando a sensação da pressão contra sua cabeça, quando ele lhe deu um tapinha no ombro.

— Mergulhe novamente. — Lydia deslizou sob a água e sentiu Caleb esfregando seu couro cabeludo para tirar o sabão dela. Ela veio à tona quando não conseguiu mais prender a respiração. — Vamos lavá-lo mais uma vez. Isso deve tirar o resto do sangue dele.

Ela inclinou-se para trás e fechou os olhos, saboreando a sensação dos seus dedos pelo seu cabelo. O ouviu se levantar e ir até a porta, estava tão cansada que não conseguiu abrir os olhos para ver quem era. Apenas ouviu o som das botas dele batendo no chão, quando voltou.

Ao ouvir algo sendo colocado no chão, abriu um olho e perguntou.

— O que é isso?

— Água morna. Mergulhe sua cabeça mais uma vez e então eu farei uma lavagem final com isso.

Lydia obedeceu, movendo a cabeça sob a água. Podia sentir os fios molhados flutuando contra seu rosto. Cobrindo o rosto com as mãos, emergiu mais uma vez e jogou o cabelo para trás. Ouviu Caleb rir, deve tê-lo molhado.

— Estou pronta — disse ela, inclinando-se para frente na banheira e ouvindo Caleb ofegar.

— Suas costas, estão machucada também.

— Provavelmente é por ter ficado na carroça nos últimos dias.

Ela sentiu os dedos de Caleb traçando os hematomas e prendeu a respiração. Ele a tocou tão levemente que pensou o que poderia estar imaginando.

— Lamento que tenha se machucado — ele resmungou.

— Eu estou viva. Isso é tudo que importa.

— Estou feliz que tenha sobrevivido.

Lydia se virou e olhou para ele. Ela segurou a toalha contra o corpo, garantindo que não escorregasse.

— Está? — perguntou-lhe. Seus olhos profundos eram suaves enquanto a

olhavam. Ele assentiu. — Eu também — sussurrou Lydia.

Caleb se inclinou para frente e deu um beijo em sua testa.

— Vamos terminar de enxaguar o seu cabelo e poderá terminar de se lavar. Eu preciso correr.

O pânico encheu Lydia. Ele iria deixá-la?

— Aonde vai?

— Preciso ver um homem sobre um cavalo, e pensei em pegar algo para comermos.

— Prometa-me que voltará.

— Eu prometo.

— Não quero ficar sozinha.

— Não ficará. Eu voltarei, prometo. — Lydia olhou para o rosto dele, tentando desenhar cada linha e traço na memória. — Prometo — repetiu ele. Lydia assentiu e virou as costas para ele. Ela inclinou a cabeça para trás para que ele derramasse o balde de água morna sobre sua cabeça. Quando a água escorreu, levantou a cabeça e moveu o pescoço para frente e para trás. — Tudo terminado?

— Sim. Lave-se e te darei uma toalha nova. Aquela está toda molhada.

Ele saiu do quarto e voltou alguns minutos depois com um novo conjunto de toalhas. Puxou uma cadeira de madeira e as colocou nela antes de ir para a cama, pegar os pacotes.

— Eu não tenho nenhuma roupa limpa.

— Eu pensei nisso, também. Bem, Hart pensou nisso — Caleb levantou um pacote de papel pardo amarrado com barbante para mostrar a ela. — Vai preferir um vestido ou uma saia e blusa?

Lydia nunca teve um homem comprando suas roupas antes. O pensamento de que ele teria escolhido algo para ela vestir secretamente a emocionou.

— Saia e blusa, por favor.

Ela ouviu o papel sendo amassado. Aproveitando o momento, enquanto Caleb estava de costas para ela, rapidamente saiu da banheira e se enrolou na toalha. Usou a segunda para secar os braços e as pernas, antes de se sentar na cadeira de madeira. Estava esfregando o cabelo quando Caleb se virou e levantou uma saia marrom simples.

— A mulher do lojista escolheu. Há também uma bordô. Achei que isso não mostraria sujeira na trilha.

— São adoráveis! Eu não tive nada de novo em... — ela colocou o dedo nos lábios e mordeu a unha. — Sinceramente não me lembro.

— Ela também escolheu roupas íntimas e parece, uma camisola.

— Acho que gostaria de tirar uma soneca. — Ela observou enquanto ele colocava a camisola na cama e levava os pacotes de papel para a cômoda. — Vai esperar até que eu durma, antes de sair?

— Se isso é o que quer.

Lydia assentiu.

— E me prometa que vai ficar aqui esta noite e não voltar para a carroça.

— Lydia, querida...

— Prometa-me, Caleb.

Ela o viu engolir e ele finalmente assentiu.

— Eu prometo. Estarei no quarto quando acordar.

Ele olhou pela janela novamente enquanto Lydia terminava de se secar e vestia a camisola. Ela se arrastou para a cama e puxou as cobertas até o queixo. O colchão a embalou e mal conseguia manter os olhos abertos. Esforçou-se para abrir os olhos e olhar para Caleb, parado na janela.

Seus ombros eram largos, e podia ver como seus braços eram musculosos sob a camisa de linho que ele usava. Ela achava incrível que alguém com braços tão grandes pudesse ser tão gentil quanto ele, quando lavava o seu cabelo.

— Estou tão cansada — disse ela, fechando os olhos e puxando o travesseiro para perto. Ouviu as botas dele chegando ao lado da cama. Sua grande mão empurrou o cabelo dela para trás e o sentiu beijar levemente sua testa. Murmurou alguma coisa e se aconchegou mais embaixo das cobertas.

Ouviu a porta se abrir e o som de seus passos andando pelo corredor. Lydia estava muito cansada para abrir os olhos, mas assim como ele prometeu, Caleb estava dormindo ao pé da cama quando acordou.

CAPÍTULO 11



— Está ficando muito mole, garoto.

Caleb olhou para Tot.

— Eu não tenho ideia do que está falando.

Manteve o ritmo ao lado da carroça, estavam se aproximando da fronteira do Nebraska e deveriam entrar no Owl Canyon no dia seguinte. Caleb enviou um telegrama para Archie, informando que não iria a Denver e que precisava continuar indo para nordeste em direção a Nebraska.

A viagem já havia demorado mais do que o planejado. Ele deveria chegar a Flat River na primeira semana de outubro.

— Volta com uma banheira de latão que ocupa metade da carroça e depois manda dois homens procurar um cavalo velho!

— Não é um cavalo velho, é o cavalo de Hart — Caleb esfregou a nuca. Talvez Tot estivesse certo. Desde que mantinha Lydia e Hart com eles na trilha, estava tomando decisões que normalmente não faria.

Caleb não reconheceu o homem que Hart viu na cidade, e não parecia um dos irmãos Richards. Fazia anos desde que ele tinha visto alguém da família de ladrões. Sabia que a prisão mudava um homem, e se esse fosse o caso, Brodie Richards tinha feito muitas mudanças, enquanto estava preso.

Infelizmente, o homem havia desaparecido quando Caleb saiu para encontrá-lo. Ele passou a maior parte da noite andando pela cidade e dentro dos saloons procurando ver se conseguia vislumbrar o homem vestido de preto e prata.

Pediu a Goodie para levar dois homens e ver se eles poderiam descobrir onde os cavalos estariam escondidos. Ele se perguntou se eram os mesmos cavalos que viu no rio quando chegaram a Pueblo. Goodie começou nos arredores e depois se expandiu para as fazendas próximas, para ver se notavam algo peculiar.

Encontraram um fazendeiro que se lembrava de ter visto um pequeno grupo passando por seu rancho, precisavam de água, então encheram seus cantis do poço dele. Achou estranho que eles não tivessem um barril na carroça ou qualquer coisa que precisassem para uma longa viagem.

Quando Goodie perguntou para aonde estavam indo, o fazendeiro informou que o grupo mencionou ir para o norte, para vender os cavalos e que havia se oferecido para comprá-los na hora, mas os homens recusaram.

— Certos homens de aparência desagradável — disse o fazendeiro a Goodie. — Pura maldade.

Caleb não sabia, pois não deu uma boa olhada no grupo à beira do rio.

Sua cabeça doía só de pensar nisso.

Não fazia sentido. Por que um grupo de cerca de quatro homens levaria uma dúzia de cavalos e quatro bois para o norte, para vender? Havia muitos fazendeiros que pagariam caro por esses cavalos. A menos que fosse, porque os cavalos eram roubados.

Esse era o único motivo que Caleb poderia deduzir.

— O rancho está repleto de cavalos. Por que não dar a ele um desses?

Caleb esfregou a mão pelo rosto em frustração.

— Porque espero que o cavalo ajude Lydia a recuperar a memória.

— Ah! — Tot disse como se tivesse descoberto algum segredo. — Não é para o menino. É para a mulher.

— Tot... — Caleb avisou.

— Deixe-me dizer uma coisa, garoto, tenha uma mulher na cabeça, e pode jogar seus planos pela janela.

— Fala por experiência própria?

— Está se preparando para se casar com ela?

— Ela acha que já somos casados.

— Mas não são. Todo mundo sabe que passou a noite no hotel.

— Nada aconteceu. Passei a maior parte da noite, procurando por aquele homem.

— Mas voltou para o hotel. Damas têm uma reputação a proteger. Não vai querer aqueles garotos, contando histórias para seu pai.

— Sou um homem adulto, Tot — ele sentiu a raiva começar a aumentar. Não tinha sido nada, além de um perfeito cavalheiro.

— Eu também sou. Mas joguei minha chance fora.

— Não entendi.

— Eu cometi alguns erros no passado. Um envolveu uma mulher, a mulher mais bonita que já vi. Nublou meu julgamento, devo dizer.

— O que aconteceu com ela?

— Casou-se e teve um monte de filhos.

— Nunca se casou, não é Tot?

— Não. Eu senti que tudo, precisava estar exatamente certo, antes que eu pudesse propor a ela. Quando finalmente percebi o que queria, voltei para buscá-la, mas já estava casada com outro.

— A viu desde então?

— De vez em quando nossos caminhos se cruzam. Ela não me reconhece. Melhor assim. Mas os anos não lhe foram gentis, passou de vibrante e despreocupada a uma velha amarga. Mas não estamos falando de mim, garoto, estamos falando a seu respeito — Tot balançou o dedo em direção a Caleb. — É melhor parar de pensar naquela mulher e seu filho. Leve-os para onde precisam ir e acabe com isso.

— Se bem me lembro, apenas algumas semanas atrás, me disse que o menino precisava de uma figura paterna. Se não fosse eu, seria outra pessoa.

— Foi quando pensei que iria fazer dela, uma mulher honesta. Antes que eu soubesse que havia um assassino, ladrão, filhos de...

— Tot! O que Marmee, diria sobre sua língua?

Tot murmurou baixinho.

— ... procurando por alguém.

— Ainda não sei por que a Gangue Richards, está interessada em Lydia. Ela não tem gado e não possui cavalos. Vendeu seu rancho e tudo nele para ir em uma carroça para o norte. Não combina.

— Ela tem uma coisa.

— O quê?

— Pense nisso, garoto — Tot deu um tapa nas rédeas e os cavalos ganharam velocidade. — Agora, saia do meu caminho, eu preciso circular as carroças. Eu vejo um ponto lá em cima com água e sombra.

Caleb puxou Blaze para o lado para deixar Tot avançar. Virou-se e olhou para Lydia. Suas contusões estavam desaparecendo, e suas bochechas brilhavam onde o sol as coloria, podia ver algumas sardas cruzando seu nariz.

Beijos de anjo, Marmee os chamava.

Algo mudou com Lydia naquela noite depois de seu episódio no quarto de hotel.

Ela se recusou a ficar na parte de trás da carroça, ou andava no banco da frente ou ao lado da carroça. Caleb insistiu para que ficasse dentro, mas ela tinha vontade própria. Linda e teimosa.

Ela não reclamou uma vez.

Ele esperou que a carroça o alcançasse e então, cutucou Blaze para manter o ritmo das rodas em movimento. Hart estava segurando as rédeas e cantando. Caleb a reconheceu como uma das canções de ninar que os cowboys cantavam para o rebanho à noite.

—Tot vai circular as carroças, então prepare-se, Hart.

— Sim, senhor — disse ele. Deu um assobio alto e bateu no traseiro da mula. Hart estava praticando os assobios para a movimentação de gado e estava satisfeito por poder falar com os cowboys usando os sons agudos.

— Como está, Lydia?

— Eu acho que estar no sol está me afetando. Eu me sinto como uma crosta cozida demais, de um pedaço de pão.

— Duro por fora? Leve e arejado por dentro?

Lydia riu. O som foi direto para seu coração.

— Algo parecido. Vamos parar à noite?

— Sim. Há um aquífero à frente. Será um bom lugar para descansar.

— Quanto tempo mais até estarmos em Owl Canyon?

— Devemos chegar, amanhã à noite.

Lídia assentiu.

— Nós temos que virar — Hart avisou.

Caleb tirou Blaze do caminho para que Hart pudesse colocar a carroça em posição. Quando viu que as carroças estavam montadas, voltou para o

rebanho. Ele precisava de uma corrida. Sua energia era palpável, não tinha ideia do que havia de errado com ele, mas estava se sentindo inquieto. Blaze deve ter percebido isso também, já que não se opôs quando o estimulou a correr.

Homem e fera estavam sem fôlego quando chegaram a Slim, liderando o rebanho.

— Cerca de três milhas lá em cima há um pequeno lago.

— É ali que vamos parar?

— Sim. Luz do dia suficiente se todos quiserem se refrescar.

— Não precisa me falar duas vezes, gosto quando paramos cedo.

— Por que isso?

— Significa que Tot, não tem tempo para cozinhar feijão.

Caleb riu.

— O que está esperando quando chegarmos em casa?

— Além de não comer feijão? — Slim pensou por um momento. — Acho que estou ansioso para dormir no meu beliche, tomar um café fresco que não seja feito de água parada. Ver minha garota. Acho que essas são as coisas que eu mais espero.

— Eu não sabia que tinha uma garota.

— Ela é nova na cidade. Veio para ficar com a tia e o tio dela.

— Estão se vendo há muito tempo?

Slim deu de ombros.

— Tempo suficiente. Eu ia pedi-la em casamento antes de partirmos para o Texas, mas pensei em esperar até voltar.

— Ela ainda estará lá? — Slim assentiu. — Como sabe?

— Sabendo. Quando é o certo, passa a querer certificar-se todos os dias de que ela não precisa se preocupar com nada. A querer, encontrar todas as suas preocupações e corrigi-las. Simplesmente, se sabe.

Caleb olhou para trás através da paisagem exuberante. Era isso que estava sentindo sobre Lydia?

Como ela se sentiria quando sua memória voltasse e percebesse que Caleb não era seu marido?

Ele manteve o ritmo com o rebanho, deixando Blaze guiá-lo para que pudesse se perder em seus pensamentos.

Quando chegaram à carroça, os homens gritaram e berraram quando avistaram a piscina de água azul cristalina. Era uma nascente alimentada pelo solo, que abastecia a lagoa. Muitos dos homens nem esperaram até depois do jantar e rapidamente se despiram e pularam na água de ceroulas.

Quando Hart viu a comoção, correu para a água. Caleb o viu pulando enquanto tentava tirar as botas e jogá-las na pilha com todas as outras roupas.

— Slim! — Caleb chamou.

O cowboy viu Hart correndo e deu um aceno para Caleb. Slim esperou até que Hart o alcançasse e então os dois pularam na lagoa e desapareceram sob a água.

Caleb esperava que Lydia ficasse bem, enquanto aguardaria sua vez para se refrescar. Ele a levaria para baixo, enquanto o sol estivesse se pondo e vigiaria para garantir que os cowboys ficassem longe. A encontrou de pé perto do fogo, mexendo uma panela. Tot estava sentado em um dos barris vazios, observando.

— Não deveria estar cozinhando? — ele perguntou a Tot.

— Sente-se e tome uma xícara de café. A mulher queria trabalhar.

Caleb pegou uma xícara. Lydia usou a saia para segurar a cafeteira e encheu a xícara dele.

— Obrigado, querida — disse ele e foi se sentar em um segundo barril. Tot ergueu a sobrancelha enquanto se sentava. Caleb o ignorou e observou Lydia mexendo o que quer que estivesse no forno holandês. — O que está cozinhando?

Ela deu mais uma mexida, depois colocou a tampa na panela.

— Cozido de carne.

— O cheiro está maravilhoso.

Lydia deu-lhe um pequeno sorriso. Ele a observou misturar farinha, água e sal em uma tigela, quando o ensopado estava borbulhando, ela derramou colheradas de massa na mistura quente. Não demorou muito para os cowboys, famintos entrarem na fila.

Caleb observou como cada cowboy, tirou o chapéu e estendeu seu prato para Lydia servir o jantar. Eles agradeceram e provocaram Tot, enquanto ele despejava café quente em suas canecas.

— Ela é melhor para os olhos do que você, meu velho — disse Goodie, estendendo sua caneca.

Os outros cowboys seguiram provocando Tot, enquanto passavam. Caleb deu uma risadinha, enquanto Tot aturava tudo com calma.

Quando o último cowboy foi servido, Lydia virou-se para Caleb. Seu rosto estava brilhando com o fogo, ele podia ver o suor pontilhando suas bochechas e testa.

— Já está pronto para comer?

— Só se me acompanhar.

Lydia pegou três pratos da traseira da carroça, encheu um e entregou-o a Tot. Fez o mesmo com os outros dois e entregou um para Caleb.

— Vamos nos sentar à beira da lagoa. Há algumas pedras grandes lá.

Lydia seguiu Caleb para o lado da lagoa. Os cowboys já estavam começando a se acomodar para a noite. Alguém puxou um violão e os sons de dedilhar, encheram o ar. Havia duas grandes rochas onde eles se sentaram. Um som borbulhante veio do centro da água.

— O que são aquelas bolhas ali? — Lydia perguntou, apontando para o meio da lagoa com o garfo.

— Isso é apenas o ar que foi capturado na primavera. Temos a mesma coisa em Nebraska.

— Então, a água vem do subsolo?

Caleb assentiu e espetou um pedaço de carne.

— Há uma nascente subterrânea que alimenta a lagoa. É por isso que a água é tão clara. Está muito fria também.

— Eu não me importo, eu só quero lavar a poeira da trilha.

Caleb comeu a carne tenra com molho.

— Isto está muito bom.

— Obrigada. Eu devo ter gostado de cozinhar em algum momento.

— E é boa nisso. Eu sei que Tot apreciou a pausa.

— Eu o tenho ajudado um pouco mais a cada dia.

— Não precisa fazer isso.

— Está tudo bem. Eu só precisava de algo para ocupar minha mente.

Pensar demais não é bom para ninguém.

— Tem muito tempo para pensar aqui na trilha. — Lydia terminou o jantar e colocou o prato de lado na pedra. — Se quiser tomar banho, eu ficarei de vigia e me certificarei de que não seja incomodada.

— Vou levar esses pratos e pegar um vestido limpo.

Caleb riu.

— Tem escondido roupas limpas? — Caleb olhou para sua camisa de linho. O que antes era um cinza claro agora era um marrom opaco. Ele deu um tapinha na barriga e uma pequena nuvem de poeira emanou do tecido.

— Lavei minhas roupas na última parada. Hart também.

— E não contou a ninguém?

Lydia riu.

— Eu não estava preparada para ser uma lavadeira para um bando de cowboys sujos.

— Lembrou-se de mais alguma coisa?

— Apenas, pedaços e mais pedaços.

— Gostaria de falar sobre isso?

Lydia balançou a cabeça.

— Não agora. Só me lembro que havia uma sensação de perigo e de uma mulher. Mas não me lembro do nome dela.

— Lembra-se de alguma coisa sobre Hart?

— Não. E isso parte meu coração. Aquele menino pensa que eu sou a mãe dele.

Caleb lembrou o que o médico disse. Lydia nunca tinha dado à luz. Talvez Hart fosse órfão. Após a guerra, não era incomum que crianças de cidades superlotadas fossem colocadas em um trem com destino ao oeste. A maioria foi para fazendas, para serem criadas como peões.

— Ele não teria inventado isso — Lydia não disse nada. Ele tentou a mesma tática que o médico lhe disse para usar com ela. — Talvez, possa apenas fingir até que suas memórias retornem.

— Isso não seria mentira?

Caleb estremeceu. Ela chegou um pouco perto demais da verdade.

— Na verdade, não. E se for realmente a mãe dele? Não vai doer nada.

— Eu acho que não — ela pegou seu prato e estendeu a mão para Caleb. — Vou pegar o seu também.

— Isso não é necessário, Lydia.

— Vou, assim mesmo. Eu estarei de volta em breve.

Caleb a observou ir embora, desejando saber o que estava acontecendo em sua mente.



Lydia colocou os pratos na água quente. Tot estava sentado no barril tomando café.

O cozinheiro era um indivíduo interessante. Falava principalmente em enigmas. Doeu a cabeça de Lydia pensar nas histórias que ele contava. Ela descobriu que o nome dele era Aristóteles, era originalmente de Boston e frequentou a escola lá antes de vir para o Oeste, em busca de sua fortuna.

Nunca se casou e não teve filhos. Conhecia o pai de Caleb quase a vida toda e trabalhava como cozinheiro da unidade de gado, simplesmente, porque adorava. Ele disse a ela que tinha dinheiro suficiente para se aposentar, mas trabalhar mantinha sua mente afiada.

Ela olhou para o mar de silhuetas para ver se conseguia encontrar Hart.

— Ele está com Goodie e Slim — disse Tot da escuridão.

— Como sabia, quem eu estava procurando?

— Tem o mesmo olhar que Ingrid tinha, quando não conseguia encontrar um de seus filhos.

Lydia riu.

— Acho que é um olhar universal.

— Todas as mães têm.

— Espero que ele não seja muito incômodo.

Tot foi até o fogo e voltou a encher sua xícara.

— De jeito nenhum. É um menino brilhante e na idade em que tudo é interessante. Eu sei que os homens cuidam dele.

— Eles são muito gentis.

— Goodie e Slim, são dois dos melhores cowboys com quem já trabalhei. São trabalhadores e honestos. Seu garoto não poderia estar melhor perto deles.

— Eu sei que ele te segue, bastante.

— Ele me mantém jovem. É bom ter um jovem ajudando a coletar lenha.

Lydia olhou para o lago, as costas de Caleb estavam para ela. Mal podia vê-lo quando o sol terminava de se pôr. Seu estômago deu um pequeno salto quando viu seu perfil. Ele era certamente o homem mais bonito que já conhecera ou pelo menos lembrava.

Ela havia mentido para Caleb. Estava recuperando partes de sua memória. Lembrou-se de sua casa no Texas, o rancho, pescar no riacho e piqueniques na grama. Lembrou-se também de Vangie e de uma noite de tempestade. Mas tudo isso eram peças e, não contavam uma história completa.

Era melhor ela pegar seu vestido e voltar para a lagoa. Seria bom se sentir humana novamente. Riu, lembrando que Caleb disse isso, depois que ele foi

para a casa de banhos em Pueblo.

— O senhor, precisa de mim para ajudar a lavar os pratos? — ela perguntou a Tot.

— Não. Vou lavá-los em breve. Estou apenas descansando — Tot olhou para o riacho. — Vá passar um tempo com Caleb.

Lydia sentiu suas bochechas esquentarem. Talvez fosse apenas o fogo.

— O verei pela manhã, Tot.

Tot assentiu. Quando ela se virou para sair, o ouviu chamar seu nome.

— Ele é um bom homem.

— Caleb?

— Sim. Ele é um homem honrado. Sempre fará o que é certo ou o que acha certo, mesmo que isso acabe custando a ele. A família toda é assim.

— Não tenho certeza se entendi o que o senhor quer dizer.

— Não brinque com ele, Lydia. Eu sei que ele se importa profundamente com Hart. Talvez até com, a senhora. Certifique-se de que o que sente, é real. Não é uma história de faz de conta que tem na cabeça.

Lydia endureceu.

— Eu não vou machucá-lo.

— Eu não acho que pretenda, mas as pessoas se machucam do mesmo jeito

— Lydia ficou calada. — Boa noite, Lydia.

Ela deixou Tot na escuridão e foi até a carroça que estava compartilhando com Hart. Às vezes, ficava feliz por ele escolher dormir do lado de fora com os homens. Hart tendia a se revirar durante o sono e Lydia não sabia quanto tempo seu corpo aguentaria, com ele chutando-a durante a noite.

Pegando uma lamparina acesa que estava no chão, Lydia caminhou até a parte de trás da carroça. Ela virou o pavio e entrou, a luz lançando sombras no pequeno espaço. Havia um gancho no arco central e Lydia pendurou a lamparina nele. Teria que tomar cuidado para não bater com a cabeça.

O espaço era apertado. A área atrás do assento parecia ser uma grande caixa com um cobertor sobre ela. Isso ocupava um terço do vagão o resto consistia em caixas cheias de suprimentos e dois sacos de dormir. O saco de dormir de Hart estava faltando, então sabia que ele pretendia dormir do lado de fora.

Tirando o vestido de um gancho perfurado em um dos arcos, o pendurou na parte de trás da carroça para poder levá-lo quando saísse. Agora, ela só precisava encontrar sua bolsa que continha seus itens pessoais.

Era onde tinha um precioso sabonete escondido.

Caleb comprou para ela uma banheira e várias barras de sabonetes perfumados, quando estavam em Pueblo. A banheira era igual do hotel; uma grande banheira de cobre com costas altas. Tinha ficado tão tocada pelo presente, que não conseguiu falar. A banheira ocupava quase metade da carroça, então estava na carroça médica com os sacos de dormir. Doc disse que era melhor do que qualquer caixa de madeira para armazenar suprimentos.

Sua bolsa, na verdade, era uma fronha vazia e não *realmente* uma bolsa, mas funcionava para seus propósitos. Nela guardava as roupas que Caleb havia lhe comprado, um novo conjunto de escova e pente de prata, e um diário com dois lápis onde poderia escrever seus pensamentos enquanto se lembrava de seu passado.

Ela normalmente a mantinha ao lado do saco de dormir, mas não estava lá. Curvou-se, com as mãos nos quadris.

Tinha que estar em algum lugar.

Não ficou surpresa por não conseguir encontrá-la, pois Hart tinha suas roupas em todos os lugares, até deixou seu chapéu de cowboy dentro da carroça. Ela o pegou, estava úmido da lagoa. Virou-o para que a aba ficasse para cima, o chapéu deveria estar seco pela manhã. Rapidamente dobrou as roupas dele e as colocou de lado. Quando pegou a última camisa e começou a dobrá-la, encontrou sua fronha. Estava debaixo do cobertor que cobria a caixa grande.

Levantando a ponta do cobertor, percebeu que não era um caixote. Um baú de couro com cantos de estanho em relevo espreitava por baixo da cobertura. Ela tirou a fronha do caminho e levantou o cobertor, descobrindo o baú.

O baú estava empoeirado e cheirava levemente a fumaça. Imagens passaram pela mente de Lydia, dobrando roupas e colocando-as em um baú como este, de agarrar o braço de Hart e abraçá-lo, de um homem que ela não reconheceu ajudando-a a carregar o baú em uma carroça. Imagens de outro homem cercado por cavalos, feno e cachorrinhos.

Caleb.

Ela sabia que o último homem, era Caleb.

Lydia sabia que as respostas para as perguntas que a atormentavam podiam ser encontradas no baú.

Olhando ao redor para ter certeza de que ninguém estava vindo, puxou o trinco, mas ele não se moveu. O cadeado estava faltando, então sabia que o baú não estava trancado. Passou os dedos pelos encaixes de latão para ver se alguma coisa a impedia de abri-lo.

Seu dedo prendeu no pino de metal que segurava o mecanismo de travamento no lugar; foi dobrado. Ela olhou ao redor da carroça e encontrou um pedaço de metal que havia caído ao lado. Pegando-o, o pressionou contra a cavilha e empurrou com toda a força.

O metal macio se moveu e Lydia conseguiu abrir o baú.

Dentro havia bandejas cobertas de papel, cheias de pequenos itens e cartas. Ela levantou a bandeja para ver o que estava embaixo. De um lado havia roupas feitas para caber em um menino pequeno. Muito provavelmente, de Hart. Havia também três saias e duas blusas. Uma colcha estava dobrada sobre o conteúdo do outro lado.

Lydia passou os dedos pelo desenho do tecido. Imagens de sua mãe costurando a colcha antes de um casamento passaram por sua mente. Uma lágrima caiu nas costas de sua mão, quando gentilmente pegou a colcha e a

afastou.

Debaixo dela havia mais algumas cartas e duas fotografias emolduradas. Ela pegou a primeira.

Era uma foto de uma Lydia mais jovem, sentada ao lado de uma mulher com longos cabelos escuros. Lydia deu um pequeno suspiro. A mulher tinha as mesmas feições de Hart, no entanto, era ela segurando um bebê nos braços. Ela estava levantando o bebê em direção à câmera e sorrindo. Reconheceu a mulher, mas não conseguia se lembrar por quê. Deve ter havido uma razão para esta foto ter sido tirada.

Colocando a foto de lado, pegou a próxima.

Era a foto de um homem vestindo um terno preto com um chapéu de cowboy. Uma faísca de reconhecimento acendeu na mente de Lydia e ela levou os dedos aos lábios para conter um grito. O homem tinha bigode e olhos brilhantes. Ele estava com a mão no ombro de uma mulher.

A mulher, que estava sentada em uma cadeira, estava usando um vestido de noiva. Um véu de renda, cobria seu cabelo e segurava um pequeno buquê na mão.

Bluebonnets (flores que são o símbolo do Texas).

Lembrou-se, que elas cresciam na frente de sua casa.

Ela correu os dedos pelo homem na foto, lançando os olhos entre ele e a noiva. Solto um soluço e deixou cair a foto. Ouviu o vidro estalar quando a foto atingiu a lateral do baú. A pegou de volta e tentou colocar os pedaços de vidro de volta no lugar. Olhos acusadores a encararam por trás do vidro quebrado.

— Lyd... — a voz de Caleb chamou, e então parou.

Lydia não teve tempo de fechar o baú. Viu Caleb, parado no final da carroça. O conteúdo do baú se espalhou ao redor dela. Olhou para a foto em suas mãos e depois novamente para o homem parado na parte de trás da carroça.

O homem que não era seu marido.

CAPÍTULO 12



Lydia olhou para Caleb espiando dentro da carroça.

Preocupação gravou seu rosto.

— Está bem, querida? — perguntou ele.

Lydia enxugou as lágrimas com as costas da mão e colocou a fotografia no fundo do baú.

— Eu estou bem. Só um pouco sobrecarregada.

— Está se lembrando de alguma coisa?

Lydia assentiu, arrastando a mão ao longo da borda do baú.

— Lembro-me de arrumar este baú para nossa viagem. Lembro-me de Hart empacotando tudo o que eu estava guardando — ela deu uma meia risada. — Ele sempre foi útil.

— Lembra-se dele ser seu filho?

Lydia passou as mãos pelas bochechas.

— Ele é meu, tão certo como se eu o tivesse dado à luz. É tudo o que preciso saber, por enquanto.

Caleb soltou um suspiro de alívio.

— Isso é bom então. Que fotos eram aquelas?

— Só memórias. Nada significativo — ela pegou as cartas e as colocou de volta no baú. — Minha mãe fez esta colcha — a ergueu até o nariz e inalou profundamente. — Cheira a fumaça.

— Encontramos quando a caravana foi atacada. Havia roupas de menino lá, então pensamos em pegá-la — ele passou os dedos pelos cabelos escuros. — Honestamente, eu esqueci disso até agora.

— Obrigada — disse ela, dando-lhe um leve sorriso. — Estou feliz que o tenha trazido.

Colocou a colcha em cima das fotografias e a bandeja de volta no lugar. Fechando o baú, passou a mão carinhosamente pelo topo de couro, deu um aceno curto e puxou o cobertor sobre ele novamente. Manteria as memórias no baú, até que pudesse lidar com elas mais tarde.

Olhou para Caleb, a decepção surgindo em suas veias por ele não ser seu marido.

Ela se lembrou das palavras de Tot.

Certifique-se de que o que sente é real. Não é uma história de faz de conta que tem na cabeça.

Ela estava apenas fingindo ter sentimentos por Caleb? Não pensava assim. Quando olhava para ele, seu coração palpitava. Mal podia esperar, até que ele

parasse na carroça para ver como ela estava. Lembrou-se da maneira gentil como lavara seu cabelo no hotel e trabalhara para tirar os nós dele.

Se ele sabia que ela não era sua esposa, então por que a fez pensar que era? Ele estava fazendo com ela, o que sugeriu que fizesse com Hart? *Apenas finja até que a verdade venha à tona.*

Lydia balançou a cabeça. Ele nunca a fez pensar nisso. Agarrou-se tanto à ideia de que ele era seu marido que não estava disposta a ouvir nada, nem mesmo aquela vozinha na parte de trás de sua cabeça.

Pensou por um momento. Precisava fazer uma escolha.

Ou dizia-lhe a verdade.

Ou fingia por mais uma noite.

Deu-lhe um sorriso e caminhou até a parte de trás da carroça onde ele esperava. Pegou duas barras de sabão de sua fronha.

— Devo usar o de rosas ou de jasmim? — ela estendeu as barras para Caleb.

— Rosas, são minhas favoritas — disse ele, suavemente.

Lydia colocou a outra barra de volta na fronha e a colocou no canto da carroça. Agarrando o sabonete perfumado de rosas, saiu da carroça e saltou para o chão.

Os braços de Caleb a envolveram, certificando-se de que não aterrissasse com um baque. Ela se sentia segura em seus braços. Lydia se inclinou um pouco para frente, julgando sua reação. Podia ver seu pulso acelerar e seus lábios se abrirem ligeiramente.

Inclinando-se na ponta dos pés e gentilmente lhe deu um beijo em seu pescoço. Seus olhos se arregalaram, e ela podia sentir seus braços apertando sua cintura. Depositou-lhe um beijo rápido contra seus lábios e então deu um passo para trás.

— O último a entrar é um ovo podre — ela chamou, pegando seu vestido e partindo em direção ao lago.

Ela ouviu Caleb dar uma risada e o som de seus passos, enquanto ele a perseguia até a água fria.



Caleb balançou a cabeça enquanto Lydia nadava até o meio da lagoa. A lua brilhava no céu, lançando seu brilho sobre a água. Manteve os olhos desviados, concentrando-se no contorno das vacas à distância.

— Já terminou? — ele perguntou.

Lydia nadou até a rocha em que Caleb estava sentado.

— Dê-me o sabonete, por favor — disse ela.

Caleb olhou para a carroça enquanto lhe entregava a barra de sabão.

Ela voltou para o meio da lagoa. Ele podia ver sua silhueta do brilho da fogueira, enquanto estava na água e começou a se lavar. Rapidamente desviou os olhos e certificou-se de que ninguém mais a estava olhando.

Quando ela terminou de ensaboar o cabelo, jogou a barra para Caleb antes de mergulhar na água, cuspiendo enquanto se deitava para lavar o cabelo.

— A água está fria.

— Vai se acostumar rapidamente. O sol se pôs — ele disse suavemente. — A temperatura cai.

Lydia lavou o cabelo. O perfume das rosas permeava o ar. Caleb gemeu. Associaria para sempre o perfume de rosas com Lydia e aquela lagoa.

— Precisa se apressar — resmungou ele.

Lydia se levantou na água.

— Por quê? — ela olhou ao redor da paisagem escura. — Oh, meu Deus! Há índios, por aqui?

— Os Utes, são conhecidos nestas partes, mas vão nos deixar em paz.

— Tem certeza? — Ela nadou mais para perto, seu cabelo flutuando de seus ombros. De repente, parou e afundou na água. Emergiu, mas manteve os braços e ombros abaixo da superfície desta. Caleb deu uma olhada rápida. Era seguro para ele olhá-la, pois não conseguia ver nada além de sua cabeça balançando na água.

Caleb tirou os pés da água fria onde os estava balançando e pegou suas botas que estavam ao lado dele.

— Vou levá-la de volta para a carroça, antes que pegue um resfriado.

— Eu não estou com frio, Caleb — disse ela.

— Eu peço desculpas, mas não concordo. Uma vez que sair dessa água, estará com muito frio. E não quero que nenhum dos meus homens, seja tentado.

— Mas eles não me tocariam.

— Eles são homens, Lydia. Alguns deles eu nem conheço além desta viagem. Não sei como irão reagir.

— Você ainda não tomou banho.

— Eu vou tomar banho depois que for dormir.

— Eu não estou pronta para ir dormir.

Caleb olhou para a lua cheia, cercada por um céu cheio de estrelas. Ele não queria olhar para Lydia sentada na água em sua camisa. Já tinha visto a forma como o tecido se agarrava às curvas dela e precisava tirar a imagem de sua cabeça antes de fazer algo de que se arrependesse.

— Certo. Eu vou me sentar aqui e pode continuar a nadar.

Usou aquele rosto contorcido e ela estava franzindo a testa, mas estava um pouco escuro demais para ver suas feições. Ela se aproximou dele, nadando em sua direção até a beira da água.

— Acho que vou sair, então.

— Boa menina — Caleb colocou suas botas e se levantou. Ele pegou um lençol de linho e o segurou aberto. — Pode vir se secar.

Lydia se levantou da água e se cobriu enquanto caminhava. Ela não fez nenhum movimento para pegar o lençol de Caleb.

— Lydia — avisou, se aproximando e colocando o lençol sobre os ombros dela. Ele colocou os braços atrás de suas costas para garantir que o lençol a cobrisse completamente. Quando terminou, percebeu que ela havia puxado os

braços do lençol e estava segurando a ponta no lugar.

— Caleb — disse, dando um passo mais perto. Ele podia ver seus lábios ligeiramente abertos e uma língua rosada saiu para molhar seu lábio inferior.

— Caleb... eu... ai! — gritou, caindo para frente.

Caleb não teve escolha a não ser colocar os braços em volta de sua cintura. Ele a agarrou, puxando-a para mais perto.

— Está tudo bem?

— Acabei de tropeçar em uma pedra — ela olhou para ele, seus olhos arregalados. — Obrigada, por me pegar.

— O prazer é meu — ele escovou seu cabelo molhado ao redor de seu rosto. — Tem nós, em seus cabelos.

— Vou usar meu pente antes de ir para a cama. — Caleb sentiu os braços dela apertarem seu pescoço enquanto ela o puxava para um beijo. — A menos, é claro, que queira penteá-los para mim — sussurrou antes de pressionar seus lábios contra os dele.

Tentou resistir, mas não adiantou. Seus lábios eram viciantes enquanto aplicava pressão, aprofundando o beijo.

Ele a empurrou e a segurou no comprimento do braço.

— Lydia... — ele começou.

— Caleb, eu sei que está fingindo ser meu marido.

— O quê?! — Ele não tinha certeza se a ouviu corretamente.

— Eu percebo que não é meu marido. Mas esta noite, eu só quero fingir que não sei disso.



Caleb não conseguia dormir, jogou e virou seu saco de dormir sob a carroça. Os filhotes protestaram e ganiram, mas logo adormeceram novamente. Uma das coisas mais difíceis que já fez foi levar Lydia de volta à carroça. Deu-lhe, boa noite e saiu rapidamente, fingindo que não ouviu seus gritos enquanto se afastava.

Não adiantava; ia se refrescar. Ele notou que o fogo ainda estava aceso, queimando até o chão. *Tot, provavelmente o deixou para não ter que reacendê-lo pela manhã*, pensou Caleb.

Caminhou de volta para o lago e se despiu, mergulhando nu na água. Estava gelada e tirava cada respiração de seu corpo. Serviu-lhe bem, merecia ser punido. Água fria era um bom castigo, pensou. Ele espiou o sabão na pedra e o agarrou.

O cheiro de rosas era forte. Ele sabia que os homens o ridicularizariam se soubessem, mas assim mesmo se esfregou e lavou o cabelo. Uma vez que ele terminou seu banho, vestiu sua roupa e caminhou de volta para a carroça, carregando suas botas.

— Caleb — uma voz chamou ao lado da carroça. Caleb quase pulou para fora de sua pele. Podia ver Tot, sentado em um dos barris com as costas contra a carroça. Se aproximou. Tot estava tomando café e olhando vagamente para o fogo.

— Está acordado até tarde, Tot? — disse Caleb. Normalmente, Tot era um dos primeiros a dormir, pois tinha que se levantar cedo pela manhã, mas parecia que não tinha ido para a cama. O som de grilos e roncos leves enchia o ar.

— Sim.

— Algo em sua mente?

— Não.

— Vou para a cama, então — Caleb desceu até onde a carroça médica estava estacionado.

— Descobriu, garoto? — Tot o chamou.

— Descobri o quê? — Caleb pegou uma calça seca e puxou-a sobre as pernas.

— O que vai fazer?

Caleb voltou para o fogo. Ele não queria que sua voz acordasse ninguém. Principalmente, Lydia. — Não sei. Ela sabe que eu não sou seu marido, mas não sabe que alguém está atrás dela. Ainda não tive oportunidade de falar com o xerife.

— Ali tem uma mulher sem pertences. Vendeu tudo. O que ela possui? Só existe uma coisa de valor. E não sei por que razão, mas ela te ama.

— Não pode saber disso.

— Eu vejo o jeito que ela te olha, garoto. Do mesmo modo que Ver... não importa — jogou o café no fogo. O líquido subiu ao atingir a madeira em chamas.

— Disse que havia algo que era valioso.

— Exatamente.

— Tudo o que tinha era seu cavalo e carroça. E aquele baú que achamos, era pertencimento — Caleb viu Tot erguer a sobrançelha. — O que mais ela tem?

— De repente, algo o atinge. — Seu filho?

O filho dela!

Como ele pôde ser tão estúpido. Os homens não estavam atrás de Lydia. Eles estavam atrás de Hart. Mas por que três bandidos, estariam procurando por um garotinho? Não fazia sentido. Precisava ver Lydia imediatamente.

— Eu sempre achei que era o inteligente — disse Tot enquanto Caleb caminhava em direção à carroça de Lydia. — Mas não conte a seus irmãos.

Caleb caminhou até a carroça de Lydia e bateu no encosto.

— Lydia — chamou.

— Vá embora — ele a ouviu fungar.

— Eu preciso lhe falar.

— Eu não quero conversar contigo agora, Caleb Chapman.

— Lydia, querida...

A lona se abriu tão rápido; Caleb tinha certeza de que teria uma queimadura na pele pela manhã.

— Não me chame de querida.

— Certo. Eu preciso saber sobre Hart.

— Hart? — Lydia franziu a testa. — O que tem ele?

— Me disse que encontrou algo em seu baú. Preciso saber quem é a mãe dele.

— Eu sou a mãe dele.

— A mulher que o deu à luz. Lydia, por favor. É importante. — Lydia desapareceu na carroça. Caleb subiu e sentou-se em uma pequena caixa. Havia pilhas de cartas e uma Bíblia de couro espalhadas pela carroça. — Está lendo isso?

— Sim. Lembro-me mais agora.

— E quanto a Hart. Lembra-se da noite em que ele nasceu?

— Não me lembro de muita coisa, só que estava uma tempestade. O nome dela era Vangie. Ela pegou uma foto emoldurada e entregou a Caleb. Havia algo familiar nela, mas Caleb não conseguia identificar. Hart se parecia com a mulher de cabelo escuro.

— Hart disse que esta era sua tia.

— Era mais fácil dizer que éramos irmãs, mas na verdade era minha prima. Ela estava em trabalho de parto e disse que estava me procurando. Eu nunca a tinha conhecido antes daquela noite.

— Por que ela estava lhe procurando?

— Acho que a família do marido dela descobriu que estava grávida e ameaçaram matá-la e levar a criança. Veio até nós para nos dar o bebê, para mantê-lo seguro. John e eu pegamos a criança e a criamos como se fosse nosso. Vangie desapareceu. Eu nunca soube para onde ela foi, e também não perguntei. Depois que John morreu, ela ficou no rancho.

— O que mudou?

— O xerife ficou sabendo que seu cunhado estava sendo libertado da prisão e prometeu encontrar a criança. Ele sabia que ela havia deixado a criança conosco. Vangie partiu no dia seguinte.

— Por que ela não levou o menino junto?

— Acho que esperava que eles a seguissem e nos deixassem em paz. Quando eles percebessem, estaríamos escondidos em segurança. — Ela pegou a foto de volta e a segurou no colo. — Comecei a vender tudo. Sam me ajudou.

— Sam?

— O xerife. Ele me trouxe uma carroça cheia de suprimentos e fomos para o norte dois dias depois.

— É por isso que aqueles eram todos os seus cavalos e gado no leilão.

Ela assentiu.

— Sam me disse que, alguém havia comprado todos eles.

Caleb esfregou os olhos.

— Esse era meu pai. Lembra-se para aonde estava indo?

— Não me lembro. Só que estávamos indo para encontrar a família de Vangie.

— Lembra-se do nome completo dela?

Lydia balançou a cabeça.

— E a mãe dela? Disse que era sua prima, isso significa que seus pais eram parentes.

— Não. Eu não me lembro. Eles foram embora antes mesmo de eu nascer. Minha mãe nunca falou sobre ela.

— Tudo bem. Vou levá-la para minha casa até que possamos descobrir tudo.

— Obrigada. Eu sei que você vai nos manter seguros.

— Eu não sei do que ou de quem estou mantendo-os a salvo, mas eles terão que passar por mim e meus homens para chegar até vocês.

Caleb se inclinou e deu um beijo duro nos lábios de Lydia. Ele então roçou sua testa com um beijo e se inclinou para trás.

— O que é isso? — perguntou, pegando a Bíblia de couro ao lado dos pés de Lydia.

— Essa foi a Bíblia que minha mãe me deu quando vim para o Oeste. — Caleb começou a folheá-la. — O que você está fazendo?

— Na maioria das Bíblias há registros de casamentos e nascimentos. Estou olhando para ver o que essa diz. — Caleb folheou as páginas até chegar a uma feita de papel mais grosso. Foi decorado em desenhos vermelhos e azuis com letras pretas. — Casamento. Lydia Brown casou-se com John Whitcomb, 1862. Nascimento. Hartman Owen Whitcomb, 1865.

Caleb quase deixou cair a Bíblia. Era coincidência demais.

Hart era filho de Duke Richards.

CAPÍTULO 13



Caleb observou Lydia rastejar para fora de sua carroça e caminhar em sua direção. Ela estava linda. Seu cabelo estava enrolado firmemente contra sua cabeça e usava uma saia azul com uma blusa de linho.

— Bom dia — Lydia disse suavemente. Ela caminhou até o fogo e serviu uma caneca de café. — Desculpe, eu dormi até tarde.

Era dia e o rebanho já estava uma hora à frente. Tot estava terminando os pratos e colocando-os no caixote de madeira.

— Preciso terminar — disse Tot, colocando a caixa na carroça. — Eu salvei alguns bolos de milho para você. Já guardei o xarope.

— Isso soa bem, Tot. Obrigada.

Quando Lydia passou por Caleb, ele estendeu o braço ao redor dela e a puxou para perto dele, tomando cuidado para não derramar o café. Enterrando o nariz em seu cabelo, ele beijou sua orelha.

— Está pronta, querida?

Lydia assentiu.

— Eu acho — ela olhou ao redor. — Onde está Hart?

— Ele está montando ponto com Goodie, hoje. Tot vai buscá-lo quando as carroças passarem.

— Deixe-me terminar meu café, e podemos ir para a cidade.

A carroça estaria em Owl Creek ao meio-dia. Tot ia acampar fora da cidade, pois havia outro aquífero onde o gado podia beber.

— Vamos, filhotes — Tot chamou. Três dos filhotes vieram correndo. O resto, mais Scout, estavam trabalhando em suas habilidades de pastoreio. Tot ergueu os filhotes e os colocou no chão da carruagem. Um pulou no banco, pronto para ir até a próxima parada. — Já terminou com o seu café? — perguntou Tot.

Lydia assentiu.

— Sim, senhor. Quer que eu corra até o lago para lavá-lo?

— Nah — Tot disse, jogando a borra de café no fogo. Ele chutou terra sobre as brasas sibilantes. — Eu vou lavá-lo, quando chegarmos ao Owl Canyon.

Caleb cutucou Lydia para que se levantasse e então colocou os dois barris vazios na carroça. Tot acenou e deu um tapa nos bois, fazendo-os avançar. Caleb pegou a mão de Lydia e lhe deu um beijo antes de soltá-la para pegar Blaze.

— Não vamos pegar a carroça? — ela perguntou enquanto as outras duas

carroças passavam.

Caleb colocou um pé no estribo e levantou a perna sobre a sela. Ele então pegou a mão de Lydia.

— Não. Achei que seria mais rápido cavalgar — Lydia colocou o pé no estribo e pulou. As mãos fortes de Caleb a puxaram para seu colo. — Além disso, eu posso te abraçar assim.

— É isso mesmo que quer fazer, Caleb?

— Eu prometi que os protegeria. Discutimos que, mudando seu nome, seria mais difícil para a Gangue Richards encontrá-los. Eles estão procurando Lydia e Hart Whitcomb, não Lydia e Hart Chapman — ele a viu fechar os olhos. — Não está chateada, está?

Lydia balançou a cabeça.

— Eu queria fingir que não me lembrava para que ainda pudesse acreditar que eramos casados.

Caleb beijou o lado de sua testa.

— Querida, irá realmente se casar comigo em cerca de uma hora.

Lydia assentiu e segurou firme em seu braço enquanto ele estalava as rédeas e Blaze partia em um galope. Ao passarem pela carroça, Tot acenou. Quando se aproximaram do rebanho, observou Lydia esticar o pescoço procurando por Hart. O menino estava montando ponto com Goodie. Caleb deu um assobio e a cabeça de Hart se ergueu, deu um sorriso e acenou para eles enquanto passavam.

Demorou cerca de uma hora para chegar ao Owl Canyon. A cidade era pequena comparada a Denver, mas era maior que Flat River. O passeio acabou cedo demais, e Caleb, relutantemente, soltou Lydia quando chegaram ao posto de amarração na cidade.

A primeira coisa a fazer era enviar um telegrama ao pai avisando-o de que a Gangue Richards, poderia aparecer em Flat River. Se pensassem que Lydia estava levando Hart para Flat River, era para lá que Brodie iria, propositalmente não contou a eles sobre Lydia ou o garoto.

Assim que terminou, escoltou Lydia até a pequena igreja da cidade. Cinco dólares depois, ela tinha uma aliança simples no dedo e estava escrevendo no registro, Lydia Chapman. Caleb rabiscou sua assinatura, embaixo da dela.

— Quer ir para o hotel?

Lydia balançou a cabeça.

— Não. Eu quero voltar e ver Hart, quero dizer a ele que tem um novo pai.

Caleb beijou sua esposa antes de subir de volta em Blaze.

Demorou pouco mais de vinte minutos para voltar para a carroça, pois Caleb não se apressou. Encontraram Tot ao lado do grande aquífero despejando água em seu forno holandês, O rifle, encostado na rocha.

— Casaram-se?

Lydia riu.

— Sim, nos casamos.

— Serão felizes juntos. Eu sinto isso nos meus ossos.

Lydia desceu do cavalo.

— O senhor, pegou Hart? — ela perguntou, olhando ao redor.

— Ele está bem ali — disse Tot, apontando com uma concha para alguns arbustos. — Ele estava bem ali...

— Onde ele foi?

— Hart! — Lydia chamou. As vozes de Tot e Caleb se juntaram.

Os filhotes vieram correndo de trás de um arbusto. Lydia se aproximou e olhou atrás deles.

— Ele não está aqui.

— Hart! — Caleb chamou mais uma vez. De repente, o ar se encheu de um som que nunca quis ouvir, uma série de assobios curtos encheu o ar e reconheceu como o assobio de Hart. Ele estava dizendo que eles estavam em perigo.

Caleb pulou de volta em Blaze e disparou ao redor do arbusto, podia ver Hart sendo segurado com força por um homem vestido de preto com enfeites de prata. Caleb o reconheceu como o homem que viram pela janela do hotel.

Hart estava lutando contra o homem.

— Me solta! — ele gritou, e assobiou novamente.

Um tiro soou e o cavalo empinou no ar, não teve tempo de agarrar a crina de Blaze antes que o cavalo tombasse para trás, levando Caleb junto. Ele gritou quando sentiu seu osso quebrar sob o peso do cavalo. Blaze rapidamente saiu e desapareceu atrás dos arbustos.

— Hart! — chamou. A dor rasgou a perna de Caleb. Ele passou a mão pela perna quebrada. O osso não tinha rompido a pele. Se virou para encarar o homem. Caleb estava olhando para olhos profundos como poços sem fundo, que não tinham alma.

Pegou sua arma, mas o homem apontou a dele para a cabeça de Hart.

— Não, não, não. Não pegue isso.

O homem olhou para Caleb e sua boca se abriu em um grande sorriso. Ele cuspiu suco de tabaco na terra e puxou o martelo de seu revólver de seis tiros, apontando novamente para Caleb.

— Eu não sei quem é, mas nada vai me impedir de levar o menino — Hart lutou novamente. — Pare com isso agora, garoto! — disse o homem, puxando Hart pelo braço, jogando-o no chão e segurando-o firme, enquanto olhava para Caleb.

— O que quer?

O homem sorriu novamente.

— Brodie está pagando cem dólares para quem puder levar o menino até ele.

— Eu te dou cem dólares se é isso que quer.

— Eu prefiro vê-lo morrer — disse o homem apontando a arma de volta para Caleb. — Não pensei que seria tão fácil. Te acompanho há semanas. Bastou um pouco de carne para os cães e eles vieram com o menino logo atrás.

Caleb fechou os olhos e então olhou para Hart.

Não era assim que deveria terminar. Ele tinha planos, queria assumir o negócio de gado de seu pai não morrer ao lado de um banco lamacento.

— Spike!

Caleb se virou para ver Lydia na beira dos arbustos.

O homem rapidamente virou a arma, enquanto Lydia puxava o gatilho da velha Nellie e acertava Spike com dois tiros. Hart gritou, puxando seu braço e correndo até Caleb.

Ele colocou seus braços ao redor do menino.

— Está tudo bem — ele acariciou o cabelo do menino. — Está tudo bem.

Sawyer, Slim e um cowboy chamado Bones, irromperam pelos arbustos, armas em punho.

— Ouvimos o sinal de perigo.

Caleb olhou para seus homens. Eles eram mais do que apenas cowboys, eram sua família.

— Foi Hart.

— Slim me ensinou muito bem — disse Hart correndo para abraçar Lydia.

— Muito bom — Caleb concordou caindo de costas no chão. Lydia correu para o seu lado. — Como sabia o nome dele?

— Lembro-me dele desde o dia em que partimos. Ele estava no mercantil e ouvi alguém chamá-lo assim.

Caleb estendeu a mão para segurar seu rosto.

— Te amo, querida.

— Eu também te amo — ela se abaixou para beijar sua testa. Caleb estremeceu quando ela o tocou. — O que há de errado, Caleb? — perguntou, correndo os dedos sobre seu rosto.

A adrenalina estava começando a diminuir e ele sentia o fogo rugir em sua perna.

— Está quebrada.

— Vá buscar a carroça médica — disse Sawyer, deslizando de seu cavalo e apontou para Slim. — Vá para a cidade e encontre o médico — guardou sua arma e correu para Caleb. — Consegue mover sua perna?

Caleb balançou a cabeça.

— Ouvi estalar.

— Está tudo bem, chefe. Nós vamos ajudá-lo, apenas aguarde aí — se levantou e caminhou até o homem de preto que estava borbulhando.

Lydia se aproximou.

— Eu estava com tanto medo — disse ela, colocando um beijo na testa de Caleb. Ele deslizou a mão atrás de seu pescoço e a puxou para um beijo.

— Eu também, querida, eu também — ele a beijou gentilmente. — Eu nunca a vi tão bonita como estava agora, segurando essa arma.

— Eu te amo, Caleb — sussurrou ela, lágrimas rolando de suas bochechas em seu rosto.

Caleb se recostou na terra.

— Eu também te amo, querida. — olhou para o céu e ouviu os gritos de seus homens enquanto se aproximavam.

Tudo ia ficar bem.

EPÍLOGO



FINAL DE OUTUBRO DE 1872, FLAT RIVER, NEBRASKA

Caleb observou quando a casa da fazenda apareceu. Passaram-se seis semanas, desde que quebrou a perna e parecia que teria uma recuperação completa.

Lydia e Hart ficaram com ele o tempo todo. Lydia era uma excelente enfermeira, alimentando-o com caldo, dando-lhe banho e beijinhos, quando ele fazia o que o médico tinha ordenado.

Não havia como terminar a viagem, então um telegrama foi enviado e Weston Chapman apareceu dois dias depois.

Caleb não queria saber. o quão rápido seu pai deve ter andado para chegar lá em tempo recorde. Weston não disse nada sobre seu casamento e prometeu ficar calado até que Caleb pudesse voltar para casa e compartilhar as notícias, ele mesmo. Goodie ficou para trás para garantir que a Gangue Richards não tentasse sequestrar Hart novamente.

Caleb não tinha certeza de como iria contar aos Hartmans sobre Sarah, ou o pequeno Hart.

Sarah, ele descobriu com Lydia, começou a usar seu nome de batismo quando Duke foi para a prisão. Ela não queria ser conhecida como Sarah Richards. Ela se chamava Evangeline e abreviou para Vangie depois que Duke foi enforcado.

Blaze se recuperou completamente, a bala simplesmente roçou sua perna. Caleb olhou pela pequena janela na parte de trás da carroça, Goodie estava cavalcando atrás, levando Blaze pelas rédeas.

O dinheiro tinha seus benefícios.

Caleb foi capaz de pagar mais para que o cocheiro os levasse para a casa em vez de apenas deixá-los na cidade. Sua perna ainda estava na tala e prometeu ao médico em Owl Canyon, que faria o acompanhamento com o médico assim que chegasse em casa.

— Acha que eles irão gostar de mim?

Virou-se para olhar para sua esposa. Ela estava deslumbrante em um vestido azul profundo com rosas cor-de-rosa nele. Seu cabelo estava preso em cima de sua cabeça, e tinha um gorro combinando preso em seus cachos com um pouco de renda e uma pena azul.

Ainda havia um pouco de hematoma em sua bochecha, mas ela conseguiu cobri-lo com pó. Seus lábios estavam inchados onde ela os havia mordido.

Caleb estendeu a mão e a colocou em volta do pescoço dela, puxando-a para perto, pressionando um beijo contra seus lábios. Se iam ficar inchados, ele queria que fosse porque a estava beijando, não porque ela estava preocupada.

Quando terminou de beijá-la, encostou a testa na dela.

— Eles irão amá-la. Aos dois. Tanto quanto eu.

— Eu te amo, Caleb — Lydia sussurrou, inclinando a cabeça contra o ombro de Caleb. Ele pegou a mão dela e beijou seus dedos curvados antes de colocar a mão em sua perna. Se pudesse, nunca mais a soltaria.

— É aqui que vamos morar? — Hart perguntou, pulando no banco enquanto olhava pela janela. Seu chapéu de cowboy estava pendurado atrás do pescoço. Ele insistiu em usá-lo em todos os lugares.

— Sim. A casa fica em frente, mas esse é o celeiro principal.

— A senhora, acha que os filhotes irão se lembrar de mim?

— Eu acho que sim, querido — disse Lydia.

— Sinto saudade de Scout — Hart voltou a olhar pela janela. — O que é isso?

— Esses são os piquetes que meus irmãos usam para treinar cavalos — Caleb notou que o celeiro que Owen e Oliver construíram não estava mais lá. Inclinou-se para fora da janela e viu as marcas de queimaduras na terra onde o celeiro ficava.

Incêndio.

Lamentou não estar em casa quando isso aconteceu. Tinha certeza de que ouviria a história durante o jantar. A casa apareceu e Caleb nunca esteve tão feliz em vê-la. Casa significava tudo para ele.

Agora, tinha uma família, isso significava ainda mais. Estava determinado a ter a mesma vida com sua esposa e filho, que Marmee e Pa têm com seus filhos. Os três poderiam dividir seu quarto e então ele trabalharia para construir uma casa na primavera.

Sentiu a mão de Lydia em seu braço e a apertou na sua.

— Está feliz por estar em casa, querido? — ela perguntou.

Caleb assentiu.

— Espero que também goste de estar aqui.

— É lindo. O Texas é quente e seco e o deserto é miserável. Isso é lindo — ela apontou para a janela. — Aquilo é um riacho?

— Sim. Ele corre para Flat River.

— Podemos ir pescar lá, pai?

Caleb nunca se cansaria de ouvir essa palavra dos lábios de Hart.

— Não posso, mas sei que seus tios Oliver e Everett adoram pescar. Aposto que eles irão levá-lo.

— Mal posso esperar, para conhecê-los — disse Hart, sorrindo de orelha a orelha.

— Eu sei que eles irão amá-lo, tanto quanto eu.

Ao se aproximarem da casa, Caleb ouviu um grito vindo do celeiro,

seguído por uma série de assobios. Owen estava chamando os irmãos de volta para casa. Ele até assobiou para Alice.

Caleb se perguntou como Alice se sentiria com outra mulher na casa. No momento em que ele partiu, uma mulher estava hospedada com eles, até que ela pudesse pegar a próxima carruagem que saísse da cidade. A mulher era uma noiva por correspondência de um dos irmãos Hartman. Quando ela chegou, descobriu que Frank Hartman, estava morto. Marmee, abriu sua casa para a jovem. Caleb se perguntou o que aconteceu com ela.

Quando a carroça parou na frente da casa, a porta da frente se abriu e Marmee saiu. Ela segurava um lenço nos lábios enquanto a observava parar.

— Meu menino — disse ela, caminhando para a porta da carroça. Caleb podia ver lágrimas em seus olhos. Ele abriu a porta e gentilmente tirou a perna da carruagem.

— Calma, Marmee — disse Caleb quando Marmee foi envolver seus braços ao redor dele. Apoiou as muletas na carroça e abriu os braços para envolver a mãe. — Eu senti sua falta.

Marmee plantou beijos em suas bochechas enquanto seus irmãos corriam ao redor da carroça.

— Caleb! Fico feliz em tê-lo de volta, irmão — disse Owen, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Já era hora de chegar aqui — disse Oliver. — O pai nos contou sobre a Gangue Richards. Que bom que está em casa e seguro.

— Fico feliz em tê-lo em casa, Caleb — disse Everett parado perto dos degraus.

Caleb notou que havia três mulheres que ele não reconhecia na varanda. Uma mulher loira abriu caminho e desceu os degraus. Ela colocou os braços ao redor de Caleb.

— Está em casa. Eu estava com medo de não vê-lo novamente — Alice beijou sua bochecha e o abraçou mais forte.

— Não pode se livrar de mim tão fácil, Pint Jar.

Alice se afastou para que Marmee pudesse abraçá-lo mais uma vez.

— Quem são? — Alice perguntou, notando Lydia e Hart.

Caleb se mexeu no pé bom e saiu do caminho para que os dois passageiros pudessem desembarcar.

Hart saltou da carruagem e caiu no chão com um baque.

— Scout! — gritou enquanto uma cachorra cinza-azulado corria do pasto em direção a ele. Hart se ajoelhou e passou os braços ao redor da cachorra, que estava pulando e tentando lambeu seu rosto. — Eu senti tanto a sua falta — disse ele acariciando a cachorra na cabeça.

Caleb pegou a mão de Lydia quando ela saiu da carruagem. Voltando-se para sua família.

— Esta é minha esposa, Lydia Chapman; e este é nosso filho, Hart.

— O quê?! — vários membros da família começaram a falar ao mesmo tempo.

Caleb ergueu a mão.

— Nós vamos explicar depois que entrarmos. Agora, eu preciso entrar na grande sala e descansar esta perna — pegou suas muletas e mancou até a escada. Entregando-as a Alice, ele pegou o braço de Lydia e subiu os degraus. As três mulheres se afastaram. Caleb olhou para elas de perto e seus olhos se arregalaram.

— Esteve aqui na primavera.

A mulher assentiu.

— Isso mesmo. Sou, Elenore.

— Achei que Owen ia colocá-la na primeira carruagem para fora da cidade. Ela deu uma risadinha.

— Acho que os planos mudaram.

Owen veio até a varanda com uma sacola na mão. Ele colocou o braço em volta dos ombros de Elenore e a puxou para perto.

— Chegou em casa a tempo de um casamento.

As sobrancelhas de Caleb se ergueram.

— Sério? Parabéns, irmão!

— E esta é minha esposa, Willow — Oliver disse colocando uma segunda bolsa na varanda.

— Estou fora há quatro meses e dois de vocês vão se casar?

— Eu nunca vou me casar — Everett reclamou, olhando para a festa na varanda.

Caleb notou desapontamento no rosto da terceira mulher.

Interessante. Ele se perguntou o que perdeu, enquanto estava fora.

— Acho que nunca a vi antes — disse ele para a mulher loira ao lado de Elenore.

— Sou Polly Phillips. A melhor amiga de Elenore. Vim para ajudar a preparar o casamento.

— E então espero que volte para casa.

— Everett! Pare com isso! — Marmee advertiu. — Eu não vou tolerar que seja rude com nossos convidados.

Everett bateu o chapéu na perna e voltou para o celeiro sem dizer mais nada.

— Ignore-o — Caleb a tranquilizou. — Ele não foi muito sociável quando criança.

— Honestamente, não importa para mim como ele age — ela cruzou as mãos sobre o peito. — Se ele quer se comportar como uma criança, não há nada que eu possa dizer sobre isso.

Caleb olhou para Polly. *Interessante mesmo.*

Marmee pegou o braço de Lydia e a direcionou para a casa.

— Deve estar exausta. Vamos preparar-lhe algo para comer. Gosta de chá? — sem esperar por uma resposta, ela agarrou a mão de Hart. Ele observou Scout correr de volta para o celeiro. — Tenho certeza de que, tenho alguns biscoitos lá dentro.

— Biscoitos? — Marmee, tinha toda a atenção de Hart agora.
— Sim. Todos os meus meninos adoram biscoitos.
— Eu gosto de biscoitos.
— Então, irá se encaixar bem, Hart Chapman.
Caleb ouviu Marmee continuar a falar enquanto entrava na casa.
— Terá que me contar sobre sua viagem. Parece que foi bastante aventureiro — Alice disse, rindo.
— Não acreditaria.
Alice seguiu Elenore, Willow e Polly para dentro da casa.
Duas cunhadas. Ele não esperava que os gêmeos se casassem.
— Elas já têm assobios? — ele perguntou.
Oliver riu.
— Ainda não. Mas terão.
Caleb franziu a testa.
— Algum avistamento de Brodie?
Owen balançou a cabeça. Abaixando a voz, ele disse:
— O pai não contou a Marmee, porque não quer que ela se preocupe.
— Estamos atentos e todos os homens sabem assobiar se virem alguém.
Caleb olhou ao redor da fazenda.
— Parece uma boa quantidade de mudanças desde que eu fui embora.
— Esses cavalos, são alguns dos melhores que já vi — disse Owen.
— Muitos eram do rancho de Lydia. Ela teve que vendê-los quando foi para o norte. Alguns dos longhorns também são do rancho dela.
— Ótimo estoque. Eu sei que o pai ficou satisfeito — Oliver deu um tapa no ombro de Caleb. — Vamos entrar e nós vamos te atualizar sobre tudo.
Caleb assentiu e seguiu seus irmãos para dentro da casa.
Era bom estar em casa.

FIM

MAIS DOS CHAPMANS POR VIR



Everett é o pacificador. Mesmo que sua família tenha brigado com o rancho mais próximo há anos, Everett sempre teve um jeito carinhoso com a moça que mora lá. Quando ele tem uma ideia maluca para fazer suas famílias ouvirem, isso vai aproximá-las ou separá-las?



Cansada de quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide resolver o assunto com as próprias mãos. O que ela não esperava era que o amigo de infância da família percebesse como ela era adulta e jurasse protegê-la; mesmo que fosse de sua própria família.

OS CHAPMANS

LIVRO 1



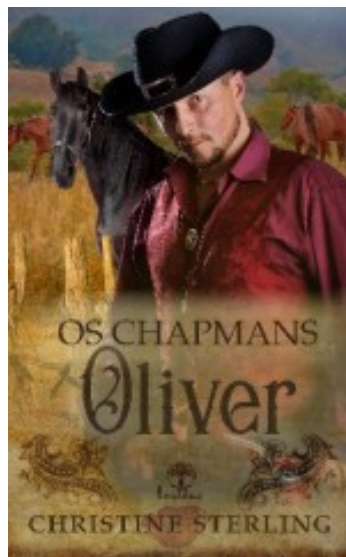
Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não mandá-la de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

LIVRO 2



Oliver Chapman está vivendo sua melhor fase; tem tudo o que precisa, sem intenção de se casar. Isto é, até que uma mulher misteriosa aparece em seu rancho. Um casamento de conveniência poderá levar Oliver a perder seu coração?

Uma mulher maltratada é a última coisa que Oliver Chapman esperava ver ao explorar o campo. E sabia que não tinha escolha a não ser levá-la para casa e permitir que se curasse. Mas chegar perto de Willow está se mostrando mais difícil do que dos cavalos que correm soltos na pradaria.

Willow Stephens não confia nos homens. Ela foi usada pelo irmão para pagar uma dívida de jogo, e o homem que possui essa dívida é um dos mais perversos que já conheceu. Quando ela mata um homem em Flat River, Nebraska, sabe que precisa fugir. Mas não contava em ser resgatada por um cowboy alto e bonito, nem que sua família a protegeria com tudo o que tem.

Quando a lei vier à procura de Willow, será que Oliver fará o sacrifício final para protegê-la? Será que ele perderá seu coração e sua liberdade no processo? E Willow, aprenderá a confiar em Oliver o suficiente para lhe dar seu coração? O amor poderá conquistar todas as coisas e deixar a verdade libertá-las?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)